

SELF SEMIÓTICO E SELF DIALÓGICO: UM ESTUDO DO PROCESSO REFLEXIVO
DA CONSCIÊNCIA

Mariane Lima de Souza

Tese apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Doutor em Psicologia
sob orientação do
Professor Dr. William B. Gomes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento
Junho de 2005

Agradecimentos

Ao Adriano, pelo apoio irrestrito.

Aos meus pais, Odilair e Adalberto, e irmãos, Greice e Gilberto, pelo carinho e apoio logístico.

Ao Professor William B. Gomes, pelo estímulo à busca permanente de rigor científico e inovação, incansável ao longo de onze anos de convivência.

Ao Professor Hubert J. M. Hermans, meu orientador estrangeiro na *Radboud Universiteit Nijmegen*, Holanda.

Aos colegas, doutorandos, mestrandos e bolsistas de iniciação científica, em especial, Amanda e Manoela, do Laboratório de Fenomenologia Experimental e Cognição.

Finalmente, agradeço o apoio da Capes, por tornar financeiramente viáveis quatro anos de dedicação exclusiva à minha formação, incluindo o período de cinco meses de estágio no exterior.

*We shall not cease from exploration
And the end of all our exploring
Will be to arrive where we started
And know the place for the first time.*

T. S. Eliot

“O verdadeiro *Cogito* não substitui o próprio mundo pela significação mundo.”

Maurice Merleau-Ponty

Sumário

Sumário de Figuras	06
Resumo	07
<i>Abstract</i>	08
Introdução	09
Estudo 1- O processo reflexivo da consciência: aspectos históricos e contemporâneos na investigação do self	15
A idéia psicológica do self: do eu interior à ação humana	17
A investigação psicológica do self: o self enquanto corpo	27
Conclusão	34
Referências	36
Estudo 2 - Temporalidade e espacialidade no diálogo: convergências e divergências nas abordagens semiótica e dialógica do self	41
O self dialógico e a espacialização do diálogo	43
O self semiótico e a temporalização do diálogo	47
Convergências e divergências nas perspectivas semiótica e dialógica de self	51
Conclusão	57
Referências	59
Estudo 3 - <i>Verbalized inner speech and the expressiveness of self-consciousness</i> /Conversaço interna e a expressividade da consciência de si	62
<i>Method</i> /Método	67
<i>Results and discussion</i> /Resultados e discussão	70
<i>Conclusion</i> /Conclusão	78
<i>References</i> /Referências	80
Estudo 4- <i>From dialogical self to the Personal Position Repertoire: the logical relations underlying self, positons and dialogicality</i> /Do self dialógico ao Repertório de Posição Pessoal: as relações lógicas por trás de self, posições e dialogicidade	85
<i>The dialogical self</i> /O self dialógico	88
<i>Differentiating between self and identity</i> /Diferenciando self e identidade	92
<i>Empirical evidence</i> /Evidência empírica	93
<i>Method</i> /Método	93
<i>Results</i> /Resultados	96
<i>Discussion</i> /Discussão	103
<i>Conclusion</i> /Conclusão	107
<i>Referencies</i> /Referências	109
Conclusão	111
Referências	116

Anexos	
A – Termo de Consentimento Informado.....	132
B – Descrição dos participantes e da ordem de aplicação dos instrumentos.....	133
C – Transcrição de um excerto da sessão do participante 06 com o Teste de	
Matrizes Progressivas	134
D – Lista padronizada de posições internas e externas (Hermans, 2001b) – versão	
brasileira	135
E – Matriz de Posições Internas e Externas (Hermans, 2001b) – versão brasileira	136
F – Questões para gerar valorações.....	137
G – Lista de termos afetivos (Hermans, 2001b) – versão brasileira.....	138
H – Matrizes de Posições Internas e Externas dos participantes	139
I – Matrizes de Valorações e Afetos dos participantes	159

Sumário de Figuras

Estudo 2

Figura 1 – Pentagrama de comunicação 49

Figura 2 – Diálogo entre as posições do eu 53

Estudo 4

Figure 1 – Internal positions' frequencies 97

Figure 2 – External positions' frequencies 99

Resumo

Duas perspectivas teóricas têm se destacado na tentativa de responder aos impasses epistemológicos colocados pela investigação do self: a dialógica e a semiótica. Ambas as perspectivas fornecem o contexto para o problema de pesquisa recortado no presente estudo: perguntam-se quais os pressupostos fundamentais da teorização psicológica do self, com um foco específico no que é semiótico e no que é dialógico e como essas condições são expressas e percebidas por *selves*. A tese está organizada em quatro estudos. O primeiro estudo contrasta uma análise histórica da teorização psicológica do self com os resultados mais recentes da investigação empírica na área e sugere uma nova compreensão problemática do fenômeno, direcionada para a perspectiva comunicacional. O segundo estudo apresenta uma análise crítica das abordagens dialógica e semiótica, argumentando que diferenças de ênfase na dimensão espaço-temporal do self em cada teoria implicam duas epistemologias e ontologias distintas. O terceiro estudo investiga a conversação interna verbalizada de dezoito adultos, revelando a estrutura essencial subjacente à expressão consciente de relações dialógicas. O quarto estudo toma por base a análise dos Repertórios de Posições Pessoais de dezessete adultos e sugere que o RPP é um instrumento efetivo para examinar a estrutura espacial básica da dialogicidade, embora não esteja apto a mostrar a dialogicidade em ação. À guisa de conclusão geral, são retomados os argumentos fornecidos pelas análises eidética e empírica e brevemente discutidas as implicações da abordagem fenomenológica de pesquisa proposta nesta tese.

Abstract

Two theoretical perspectives have gained attention as an attempt to answer the epistemological impasses set for self's investigation: the dialogical and the semiotic theoretical framework. Both perspectives set the context for the research problem delimited in the present study: one asks what are the fundamental assumptions underlying the self's psychological theorization, focusing especially what is semiotic and what is dialogic and how these conditions are expressed and perceived by selves. This dissertation is organized in four studies. The first one compares a historical critical account on self's psychological theorization and recent empirical evidence to suggest a new understanding of the self's phenomenon, directed towards communication. The second study presents a critical account on dialogical and semiotic approaches on self, arguing that different emphasis on self's spatio-temporal dimension implies different epistemology and ontology for each theory. The third study investigates the verbalized inner speech of eighteen adults, revealing the essential structure underlying the conscious experience of dialogic relations. The fourth study relies on an analysis of seventeen adult's Personal Position Repertoires. Results suggest that the PPR is an effective instrument to examine the basic spatial structure of dialogicity, but it is not able to show dialogicity in action. The conclusion session reviews the main arguments provided by the four studies and discuss briefly the issues of the phenomenological research approach proposed in this thesis.

INTRODUÇÃO

Observou-se nos últimos anos um notório reavivamento no estudo do fenômeno self. O tema tem estimulado a criação de sociedades científicas, como por exemplo, a *International Society for Self and Identity – ISSI* – uma associação interdisciplinar de cientistas comportamentais e sociais; a *International Society for Dialogical Science*, cujo propósito é investigar as relações entre diálogo e self; a *Consciousness and Experimental Psychology*, uma seção da *British Psychological Society*, que incluiu como tema de sua quinta conferência anual, ocorrida em setembro de 2002, o self evolutivo (*evolving self*), e com a nona edição prevista para setembro de 2005. Além disso, as conferências (ver a *International Conference on the Dialogical Self* – com a primeira edição em junho de 2000 e quarta edição prevista para 2006), os periódicos científicos e os meios de divulgação eletrônicos (conferir o *Journal of Consciousness Studies*, o *Consciousness and Cognition*, incluindo o *e-journal PSYCHE*, bem como a listagem *on-line* de artigos de conferência ainda não publicados, mantida pela *ISSI* com o propósito de sustentar uma comunicação instantânea de novas idéias e achados) têm colocado os estudos sobre o self na pauta da mais recente discussão científica.

Embora tratado por vezes como um problema adjacente sob a rubrica do campo mais amplo da consciência, ou sob os conceitos de ‘autoconsciência’, ‘consciência de si’, ‘sentido de si’ e ‘eu’, todas essas noções referem-se ao fenômeno denominado self. Conforme Harré (1998), uma grande variedade caracteriza os estudos conduzidos sob o tópico “self”. Acrescente-se a isso uma pobreza de recursos lingüísticos para falar da mente (Humphrey, 1999) e é possível, então, estimar a extensão dos problemas enfrentados pelos pesquisadores dessa área. De fato, a busca de uma tradução adequada para o termo self nas

diversas línguas configura, por si só, uma parte significativa da investigação do fenômeno (conferir Harré & Gillett, 1999 e Toulmin, 1977). Nas publicações em língua portuguesa no Brasil, self não tem sido traduzido (conferir Damásio, 2000; Harré & Gillett, 1999; Taylor, 1997 e Wiley, 1996). Nas traduções publicadas em Portugal, é possível encontrar o termo self como consciência (Eccles, 2000), eu (Bermúdez, 2000) e si (Damásio, 2003, versão portuguesa do próprio autor).

No Brasil, grande parte dos artigos publicados na última década sobre a temática do self refere-se a estudos empíricos voltados para medidas psicológicas de construtos correlatos. No entanto, há também estudos teóricos como veremos adiante. Os estudos empíricos abrangem a construção e validação de escalas de autoconceito (Da Costa, 2002; Noriega, Albuquerque, Laborin, Silva & Ávila, 2002), auto-eficácia (Leite, Drachler, Centeno, Pinheiro & Silveira, 2002), atração intersexual e autoconceito (Ramos, Santos & Costa, 1994); de inventários de auto-estima (Gobitta & Guzzo, 2002) e dos esquemas de gênero do autoconceito (Giavoni & Tamayo, 2000). Além disso, foram investigadas as relações entre a atividade física regular e o autoconceito (Tamayo, Campos, Matos, Mendes, Santos & Carvalho, 2001), o autoconceito em situação escolar (Moraes, 1994; Taliuli, 1991) e a auto-eficácia e os aspectos comportamentais de crianças com dificuldade de aprendizagem (Medeiros, Loureiro, Linhares & Marturano, 2000).

Os estudos teóricos, por sua vez, embora voltados para uma análise conceitual, oferecem uma descrição do self a partir de uma perspectiva teórico-psicológica pré-estabelecida. Tais estudos focalizam as noções de self junguiano (Raffaelli, 2002), da consciência no pensamento de Wilhelm Reich (Costa & Sigelmann, 1999), do eu social de G. H. Mead (Ferreira, 1999), do self de um ponto de vista fenomenológico-existencial (Zago, 1998), do self na psicologia objetal (Tenenbaum, 1996), do self em Winnicott (Rosa,

1996 e Delouya, 1996) e do eu na literatura freudiana (Celes, 1993). Contudo, já se nota um esforço no sentido de ampliar a discussão do fenômeno, propondo comparações entre as diferentes perspectivas teóricas. Confirma-se, por exemplo, a comparação feita por Hazan (1999) entre Freud, Jung e Moreno na experiência clínica, bem como os estudos de Marchiori (2000) sobre a percepção do eu no novo meio da realidade virtual, de Martins (1998) sobre as noções de autoconceito e auto-estima, e de Ades (1998) e Pereira Júnior (1999) sobre auto-reconhecimento.

Uma abordagem diferenciada do fenômeno self, voltada para o debate multidisciplinar e a discussão de pressupostos ontológicos fundamentais, pode ser encontrada nos estudos sobre o tema mais abrangente da consciência. Tais estudos formam um capítulo à parte como demonstra o número temático do periódico *Psicologia USP*, publicado em 1997 e inteiramente dedicado à questão da consciência. A publicação reúne contribuições de filósofos, neurocientistas, etólogos, psiquiatras e psicólogos, que abordam o tema da consciência de uma perspectiva global, biológica ou metodológica. Esses estudos refletem as recentes temáticas da investigação do self levantadas pela pesquisa internacional.

Voltando o foco ao debate ontológico envolvendo o problema do self, duas perspectivas teóricas recentes vêm recebendo certa atenção: a semiótica e a dialógica. A perspectiva semiótica do self refere-se ao trabalho de Pickering (1999) sobre o caráter processual do self, e especialmente, ao trabalho de Wiley (1994) sobre o self enquanto um processo semiótico. Os autores mencionados procedem das áreas de comunicação e de sociologia. A perspectiva dialógica do self refere-se aos trabalhos pioneiros dos psicólogos Hermans, Kempen e Van Loon (1992), e Hermans & Kempen (1993), bem como à série de estudos publicados posteriormente por Hermans (1999, 2001a, 2001b, 2002 e 2003).

Ambas as perspectivas, ao mesmo tempo em que especificam o recorte do fenômeno self realizado na presente tese, constituem-se em objeto de estudo. Desta forma, o termo self (mantido em sua grafia inglesa original) é utilizado para referir-se ao fenômeno da reflexividade da consciência, isto é, a consciência de si, uma condição humana universal, presente em “todos os seres humanos da mesma maneira genérica em qualquer época e lugar” (Wiley, 1994, p. 17).

Partindo dessa definição, o presente estudo articula-se em torno de um problema epistemológico: perguntam-se quais os pressupostos fundamentais da teorização psicológica do self, tomando como contexto as abordagens semiótica e dialógica do self. Mais especificamente, pretende-se responder o que é semiótico e o que é dialógico e como essas condições são expressas e percebidas por *selves*, considerando-se que aquele que pesquisa também é um self.

A presente tese é uma análise crítica da teorização psicológica do fenômeno self, definido em sua condição processual de reflexividade, isto é, da consciência voltada sobre si mesma. O foco de pesquisa é a expressão consciente do self. A análise crítica orienta-se por dois modos de problematização. A primeira problematização é eidética: um processo ideacional ou conceitual é testado reflexivamente pela construção de uma teoria empírica. A segunda problematização é empírica: uma performance ou ação é testada reflexivamente pela construção de uma teoria eidética (Lanigan, 1992). Deste modo, substituem-se as duas abordagens comuns de pesquisa, isto é, pesquisa-então-teoria ou teoria-então-pesquisa, por uma composição combinatória e reversiva entre pesquisa e teoria. Como se sabe, na abordagem pesquisa-então-teoria (Kuhn, 1989) os fatos revelam o objeto sob investigação e são descritos como generalizações probabilísticas ou como tipos exemplares. Em contraste, na abordagem teoria-então-pesquisa os postulados indicam quais os fatos relevantes para

pesquisa. Na abordagem combinatória, as duas abordagens estão juntas na exploração de onde o fenômeno está localizado para então proceder à qualificação ou a quantificação. A perspectiva eidética resultou nos dois primeiros artigos e foi guiada pela lógica dedutiva (Lanigan, 1992), segundo a qual, em um mesmo contexto (Regra), dois fenômenos (Caso) são internamente comparados (Resultado). A perspectiva empírica resultou nos dois últimos artigos e foi guiada por uma lógica adutiva (Lanigan, 1992), segundo a qual, em contextos diferentes (Regra), uma comparação externa (Resultado) estabelece a identidade de dois fenômenos (Caso). Os quatro estudos são apresentados em formato de artigo, respeitando inclusive o limite de páginas estipulado pelas publicações. Os artigos preparados para revistas internacionais foram redigidos em língua inglesa. O problema da limitação de espaço para a apresentação mais detalhada dos dados de pesquisa foi solucionado com a inclusão de diversos dados como anexos, ao final da tese¹. O eixo central que perpassa todos os estudos é a sistemática metodológica qualitativa da fenomenologia, fundamentada em três passos reflexivos e subseqüentes denominados descrição, redução e interpretação. Na organização metodológica geral da tese, os estudos 1 e 2 constituem a descrição fenomenológica, os estudos 3 e 4 constituem a redução fenomenológica, e a discussão geral apresentada em forma de conclusão pode ser considerada como uma interpretação fenomenológica. Contudo, os três passos da sistemática fenomenológica estão presentes, também, em cada estudo².

O primeiro estudo, sob o título *Aspectos históricos e contemporâneos na investigação do self*, apresenta o contexto epistemológico da teorização psicológica do self,

¹ Nos artigos em inglês, nos quais os dados coletados constituem a evidência empírica que sustenta a discussão apresentada, procurou-se remeter o leitor, sempre que necessário, aos dados completos anexados ao final da tese. Essa informação é dada em português, inserida entre colchetes no corpo do texto.

² O projeto de pesquisa (incluindo a coleta dos dados utilizados nos estudos 3 e 4) foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Todos os participantes foram informados sobre a pesquisa e declararam-se voluntários com a assinatura do Termo de Consentimento Informado (ver Anexo A).

sugerindo uma compreensão do fenômeno enquanto processo reflexivo da consciência e como um problema comunicacional. O segundo estudo, *Temporalidade e espacialidade no diálogo: convergências e divergências nas abordagens semiótica e dialógica do self*, apresenta uma análise crítica das abordagens dialógica e semiótica, indicando as diferenças de ênfase na dimensão espaço-temporal do self e suas implicações epistemológicas para o conceito de comunicação e de diálogo. O terceiro e o quarto estudos, redigidos em inglês com os respectivos títulos de *Verbalized inner speech and the expressiveness of self-consciousness* e *From dialogical self to the Personal Position Repertoire: the logical relations underlying self, positions and dialogicality*, oferecem uma descrição qualitativa dos modos de expressão da consciência enquanto processo reflexivo, em dois contextos metodológicos diferentes: a investigação da conversação interna verbalizada e o Repertório de Posição Pessoal.

ESTUDO 1

Aspectos históricos e contemporâneos na investigação do self

Resumo

Em consonância com o reavivamento do debate em torno da consciência nas últimas décadas, o presente artigo propõe um foco no processo reflexivo da consciência, tratado na literatura científica internacional como o estudo do *self*. Uma análise histórica da teorização psicológica do *self* é contrastada com os resultados mais recentes da investigação empírica na área da psicologia do desenvolvimento. Aponta-se como as noções de narratividade, corpo e interação têm transformado a teorização psicológica do *self*, delineando uma nova problemática direcionada para uma perspectiva comunicacional. Argumenta-se que o problema do *self* pode ser reformulado em termos de uma relação entre consciência e suas formas de expressão, a partir do qual se define *self* como um processo de interação comunicativa entre consciência e corpo situado no mundo.

Palavras-chave: Self; consciência; expressividade; comunicação.

Historical and contemporary aspects of self investigation

Abstract

Consonant with the revival of the debate on consciousness in the last decades, this article focuses on the consciousness' reflexive process, handled as the self's study in the scientific milieu. An historical account on the psychological theorization of the self is contrasted with recent results of empirical research in developmental psychology. It is suggested that notions of narrative, body and interaction have been transforming the psychological theorization of self, drawing a new problematic directed towards a communication approach. It is argued the problem of the self may be reformulated in terms of a relationship between consciousness and its ways of expression, which defines self as a process of communicational interaction between consciousness and body.

Keywords: Self; consciousness; expressiveness; communication.

A consciência é novamente um tema central em Psicologia. O advento das ciências cognitivas resgatou o interesse por esse processo básico, origem da própria psicologia enquanto disciplina científica. A partir da década de 1990, diversos estudos voltaram seu foco para o processo reflexivo da consciência, tratado na literatura científica internacional como o estudo do *self*³ (conferir especialmente Gallagher & Shear, 1999). Nesta área, especificamente, pesquisa e teoria têm recebido um considerável aporte de contribuições, embora esta última ainda não possa fornecer um entendimento conclusivo sobre o tema e a primeira ainda não tenha condições de verificar empiricamente a validade de algumas hipóteses formuladas. O resultado dessa abertura instigante do campo de pesquisa é a proliferação de dados empíricos, obtidos principalmente através da pesquisa neurobiológica nos últimos anos. Como consequência para a pesquisa psicológica, coloca-se o desafio de integrar essas inúmeras evidências em uma síntese que permita uma melhor compreensão da consciência humana. Essa compreensão integradora implica, necessariamente, o entendimento de certas questões fundamentais amplamente difundidas nos debates multidisciplinares sobre o problema do *self*. Tais questões procuram responder, essencialmente, qual a relação entre o *self* e suas bases biológicas ou cerebrais e como estabelecer a relação natureza *versus* criação, isto é, como definir a intensidade do efeito da cultura no *self*.

O foco principal deste artigo é estabelecer um contraste entre as respostas que a teorização psicológica tem formulado às questões do *self* ao longo de sua história como disciplina científica; e os resultados mais recentes da investigação empírica, na área da

³ A busca de uma tradução adequada para o termo *self* nas diversas línguas configura, por si só, uma parte significativa da investigação do fenômeno (conferir Harré & Gillett, 1999 e Toulmin, 1977). Nas traduções para a língua portuguesa no Brasil, *self* não tem sido traduzido (conferir Damásio, 2000; Harré & Gillett, 1999; Taylor, 1997 e Wiley, 1996). Nas traduções publicadas em Portugal, é possível encontrar o termo *self* como consciência (Eccles, 2000), eu (Bermúdez, 2000) e si (Damásio, 2003, versão portuguesa do próprio autor).

psicologia do desenvolvimento. O texto está dividido em dois blocos, cada qual cobrindo um período histórico específico e cronologicamente sequencial. O primeiro bloco rastreia a formação de uma idéia psicológica do self, desde o período pré-científico da especulação psicológica do eu, no século XVIII, até os meados da década de 1950, quando o self estabelece-se definitivamente como um fenômeno central na teorização psicológica. O percurso histórico assim esboçado é o resultado de uma articulação entre três diferentes pontos-de-vista: o americano (Hilgard, 1987), o europeu (Canguilhem, 1968/1994) e o social psicológico (Gergen, 1984). O segundo bloco focaliza os principais resultados levantados pela investigação psicológica do self na última década, com especial ênfase na teoria ecológica do desenvolvimento e sua concepção do self como produto de uma interação entre o indivíduo e o meio.

A idéia psicológica do self: do eu interior à ação humana

O termo psicologia entendido como ciência do eu aparece primeiramente na obra do filósofo alemão Christian Wolff (1679-1754)⁴, precedendo em quase duas décadas a primeira obra dada a público de Rousseau, o descobridor do novo self interior de substância moral, nos termos de Solomon (1988). No final do mesmo século XVIII em que surgiu como ciência do eu, a psicologia tornou-se a técnica do diário íntimo e a ciência do sentido íntimo através da obra de Maine de Biran (1766-1824) (Canguilhem, 1968/1994).

A concepção biraniana do eu contrapôs ao materialismo da época um psiquismo humano fundamentado na experiência. A experiência foi definida como um método de observação interna que implicava tanto a noção de dinamismo da consciência quanto a

⁴ *Psychologia empirica* e *Psychologia rationalis*, publicadas em latim, respectivamente, em 1732 e 1734.

noção do eu como atividade do espírito. Esse novo método de tratar o homem interior não é resultado da observação sensorial ou do processo racional, mas apenas possível na forma de um sentimento interior (Mueller, 1968). O resultado é a apreensão do eu vivente como fato primitivo, isto é, a apercepção imediata que nos dá a certeza dele. Esse eu revela-se como uma força capaz de dominar os órgãos e torná-los instrumentos de suas decisões, estando presente em cada um de nossos atos voluntários (Maine de Biran, 1802/1954). Contudo, a noção de esforço voluntário, origem da insistência de Maine de Biran no sentimento de liberdade, leva sua psicologia, em última instância, a desembocar em um misticismo cristão e a desacreditar toda a escola em vista do novo espírito científico que começava a se impor no campo da psicologia (Rosenfeld, 1993).

Maine de Biran deve ser reconhecido, portanto, como o promotor de uma psicologia metafísica que representou a passagem do naturalismo do século XVIII (do qual Rousseau foi o único grande adversário) para uma forma de espiritualismo que substituiu o método indutivo de Francis Bacon (Mueller, 1968). No contexto da investigação psicológica do self, a relevância de sua obra reside no fato de suas idéias representarem um importante esforço de escapar ao reducionismo materialista, através da postulação da experiência como método de observação do eu.

Nos séculos XIX e XX, com o grande aporte de conhecimento advindo de estudos anatômicos, fisiológicos e biológicos, passou-se a delinear o projeto de uma psicologia científica que implicava o afastamento da especulação filosófica (Canguilhem, 1968/1994), isto é, a procura de uma idéia de homem para além dos dados biológicos e sociológicos. O trabalho de Wundt (1832-1920) encerra de vez qualquer possibilidade de uma concepção espiritualista metafísica do eu ou do self, resgatando o materialismo reformulado em uma nova proposta de entendimento do fenômeno.

No seu projeto de uma psicologia experimental, Wundt sugeriu que se definisse a psicologia como a ciência da consciência, preferindo desprezar as antigas definições de psicologia como ciência da mente ou da alma (Wundt, 1904). A mente, na concepção wundtiana, passou a ser definida não como um objeto, mas como um processo consciente que se produz de acordo com as leis de causalidade (Wolman, 1970). O processo consciente é constituído por elementos que são as idéias (procedentes do meio externo) e os sentimentos e impulsos (procedentes do organismo). Enquanto as idéias se compõem de sensações distintas em qualidade e intensidade que são conduzidas por nervos aferentes, os sentimentos não procedem de nenhum órgão sensorial. A volição (responsável pelos impulsos) é uma espécie de sentimento de decisão ou resolução, que conduz a uma ação manifesta. Ela representa as necessidades do organismo e sua tendência a um comportamento intencional. A unidade total do eu, por sua vez, é ao mesmo tempo a base e a essência das volições.

Embora Wundt reconhecesse que essa unidade do eu definida como caráter era o ponto culminante de sua psicologia volitiva, reservou o estudo do caráter à psicologia prática, pois para a nova psicologia experimental era difícil enfrentar os problemas da individualidade (Hilgard, 1987). Quando os psicólogos experimentais voltaram-se para o estudo das funções cognitivas e para as medidas de diferenças individuais nestas funções, ficou evidente a influência de diversas outras diferenças que não as apontadas nos testes mentais. Mas essas diferenças, concebidas como variações de caráter, eram parte do folclore do passado e, portanto, estudadas por aqueles cuja identificação principal não era com a psicologia. O resultado, afirma Hilgard (1987), foi deixar a encargo dos psicólogos do século XX o desenvolvimento de uma psicologia da personalidade e do self.

No século XX, portanto, o self foi abordado de diversas formas e por diferentes linhas de pensamento que buscaram responder principalmente às questões sobre a personalidade, mas que também propuseram interpretações voltadas para o contexto social, combinando uma já existente psicologia do desenvolvimento com a psicologia social que estava emergindo (Hilgard, 1987). Uma apreciação adequada dessa diversidade de perspectivas na investigação psicológica contemporânea do self e suas influências nas áreas de pesquisa atuais é oferecida pelo trabalho esclarecedor de Gergen (1984). O autor identifica três principais pilares na pesquisa contemporânea do self: o primeiro pilar é constituído pela obra seminal de William James (1890/1990) sobre o senso de identidade e a configuração da auto-estima; o segundo, pela teoria psicanalítica representada, principalmente, pelos autores que posteriormente reformularam os conceitos freudianos, e o terceiro, pelo interacionismo simbólico de George Herbert Mead (1934) e Charles Horton Cooley (1902).

William James (1842-1910) forneceu a primeira sistematização do conceito de self em psicologia, dividindo-o em três partes: seus constituintes, os sentimentos e emoções que eles provocam e as ações que eles incitam (James, 1890/1990). A vida empírica do self é constituída por três distintos *selves* – material, social e espiritual –, divididos em duas classes – auto-aspirações (*self-seeking*) e auto-avaliações (*self-estimation*). Entretanto, o self tem um quarto constituinte que não é empírico, denominado “Ego puro” (*pure Ego*). O self material abrange o próprio corpo, nossas roupas, nossos familiares e mesmo nossas propriedades. O self social de um indivíduo é o reconhecimento que ele obtém de seus pares, isto é, um indivíduo tem tantos eus sociais quantos indivíduos que o conhecem e carregam uma imagem dele em suas mentes. A ascensão e a queda de *status* social provocam mudanças emocionais semelhantes ao aumento e diminuição do self emocional.

O self espiritual abrange todas as faculdades ou disposições psíquicas do indivíduo, funcionando como o centro da ação e da adaptação. O ego puro é o senso de identidade pessoal, o senso de uma “mesmidade” (*sameness*) percebida através do pensamento e predicativa das coisas sobre as quais se pensa. Essa identidade pessoal não existe como um fato, mas sim como um sentimento do mesmo (James, 1890/1990):

O senso de nossa própria identidade pessoal, então, é exatamente como qualquer uma de nossas outras percepções de semelhança entre fenômenos. É uma conclusão fundada ou em uma semelhança fundamental, ou na continuidade anterior à mente, do fenômeno comparado (p. 215).

Enquanto o “mim” (*me*) empírico pode ser definido como um agregado de coisas objetivamente conhecidas, o “eu” (*I*) que as conhece não pode ele mesmo ser um agregado e tampouco ser considerado como uma entidade metafísica como a alma vista como fora do tempo. Ele é um pensamento, diferente a cada momento daquele pensamento anterior, mas “apropriativo” desse último pensamento anterior. Com o conceito de pensamento (*Thought*), James (1890/1990) enfatizou as distinções entre sua concepção de um “princípio interno de unidade pessoal” (p. 220) e a alma da teoria espiritualista (com suas origens em Platão e Aristóteles), a consciência de si da teoria associacionista (com origem em Locke e Hume, e apogeu em J. S. Mill) e, finalmente, o eu puro da teoria transcendentalista (com origem em Kant).

As idéias de James sobre o self tiveram continuidade no trabalho de sua discípula Mary Calkins (1860-1930), que lutou por uma psicologia do self durante muitos anos. Calkins (1915) defendeu a clarificação, ampliação e enriquecimento da descrição psicológica do self “pelos esforços de todos os psicólogos trabalhando em todos os ramos da ciência” (p. 497). Entretanto, a forte oposição de Titchener (1867-1927), que negava a

legitimidade da descoberta do self através de uma psicologia descritiva introspectiva, e o crescente domínio do comportamentalismo removeram a psicologia do self do foco central da psicologia acadêmica (Hilgard, 1987). A obra de Mary Calkins teve melhor repercussão entre os filósofos.

Paralelamente à interpretação introspeccionista e funcionalista de Calkins, surgiu uma abordagem do self que enfatizava o contexto social no qual o self se desenvolveu, proposta pelos sociólogos e pelo evolucionista James Mark Baldwin (1861-1934). Essa abordagem constitui o segundo pilar da investigação contemporânea, identificado por Gergen (1984) no trabalho dos sociólogos Charles Horton Cooley (1864-1929) e George Herbert Mead (1863-1931). Baldwin (1895) propôs uma dialética do crescimento pessoal no qual a percepção que a criança tem dela mesma começa em uma tenra idade. Ao observar o que aconteceu com seu próprio corpo assim que começou a movimentar objetos, a criança gradualmente passa a distinguir ela mesma das outras. O nascimento do self social ocorre quando a criança torna-se consciente de que o corpo das outras pessoas teve experiências tais como as suas.

Embora fosse um sociólogo, Cooley sustentou uma visão de desenvolvimento muito próxima a de Baldwin (Hilgard, 1987). Conforme o primeiro autor, algo do mais primitivo sentimento de si depende da habilidade de controlar os objetos visíveis, os braços e pernas, os brinquedos, etc. Com o tempo, emerge um *looking-glass self*, isto é, um self-espelho que nos faz ver a nós mesmos como os outros nos vêem.

Cooley (1902) definiu o self social como qualquer idéia ou sistema de idéias retirado da vida comunicativa que a mente mantém como se fosse seu próprio sistema. Enquanto conectado com o pensamento de outras pessoas, essa idéia de si (*self idea*) é sempre uma consciência do aspecto peculiar ou diferenciado da vida de alguém. Essa

referência social, em uma série de casos, toma a forma de uma imaginação sobre como o nosso self – isto é, qualquer idéia de que nos apropriamos – aparece em uma mente particular. Por conseqüência, o tipo de sentimento de si que nós temos é determinado pela atitude em relação a essa idéia que foi atribuída àquela outra mente. O self social deste tipo deve ser chamado de self refletido ou self-espelho (*looking glass self*), explica Cooley (1902, p. 181):

Da mesma forma que ao vermos nossa face e roupas no espelho ficamos interessados neles porque são nossos, e satisfeitos ou não com eles se eles respondem ou não ao que nós gostaríamos que eles fossem; na imaginação nós percebemos na mente do outro algum pensamento de nossa aparência, maneiras, objetivos, ações, caráter, amigos e assim por diante, e somos afetados por isso de diversas formas.

Em resumo, a idéia-self é constituída por três elementos principais: a imaginação de nossa aparência para outra pessoa; a imaginação do julgamento dessa pessoa sobre nossa aparência; algum tipo de auto-sentimento, como orgulho ou mortificação.

Contemporâneo de Cooley, e igualmente sociólogo, Mead ofereceu uma descrição do self social na qual a ênfase recai em sua habilidade de tomar o lugar do outro, através do uso da linguagem. Em outros termos, o indivíduo só aparece em seu próprio comportamento como um self quando ele é capaz de tomar a atitude do outro e torná-la parte essencial do próprio comportamento. Para Mead (1934), o self não é um processo no qual a conversação de gestos foi internalizada em uma forma orgânica. Nesse processo, que não existe por si mesmo, a organização do ato social é importada para dentro do organismo e torna-se a mente do indivíduo. A mente inclui também as atitudes dos outros, agora altamente organizadas, que se tornam as atitudes sociais:

Esse processo de relacionar o próprio organismo aos outros nas interações que estão em andamento, na medida em que ele é importado para a conduta do indivíduo com a conversação do “eu” e o “mim”, constitui o self (Mead, 1934, p. 128).

Essa importação da conversação de gestos para a conduta do indivíduo resulta em uma “co-ordenação” superior obtida pela sociedade como um todo, bem como em uma elevação da eficiência do indivíduo como membro do grupo. Tais resultados diferenciam o processo que ocorre em um grupo de ratos, formigas ou abelhas, e o processo que ocorre em uma comunidade humana. Nesta última, o processo pode ser caracterizado em termos de “eu” e “mim”, definindo este último como o grupo de atitudes organizadas às quais o indivíduo responde como um “eu”.

O que Mead (1934) buscou enfatizar, em seus próprios termos, foi a pré-existência temporal e lógica do processo social para o indivíduo consciente de si que cresce nele. A conversação de gestos é uma parte do processo social e não algo que o indivíduo sozinho torna possível. O desenvolvimento da linguagem, especialmente o símbolo significante (*significant symbol*), tornou possível para o indivíduo controlar essa situação social externa através de sua própria conduta. O indivíduo agora é capaz de prever a resposta dos outros indivíduos, e de se ajustar antecipadamente a ela. Tal conduta, por sua vez, produz uma mudança na situação social que é novamente refletida no que Mead (1934) denomina o “mim”.

Mead desempenhou um importante papel como sociólogo de orientação psicológica. Porém, embora ele tenha se associado durante algum tempo com Dewey e Angell nas Universidades de Michigan e Chicago, os tratamentos iniciais do self em um contexto social foram largamente ignorados por psicólogos acadêmicos por causa da separação entre a psicologia e a sociologia (Hilgard, 1987).

Nas décadas seguintes, o advento do comportamentalismo fez as discussões sobre o self declinarem até tornar o tema uma espécie de tabu. O responsável pelo retorno do conceito de self à psicologia foi Gordon Allport, e seu artigo “*The ego in contemporary Psychology*” (1943) seria eventualmente citado como um marco (Hilgard, 1987).

Allport (1897-1967) recebeu e incorporou ao seu pensamento uma série de influências, podendo-se citar entre as principais, a psicologia da Gestalt e os trabalhos de William Stern (1871-1938), William James e William McDougall (1871-1938). Sua análise cuidadosa e crítica do ressurgimento do conceito de self foi uma tentativa de responder à questão sobre a necessidade de um tal conceito para a psicologia:

Temo muito que a cômoda tendência de empregar o conceito de eu como panacéia para reparar os estragos do positivismo fará mais mal que bem (...) O problema, portanto, é o de saber como abordar o fenômeno que provocou o ressurgimento do conceito de eu de modo que represente um progresso e não um obstáculo científico (Allport, 1962, p.55).

A solução proposta por Allport (1962) foi substituir o que era descrito como funções do self ou ego por funções da personalidade. Seu objetivo era evitar a noção de self como um homúnculo ou agente que organiza e administra o sistema da personalidade. As funções da personalidade, portanto, não coincidiriam com a personalidade como um todo, mas constituiriam seus aspectos particulares, isto é, tudo o que o indivíduo sente como de importância vital em seu desenvolvimento. Esse núcleo central de funções constitui o *proprium*, responsável pela unidade interna da personalidade. A personalidade como um todo, por sua vez, incluiria, além do *proprium*, os hábitos sociais e fisiológicos, que pertencem à periferia da existência do indivíduo. Em uma espécie de releitura psicodinâmica do esquema taxonômico de William James, Allport propõe uma distinção

entre as principais funções e propriedades do *proprium*: percepção do corpo, auto-identidade, valorização do eu, extensão do ego, agente racional, auto-imagem, esforços do *proprium* e eu cognoscente.

Entretanto, ainda um pouco antes do self tornar-se novamente proeminente em psicologia, a psicologia do ego desenvolveu-se dentro da psicanálise, dando nova importância ao conceito de ego (Hilgard, 1987). A teoria psicanalítica constitui o segundo pilar da investigação contemporânea do self mencionado por Gergen (1984). O autor ressalva, contudo, que os primeiros escritos freudianos sobre o *ego* não devem ser superestimados, pois suas inquietações modificaram-se e tornaram-se populares mais tarde, através, por exemplo, dos escritos de Horney (1950) sobre amor-próprio, das investigações de Adler (1927) sobre o sentimento de inferioridade, do tratamento do autodinamismo de Sullivan (1953), da elaboração do processo de individuação por Jung (1939) e das explorações de Erikson (1950) sobre o desenvolvimento da identidade.

Entre 1940-1960 a maioria da pesquisa psicológica sobre o self pode remontar suas raízes teóricas a uma das três fontes seminais citadas. Entretanto, embora por volta da década de 1950 qualquer tabu nas discussões do self estivesse quebrado (Hilgard, 1987), a investigação do self naquele período era largamente um derivativo do paradigma *neo-behaviorista* que predominou de forma mais geral nas ciências psicológicas (Gergen, 1984). Por conseguinte, o renascimento do self na psicologia, especialmente na psicologia social, afirma o último autor, deve ser remontado à revolução cognitiva na psicologia. Nos termos de Gergen (1984), o conceito de self evoluiu do autoconhecimento à construção comunitária, do mecanicismo para a ação (*agency*), da estrutura para o processo, e finalmente, a pesquisa em psicologia social sobre o self fez emergir a imagem da ação humana (*human action*).

A investigação psicológica do self: o self enquanto corpo

Nos últimos dez anos, a ênfase na ação e no processo como pressupostos fundamentais da teorização psicológica do self reflete-se no entrecruzamento de duas grandes áreas de pesquisa em psicologia: memória autobiográfica e desenvolvimento. As evidências fornecidas por estes estudos delineiam um conceito de self profundamente marcado por sua condição de corpo situado em e influenciado por um ambiente. O self passa a ser definido como o resultado de um desenvolvimento gradual do indivíduo em permanente interação com seu meio.

A pesquisa sobre memória episódica na infância indica que o self autobiográfico é estabelecido através de narrativas conversacionais entre a criança e os outros; de conversas internas da própria criança (Nelson, 1997); e do desenvolvimento de um sentido temporal e contínuo de si mesma (Fivush, 2001). Tal processo toma por base duas aquisições do desenvolvimento: entender que as memórias são representações do passado e, como tal, entender que as memórias são subjetivas. Wang (2001) mostrou a ligação entre memória e self na relação entre os efeitos culturais sobre a recordação da infância precoce e a autodescrição. Conforme a pesquisadora, os indivíduos que descrevem a si mesmos em termos mais autofocados e positivos, fornecem memórias mais específicas e autofocadas. Tais estudos se inserem na linha das investigações sobre autonarrativas e narrativas conversacionais e apóiam a formulação de uma nova compreensão do self, que enfatiza o desenvolvimento e a dimensão diacrônica do processo.

As pesquisas em desenvolvimento infantil, como indicado por Butterworth (1999) e Legerstee (1999), fundamentam a perspectiva ecológica do desenvolvimento do self, delineada a partir do trabalho pioneiro de James Gibson (1950) sobre percepção visual, e

posteriormente também por Eleanor Gibson (1969). Para Butterworth (1999), existem caminhos através dos quais a percepção fornece informação para o self antes de haver um conceito de si. O self reflexivo mental é definido como um componente do self que se desenvolve relativamente mais tarde, embora o conhecimento de si como uma entidade singular seja fundado e permaneça dependente da informação que provém da realidade social e física.

As origens de um sentido mental de self podem ser explicadas através da taxonomia dos cinco aspectos do self descrita por Neisser (1988). Embora a descrição não tenha a pretensão de seguir a abordagem da psicologia do desenvolvimento, os cinco aspectos surgem em diferentes épocas do desenvolvimento. São eles: 1) o self ecológico (diretamente percebido com relação ao meio físico); 2) o self interpessoal (também diretamente percebido e dependente das formas emocionais de comunicação, bem como de outras formas típicas da espécie); 3) o self estendido (*extended self*) (está baseado na memória e na antecipação e implica uma representação do self); 4) o self privado (reflete o entendimento de que nossas experiências conscientes são exclusivamente nossas, e de que isto também é dependente da representação); 5) o self-conceito (uma teoria do self baseada na experiência sócio-cultural). A perspectiva do desenvolvimento encarrega-se, então, de responder como relacionar os primeiros dois níveis de self (específicos da abordagem ecológica e inatos) aos níveis quatro e cinco, através do desenvolvimento da representação de si.

Conforme Butterworth (1999), os achados em psicologia do desenvolvimento infantil sobre percepção visual fornecem importantes evidências da fundação ecológica do self. A proposição de que o self existe objetivamente “de fora” pela virtude de sua corporificação é respaldada pela evidência de que o sentido primário do self corporificado é

diretamente, isto é, perceptualmente ligado à estabilidade do meio visual, especialmente para o terreno percebido na periferia da visão. O aspecto corporificado do self, afirma o autor, é constituído através da percepção da identidade entre processos proprioceptivos cinestésicos e visuais. O princípio de unidade inerente ao aspecto reflexivo ou cognitivo do self surge, portanto, do aspecto perceptual-ecológico do self.

Por outro lado, as origens dos aspectos interpessoais do self são reveladas mais claramente nos achados sobre a imitação de gestos faciais de recém-nascidos, como a protrusão da língua. Esses achados demonstram que os bebês percebem de fora os fatos fundamentais da corporificação humana e que a emergência do cerne de um sentido humano de self depende da experiência emocional. Por exemplo, ao imitar as linhas expressivas do comportamento do bebê, a mãe revela que compreende não somente as ações da criança, mas também seus sentimentos. Em outras palavras, as ações da mãe em resposta às ações do bebê fornecem informações importantes sobre emoções especificamente humanas.

O self ecológico e o self interpessoal (os dois primeiros níveis de self) engendram uma consciência de si primária, enquanto o self estendido e o self privado (os dois últimos níveis) engendram uma consciência de si secundária. A distinção entre consciência de si de ordem primária e de ordem secundária é similar à distinção entre a consciência de si como um produto (proprioceptivo) da percepção e a consciência de si reflexiva, como um produto de representação, memória e pensamento (Butterworth, 1999). Contudo, a ponte entre dois níveis estabelece-se ainda com base em uma última evidência: o experimento clássico sobre o desenvolvimento da consciência do self no espelho. O auto-reconhecimento no espelho tem sido considerado como indicador diagnóstico da emergência de um autoconceito, afirma o autor. Ele ocorre na mesma época da aquisição do conceito de permanência

piagetiano, assim como o aspecto autobiográfico do self emerge ao mesmo tempo em que a criança adquire uma teoria da mente, isto é, a habilidade de atribuir uma vida mental aos outros.

A análise do desenvolvimento revela muitos elos entre o self conceitual e suas fundações pré-conceituais e mostra como o self é dependente das funções proprioceptivas do corpo, das experiências sociais e afetivas e dos processos do desenvolvimento cognitivo. No modelo desenvolvimental, a noção do self muda à medida que novas camadas são colocadas em torno do núcleo fundamental formado pelos aspectos ecológicos e interpessoais. Por conseguinte, não pode ser considerada, em essência, um fenômeno puramente cognitivo. “A primazia do aspecto ecológico do self é o que torna a experiência mental do self tão real para o adulto”, conclui Butterworth (1999, p. 210).

Legerstee (1999) compartilha a perspectiva desenvolvimental de Butterworth (1999) ao afirmar que o problema da autoconsciência não pode ser resolvido simplesmente adotando-se uma posição que elimina a dimensão corporal ou uma posição que contesta a noção de consciência de si ou mente. A consciência de si desenvolve-se de um nível mais primitivo para um mais complexo, conforme a teoria ecológica do self de Gibson (1969) e em oposição à distinção piagetiana clássica entre os níveis perceptual e conceitual. “Em sua origem, o conceito de self inclui os *selves* físico e mental”, afirma Legerstee (1999, p. 214), pois os bebês têm de estar aptos a representar seus *selves* físico e social para reconhecer que eles são similares e diferentes das outras pessoas, bem como para desenvolver expectativas e predições sobre o comportamento dos outros, isto é, para desenvolver uma teoria da mente.

Durante seus primeiros seis meses de vida, os bebês mostram um conceito primitivo de seus *selves* físico/social e mental e imputam estados mentais como intenções e propósito

aos outros (Legerstee, 1999). Embora essas evidências confirmem a teoria de que a mente tem conhecimento inato, elas indicam que o desenvolvimento é um processo de construção de conhecimento novo a partir de estruturas cognitivas prévias em interação com o mundo social e físico. A autora organiza a apresentação das pesquisas empíricas de acordo com duas abordagens metodológicas: aquelas que investigam consciência perceptual ou sensorial e aquelas que investigam consciência conceitual. Os estudos que fornecem informação sobre a consciência de si perceptual ou sensorial tomam por base os produtos das percepções dos bebês de si mesmos ou a experiência direta com os estímulos do ambiente que identificam o self. Tais estudos, contudo, não dizem respeito a uma compreensão conceitual do self. Por outro lado, os estudos que tem por objetivo fornecer evidência de uma consciência conceitual ou representacional do self devem mostrar que os bebês estão conscientes de aspectos de si que não estão disponíveis à experiência sensorial imediata, pois só nesses casos as identificações do self que os bebês fazem podem ser considerados produtos de suas capacidades mentais, tais como memória e representação.

A consciência de um self físico antes da locomoção independente refuta a noção de que bebês começam a vida inaptos a separar a si mesmos dos outros. Diversos estudos têm demonstrado que dentro das primeiras semanas de vida, os bebês usam ou informação visual ou informação proprioceptiva para controlar sua postura (Berthenthal & Bai, 1989; Butterworth & Hicks, 1977); exploram seus próprios corpos, mostram movimentos coordenados entre mão e boca e abrem sua boca à aproximação da mão (Butterworth & Hopkins, 1988; Rochat, Blass & Hoffmeyer, 1988); procuram agarrar objetos tridimensionais ao invés de representações bi-dimensionais (Rader & Stern, 1982); respondem com reações de evitação a objetos que aparecem de forma ameaçadora, mas não a objetos que se aproximam indiretamente (Ball & Tronick, 1971; Yonas, Pettersen &

Lockman, 1979); aumentam os movimentos de uma perna na qual está preso um móbile, a fim de fazê-lo movimentar-se (Rovee-Collier & Fagan, 1981, citado por Legerstee, 1999), discriminam seu próprio choro do choro de outras crianças (Martin & Clark, 1982). Esses resultados indicam que tais comportamentos não são inconscientes ou reflexos, mas que os bebês percebem a distância entre os objetos e eles mesmos e que o conhecimento do objeto e o conhecimento de si são inseparáveis, afirma a autora. Em todos os casos, os bebês parecem agir como indivíduos, o que sugere que eles estão conscientes de seu self físico enquanto algo separado do ambiente externo.

Enquanto as situações que identificam o self físico são continuamente especificadas pela informação acústica, cinestésica e vestibular, a consciência (consciousness) do self social torna-se evidente quando os bebês interagem com o meio social. Estudos demonstram que bebês de cinco semanas imitam expressões faciais modeladas por pessoas e não por objetos inanimados simulando esses movimentos (Legerstee, 1990 e 1997a; Legerstee & Bowman, 1989; Legerstee, Corter & Kienapple, 1990; Legerstee, Pomerlau, Malcuit & Feider, 1987; Stern, 1995), indicando que a imitação é um mecanismo social para promover comunicação interpessoal através do qual o self social pode ser identificado.

Nenhum desses estudos, conclui Legerstee (1999), fornece evidência de que os bebês representem a informação sensorial que percebem. As evidências de um self representacional, prossegue a autora, têm sido reveladas pelos estudos de auto-reconhecimento no espelho. Pesquisas recentes utilizando variações desse clássico experimento (Legerstee, Anderson & Shaffer, 1998; Fogel, 1993; Stern, 1995) indicam que a consciência de si mesmos como similar a outras entidades sociais e diferentes de objetos não-sociais pode existir em bebês de cinco a oito meses.

As evidências de uma consciência de intencionalidade têm sido fornecidas pelos resultados de experimentos recentes que investigam o entendimento dos bebês da causalidade social e da causalidade física (Legerstee, 1994). Tais achados indicam que bebês de seis meses de idade estão aptos a adotar estratégias mentalistas para interpretar e prever o comportamento de outros e possuem uma primitiva teoria da mente, isto é, atribuem propósito e intenções aos outros.

De acordo com Legerstee (1999), os achados sobre os níveis mentais, sociais e físicos como os fundamentos para um conceito de self são uma evidência de que o self é um fenômeno cognitivo que não pode se desenvolver alienado das influências físicas e sociais. Sua breve revisão da pesquisa do desenvolvimento do self permitiu descrever uma consciência universal dos bebês de seu self físico, social e mental, durante os primeiros seis meses de vida. Contudo, a autora ressalta que o self representa algo além dessas descrições neurobiológicas, físicas/sociais e cognitivas:

A generatividade de nossa própria inteligência, que forma a fundação de um self único não é somente o resultado de equilíbrios na relação entre o self e o ambiente, mas também de equilíbrios subjetivos. É somente durante este jogo dialético que formas realmente novas de conhecimento de *selves* únicos podem ser criadas (Legerstee, 1999, p. 227).

A perspectiva ecológica do desenvolvimento, com sua ênfase nas evidências empíricas de uma relação self/ambiente desde os primeiros meses de vida configura, indiscutivelmente, um avanço na discussão ontológica. Essa convergência de pesquisa e teoria resgata a necessidade de uma abordagem do self que supere a tensão indivíduo-meio, e reformula a questão da relação entre o self e seu ambiente nos termos de uma fusão entre os dois extremos, ou mais especificamente, de uma inserção do self em um corpo. Como

consequência, a questão assim reformulada remete a um novo contexto epistemológico, no qual a relação entre consciência de si e corpo torna-se o nó crucial.

Conclusão

A análise histórica da idéia do self ilustra com propriedade a impressão de Hilgard (1987) sobre a análise histórica de todo o campo psicológico: “fica-se impressionado como, tanto em uma área de interesse como em outra, o mesmo tipo de questão aparece: racionalismo *versus* empiricismo, hereditariedade *versus* ambiente, pessoa *versus* situação” (p. 521). Contudo, a análise da investigação psicológica mais recente sobre o self torna igualmente evidente o esforço para superar as classificações fundadas nessas dicotomias. O deslocamento do foco no autoconceito para o foco na dimensão social e na agência (*agency*) apontado por Gergen (1984), aparece traduzido, nos últimos anos, nas pesquisas voltadas para a narratividade do self, para sua dimensão corpórea e para a interação com o meio que o circunda.

Narratividade, corpo e interação apresentam-se como as novas temáticas da teorização psicológica, delineando uma problemática também nova, que retoma a discussão do fenômeno self no contexto da comunicação. De uma perspectiva ontológica, o self torna-se um processo de interação comunicativa entre consciência e corpo. De uma perspectiva epistemológica, conhecer o self é compreender as relações entre consciência e suas formas de expressão no mundo. Nos termos de Engelmann (1997), configura-se o estudo da consciência mediata, mais especificamente da consciência-mediata-de-outros, que é o único tipo de consciência que pode ser estudada cientificamente.

Essa ênfase no processo comunicativo determina um foco na relação reversível entre um organismo (a pessoa) e seu ambiente (mundo vivido) (Gomes, 1997). Tal processo

pode ser entendido tanto como uma comunicação do eu consigo mesmo, quanto como a comunicação do eu com o outro, que permite aproximar e explorar uma realidade que tem como intencionalidade a descoberta de maneiras mais adaptadas e autênticas de expressão. Através da linguagem, a consciência de uma percepção interpessoal passa a fazer parte da experiência de uma expressão interpessoal, pois, “a comunicação é um meio de alimentação e retroalimentação que qualifica a percepção através dos atos expressivos” (Gomes, 1987, p. 319). E o estudo do self pode então ser definido como o estudo da experiência consciente, isto é, do ato comunicativo de um corpo situado em um determinado ambiente.

É importante notar, ainda, que a ênfase na comunicação como um pressuposto fundamental na teorização do self será a tônica de duas recentes abordagens do fenômeno: a dialógica (Hermans & Kempen, 1993) e a semiótica (Pickering, 1999 e Wiley, 1996). Embora tenham se desenvolvido independentemente uma da outra, ambas as abordagens tratam o fenômeno self enquanto um signo, engendrado na relação intrínseca entre a percepção de sentido conversacional (ou dialógica) e a funcionalidade (ou pragmática) da expressão.

Referências

- Adler, A. (1927). *Practice and theory of individual psychology*. New York: Harcourt.
- Allport, G. (1943). The ego in contemporary Psychology. *Psychological Review*, 50, 451-478.
- Allport, G. (1962). Desenvolvimento da personalidade: considerações básicas para uma psicologia da personalidade. (Versão de H. A. Simon). São Paulo: Editora Herder. (Original publicado em inglês em 1955)
- Baldwin, J. M. (1895). *Mental development in the child and the race: Methods and processes*. (3a. edição). New York: MacMillan & Co. Retirado em 02/08/2001 do Mead Project no World Wide Web: www.spartan.ac.brocku.ca/~lward/Baldwin/Baldwin_1906/Baldwin_1906_toc.html
- Ball, W. & Tronick, E. (1971). Infant responses to impending collision: Optical and real. *Science*, 171, 818-20.
- Bermúdez, J. L. (2000). *O paradoxo da autoconsciência*. (Costa, M. P., Trad.). Lisboa: Editora Instituto Piaget. (Original publicado em inglês em 1998)
- Berthenthal, B. I. & Bai, D.L. (1989). Infants' sensitivity to optical flow for controlling posture. *Developmental Psychology*, 25, 936-45.
- Butterworth, G. (1999). A developmental-ecological perspective on Strawson's 'The Self'. Em: S. Gallagher & J. Shear (Orgs.). *Models of Self* (p. 203-204). Exeter: Imprint Academic.
- Butterworth, G. & Hicks, L. (1977). Visual proprioception and postural stability in infancy: A developmental study. *Perception*, 6, 255-62.
- Butterworth, G. & Hopkins, B. (1988). Hand-mouth coordination in the newborn baby. *British Journal of Developmental Psychology*, 6, 303-14.

- Calkins, M. W. (1915). The Self in Scientific Psychology. *American Journal of Psychology*, 26, 495-524. Retirado em 02/08/2001 do Classics in the History of Psychology no World Wide Web: www.psychclassics.yorku.ca
- Canguilhem, G. (1994). *Études d'histoire et de philosophie des sciences*. (7^a ed.) Paris: Librairie Philosophique J. Vrin. Conferência pronunciada no Collège Philosophique em 18 de dezembro de 1956. (Originalmente publicado em francês em 1968)
- Cooley, C. H. (1902). *Human nature and the social order*. New York: Scribner. Retirado em 02/08/2001 do Mead Project no World Wide Web: www.spartan.ac.brocku.ca/~lward/default.html
- Damásio, A. R. (2000). *O mistério da consciência* (L. T. Motta, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em inglês em 1999)
- Damásio, A. R. (2003). Ao encontro de Espinosa: as emoções sociais e a neurologia do sentir. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Eccles, J. C. (2000). Cérebro e consciência: o self e o cérebro. (A. André, Trad.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Engelmann, A. (1997). Dois tipos de consciência: a busca da autenticidade. *Psicologia USP*, 8, 25-68.
- Erikson, E. H. (1950). *Childhood and society*. New York: Norton.
- Fogel, A. (1993). *Developing through relationships: Origins of communication, self and culture*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Gallagher, S. & Shear, J. (1999) (Orgs.). *Models of Self*. Exeter: Imprint Academic.
- Gergen, K. (1984). Theory of the self: impasse and evolution. *Advances in Experimental Social Psychology*, 17, 49-115.

- Gibson, E. J. (1969). *Principles of Perceptual Learning and Development*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Gibson, J. J. (1950). *The perception of the visual world*. Boston: Houghton Mifflin.
- Gomes, W. B. (1997). A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. *Psicologia USP*, 8, 305-336.
- Harré, R. & Gillett, G. (1999). A mente discursiva: os avanços na ciência cognitiva. (D. Batista, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Hermans, H. J. M. & Kempen, H. J. G. (1993). *The Dialogical Self: Meaning as Movement*. San Diego: Academic Press.
- Hilgard, E. R. (1987). *Psychology in América: a Historical Survey*. Harcourt Brace Jovanovich, Publishers.
- Horney, K. (1950). *Neurosis and human growth*. New York: Norton.
- James, W. (1990). *The principles of psychology*. Chicago: Encyclopaedia Britannica. (Original publicado em 1890)
- Jung, C. G. (1939). *The integration of the personality*. New York: Farrar & Rinehart.
- Legerstee, M. (1990). Infants use multimodal information to imitate speech sounds. *Infant Behavior and Development*, 13, 343-54.
- Legerstee, M. (1994). Patterns of 4-month-old infant responses to hidden silent and sounding people and objects. *Early Development and Parenting*, 2, 71-81.
- Legerstee, M. (1997a). Contingency effects of people and objects on subsequent cognitive functioning in three-month-old infants. *Social Development*, 6, 307-21.
- Legerstee, M. (1999). Mental and bodily awareness in infancy: consciousness os self-existence. Em: S. Gallagher & J. Shear (Orgs.). *Models of Self* (p. 213-230). Exeter: Imprint Academic.

- Legerstee, M., Anderson, D. & Shaffer, A. (1998). Five- and eight-month-old infants recognize their faces and voices as familiar and social stimuli. *Child Development*, 69, 37-50.
- Legerstee, M. & Bowman, T. (1989). The development of responses to people and a toy in infants with Down Syndrome. *Infant Behavior and Development*, 12, 462-73.
- Legerstee, M., Corter, C. & Kienapple, K. (1990). Hand, arm and facial actions of young infants to a social and nonsocial stimulus. *Child Development*, 61, 774-84.
- Legerstee, M., Pomerlau, A., Malcuit, G. & Feider, H. (1987). 'The development of infants' responses to people and a doll: Implications for research in communication. *Infant Behavior and Development*, 10, 81-95.
- Maine de Biran, P. (1954). *Influence de l'habitude sur la faculte de penser*. Paris: Presses Universitaires de France.
(Original publicado em 1802)
- Martin, G.B. & Clark, R.D. (1982). Distress crying in neonates: Species and peers specificity. *Developmental Psychology*, 18, 3-9.
- Mead, G. H. (1934). *Mind, self and society*. Chicago: University of Chicago Press. Retirado em 02/08/2001 do Mead Project no World Wide Web: www.spartan.ac.brocku.ca/~lward/default.html
- Mueller, F.-L. (1968). *História da psicologia, da Antigüidade aos nossos dias*. (L. L. de Oliveira, M. A. Blandy e J. B. D. Penna, Trad.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. (Original publicado em francês em 1960)
- Neisser, U. (1988). Five kinds of self knowledge. *Philosophical Psychology*, 1, 35-59.
- Rader, E. S. & Stern, J.D. (1982). Visually elicited reaching in neonates. *Child Development*, 53, 1004-7.

- Rochat, P., Blass, E.M. & Hoffmeyer, L.B. (1988). Oropharyngeal control of hand-mouth coordination in newborn infants. *Developmental Psychology*, 24, 459-63.
- Rosenfeld, A. (1993). *O pensamento psicológico*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Solomon, R. C. (1988). *Continental Philosophy since 1750: the rise and fall of the self*. Oxford: Oxford University Press.
- Stern, D. (1995). Self/other differentiation in the domain of intimate socio-affective interaction: Some considerations. In: P. Rochat (Ed.). *The self in infancy: Theory and Research, Advances in Psychology*. Amsterdam: North Holland-Elsevier.
- Sullivan, H. S. (1953). *The interpersonal theory of psychiatry*. New York: Norton.
- Taylor, C. (1997). *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. (Sobral, A. U. e Azevedo, D. A., Trads.). São Paulo: Edições Loyola. (Original publicado em inglês em 1989)
- Toulmin, S. E. (1977). Self-knowledge and knowledge of the 'Self'. Em: Mischel, T. (Org.). *The Self: psychological and philosophical issues*. Oxford: Basil Blackwell.
- Wiley, N. (1996). *O self semiótico*. (L. P. Rouanet, Trad.). São Paulo: Edições Loyola. (Original publicado em inglês em 1994).
- Wolman, B. (1970). *Teorias y sistemas contemporaneos em psicologia*. Barcelona: Martinez Roca.
- Wundt, W. (1904). *Principles of physiological psychology*. (E. B. Titchener, Trad.). Retirado em 02/08/2001 do Classics in the History of Psychology no World Wide Web: www.psychclassics.yorku.ca/Wundt/Physio/
- Yonas, A., Pettersen, L. & Lockman, J.J. (1979). Young infants sensitivity to optical information for collision. *Canadian Journal of Psychology*, 33, 268-76.

ESTUDO 2

Temporalidade e espacialidade no diálogo: convergências e divergências nas abordagens semiótica e dialógica do self

Resumo

O objetivo central deste artigo é apresentar uma análise crítica de duas abordagens comunicacionais ao fenômeno self: a teoria do self semiótico e a teoria do self dialógico. As duas perspectivas teóricas de self são analisadas separadamente e então comparadas. Argumenta-se que diferenças de ênfase na dimensão espaço-temporal do self em cada teoria, implicam epistemologias e ontologias distintas. Embora as duas perspectivas trabalhem com o signo que é a percepção de sentido conversacional (ou dialógica) e a funcionalidade (ou pragmática) da expressão, pressupostos diferenciados quanto à influência da cultura determinam ‘lugares’ diferentes para as duas teorias. A perspectiva semiótica volta-se para a funcionalidade do fenômeno e recorta um contexto de pesquisa inserido na psicologia dos processos básicos. A perspectiva dialógica volta-se para a aplicabilidade do conceito e recorta um contexto de pesquisa aplicada direcionada para a psicologia clínica.

Palavras-chave: Self semiótico; self dialógico; temporalidade; espacialidade; diálogo.

Temporality and spatiality on dialogue: convergencies and divergencies on semiotic and dialogical self approaches

Abstract

The main goal of this article is to introduce a critical account of two communicative approaches on the phenomenon of self: semiotic self and dialogical self theoretical frameworks. Both perspectives are analyzed separately and then compared. One argues that differences on space-temporal dimension of the self in each theory imply distinct epistemology and ontology. Although both perspectives work with the sign that is the conversational (or dialogical) perception of meaning, and the functionality (or pragmatics) of expression, different assumptions concerning the culture influences set different places for both theories. The semiotic perspective turns to the phenomenon's functionality and sets a research context embedded on psychology of basic process. The dialogical perspective turns to the applicability of the concept and sets an applied research context directed towards clinical psychology.

Keywords: Semiotic self; dialogical self; temporality; spatiality; dialogue.

Duas abordagens comunicacionais ao fenômeno self vêm se destacando nos campos da sociologia e da psicologia: a teoria do self semiótico, e a teoria do self dialógico. Self é aqui definido em um sentido básico de processo reflexivo da consciência, sem o qual não poderia haver nada do que tem sido definido como associado ao termo self: conhecimento de si e do outro, identidade, autoconceito, etc. A perspectiva semiótica do self refere-se, neste estudo, ao trabalho de Wiley (1994) sobre o self enquanto signo, isto é, a capacidade humana universal e genérica de dar sentido às experiências de si e do mundo, e de forma menos direta, ao trabalho de Pickering (1999) sobre o caráter processual do self. A perspectiva dialógica do self refere-se aos primeiros trabalhos de Hermans, Kempen e Van Loon (1992) e Hermans & Kempen (1993), bem como à série de estudos publicados posteriormente por Hermans (1999, 2001a, 2001b, 2002 e 2003). Embora ambas as perspectivas trabalhem com o signo que é a percepção de sentido conversacional (ou dialógica) e a funcionalidade (ou pragmática) da expressão, diferenças de ênfase na dimensão espaço-temporal do self, determinam especificações conceituais distintas (ontologias), com implicações importantes na escolha de métodos de pesquisa (epistemologias).

O argumento central apresentado aqui compreende que as diferenças de ênfase na dimensão temporal ou espacial do self caracterizam duas epistemologias e ontologias distintas: o self como processo em funcionamento (tempo) e o self como identidade cristalizada (espaço). Essas distinções, por sua vez, levantam a necessidade de análise da noção que está na base do arcabouço teórico do self nas duas abordagens: a noção de diálogo ou conversação. A análise terá como base a premissa lógica dedutiva, segundo a qual, em um mesmo contexto (Regra), dois fenômenos (Caso) podem ser comparados internamente (Resultado) (Lanigan, 1992). No presente estudo, o diálogo (Regra), nas

perspectivas dialógica e semiótica de self (Caso) revela-se como uma narrativa espacializada de um self estrutural e como uma reflexividade temporalizada de um self funcional (Resultado). As duas perspectivas teóricas de self são apresentadas separadamente e analisadas focalmente, com especial atenção ao nível ontológico (para um entendimento da análise epistemológica como ferramenta de investigação ver Bunge, 1980) para, ao final serem compreensivamente criticadas.

O self dialógico e a espacialidade do diálogo

O cerne da abordagem dialógica do self é a ênfase na presença de múltiplas vozes em uma narrativa espacialmente estruturada e corporificada (Hermans, 2001a, 2001b; Hermans & Kempen, 1993). A perspectiva dialógica apresenta-se como uma teorização epistemologicamente construcionista que caracteriza o self como um narrador dialógico (Hermans, Kempen & Van Loon, 1992). Para os autores, as teorias contemporâneas refletem uma perspectiva etnocêntrica do Ocidente sobre a personalidade. A consequência é uma concepção de self unitário ou multifacetado e baseado no pressuposto de uma mente desincorporada ou racional. A alternativa ao caráter racionalista e individualista das concepções psicológicas contemporâneas de self é a ênfase na capacidade imaginativa do homem e na idéia da mente humana como basicamente ativa e organizadora indicada nos trabalhos pioneiros de Vico (1744/1999), Vaihinger (1935) e Kelly (1955).

A concepção do self em termos narrativos resulta da combinação entre o moderno movimento na ciência literária, especialmente representado de Mikhail Bakhtin (1895-1975) sobre o romance polifônico, e a abordagem narrativa em psicologia. O self dialógico é o resultado da tradução da distinção entre o Eu e o Mim proposta por William James (1890/1990), na distinção entre Autor e Ator.

A distinção entre o Eu e o Mim como os dois principais componentes do self é tomada do trabalho clássico de James (1890/1990). O Eu representa o self como sujeito e é caracterizado como contínuo (senso de mesmidade, de persistência através do tempo), distinto (sentimento de uma existência separada dos outros) e volitivo (senso de vontade pessoal):

In James' (1890) conception, the I as a personal activity is represented by its volitional capacity. The I, capable of appropriation and rejection of thoughts as part of the capacity of self-reflection, functions as an original source of thinking and production of ideas (Hermans & Kempen, 1993, p. 45, ênfases dos autores).

O Mim representa o self como objeto e é caracterizado como material (corpo, roupas, propriedades), social (relações, papéis) e espiritual (pensamentos, consciência). Para Hermans e Kempen (1993), a extensão do self a esses constituintes impede o entendimento errôneo do interjogo entre o Eu e o Mim como um processo que se passa dentro do indivíduo e separado do processo de pensamento de outras pessoas: “na solução de James para esse problema, o self é – enquanto Eu – distinto de outras pessoas, mas – enquanto Mim social – a perspectiva do outro está incluída no self” (p. 45).

A tradução da distinção Eu-Mim em uma abordagem narrativa (Mancuso & Sarbin, 1983; Sarbin, 1986) coloca o pronome Eu em relação ao autor e o pronome Mim em relação com o ator ou com a figura narrativa. O self é identificado com o autor, permitindo que o Eu construa uma história na qual o Mim é o protagonista: “o self funciona como um espaço onde o Eu observa o Mim e correlaciona os movimentos do Mim como partes de uma construção narrativa” (Hermans & Kempen, 1993, p. 46).

Essa concepção do Eu como um autor e do Mim como um ator observado expande-se na metáfora do romance polifônico (Bakhtin, 1973/1929) para dar ao self a capacidade

de integrar as noções de narrativa imaginária e de diálogo. Contudo, a metáfora do romance polifônico não implica a existência de um Eu hierarquicamente superior que organiza os constituintes do Mim:

Instead, the spatial character of the polyphonic novel leads to the supposition of a decentralized multiplicity of I positions that function like relatively independent authors, telling their stories about their respective Me's as actors (Hermans & Kempen, 1993, p. 47, ênfases dos autores).

Na medida em que o diálogo entre as diferentes posições do eu se estabelece, a presença simultânea de interlocutores em um mesmo ponto do eixo temporal configura uma espacialização do tempo. Essa forma de configuração na qual a noção de espaço é dada prioritariamente sobre o tempo é denominada princípio da justaposição (Bakhtin, 1929/1973). Conforme Hermans (2001b), a coalizão de duas posições em tempo e espaço determinados é introduzida por Bakhtin com o objetivo de pontuar a conectividade (*connectedness*) de relações temporais e espaciais que estão artisticamente expressas na literatura.

Tal concepção de narrativa que subverte a ordem cronológica em termos de início, meio e fim torna claro o papel fundamental da metáfora polifônica para a noção de self dialógico. O papel da dimensão espacial é resgatado, com base na crítica ao viés temporal das concepções de narrativa e autonarrativa em psicologia. As relações dialógicas são, então, trazidas para uma dimensão espacial, na medida em que se enfatiza a simultaneidade, a justaposição e a descontinuidade:

Our proposal is not only to acknowledge the essential role of coherence in the self, but also to place strong emphasis on the intrinsic separateness of different or contrasting I positions (Hermans & Kempen, 1993, p. 58, ênfase dos autores).

A unidade de ênfase na dimensão tempo-espacial do self é vista como uma conquista e não como um *a priori* dado. Essa unidade será a consequência da própria capacidade do self em se colocar em uma posição a partir da qual as outras posições, incluindo suas relações mútuas e organização específica, possam ser explorada – a metaposição (*metaposition*) (Hermans, 2003). Em resumo, a metaposição é um tipo especial de posição que o ‘eu’ pode assumir e que contribui, mais que a maioria das outras posições, para a integração e unidade do repertório do self.

A abordagem narrativa e a ênfase no espaço e no diálogo entre posições se combinam para gerar a definição de self enquanto multiplicidade de posições do ‘eu’ relativamente autônomas, em condições de se mover de uma posição a outra de acordo com as mudanças na situação e no tempo e flutuando entre posições diferentes e opostas. Explicam Hermans, Kempen & Van Loon (1992):

The I has the capacity to imaginatively endow each position with a voice so that the dialogical relations between positions can be established. The voices function like interacting characters in a story (...). As different voices these characters exchange information about their respective Mes and their words, resulting in a complex, narratively structured self (pp. 28-29, ênfases dos autores).

A perspectiva dialógica do self, em oposição ao modelo de self individualista, parte da pressuposição de que há muitas posições de eu que podem ser ocupadas pela mesma pessoa. O self dialógico também é fortemente social – outras pessoas podem ocupar posições no self de múltiplas vozes, no sentido de que o eu pode engendrar outra pessoa como uma posição a ser ocupada, criando uma perspectiva alternativa sobre o mundo e sobre si mesmo.

Conforme Hermans (2001b), assim como um compositor precisa dos instrumentos certos para expressar uma idéia musical, o self somente pode estabelecer relações com uma variedade de situações se ele é composto de uma variedade de posições. Em outros termos, a crescente complexidade de nossa condição social, bem como de nossa história pessoal e coletiva exige uma concomitante complexidade do self.

O self semiótico e a temporalização do diálogo

A perspectiva semiótica define o self como o produto da assimilação de signos culturais (Pickering, 1999) que funciona como um processo semiótico (Wiley, 1994). A perspectiva semiótica apresenta-se como teorização resultante da síntese do pensamento de dois autores clássicos do pragmatismo americano: Charles Sanders Peirce (1839-1914) e George Herbert Mead (1863-1931). A noção de self dos pragmatistas emerge de uma tentativa de decentrar o self cartesiano.

Tomando como ponto de partida a discrepância entre os dois autores em suas teorias sobre o modo como o pensamento funciona, Wiley (1994) desenvolve uma teoria triológica do self, centrada na direção temporal do diálogo interno. No modelo de Wiley, o self funciona como um processo semiótico que é a conversação interna.

O pensamento enquanto processo reflexivo, direcionado do presente (Eu) para o passado (Mim) de Mead é combinado ao pensamento enquanto processo interpretativo, direcionado do presente (Eu) para o futuro (Você) de Peirce, gerando um processo semiótico mais abrangente, representado na conversação triádica Eu-Mim-Você. Estas três instâncias são definidas como fases temporais do self que estabelecem uma conversação interna. Porém, a conversação interna não é um diálogo simultâneo entre as instâncias: apenas o self presente (o Eu) pode falar, enquanto o self passado (Mim) e o self futuro

(Você) apenas podem ouvir ou serem objetos da fala do Eu. O self torna-se, então, um processo constante de auto-interpretação, uma vez que o self presente interpreta o self passado para o self futuro: “à medida que o self move-se através da linha do tempo, seu processo semiótico é constantemente transformado” (Wiley, 1994, p. 14). A tríade Eu-Mim-Você é acoplada à tríade semiótica de Peirce signo-interpretante-objeto. A relação lógica entre signo, interpretante e objeto é definida por Peirce do seguinte modo:

A sign endeavors to represent, in part at least, an Object, which is therefore in a sense the cause, or determinant, of the sign even if the sign represents its object falsely. But to say that it represents its Object implies that it affects a mind, and so affects it as, in some respect, to determine in that mind something that is mediately due to the Object. That determination of which the immediate cause, or determinant, is the Sign, and of which the mediate cause is the Object may be termed the Interpretant. (CP. 6.347)

As instâncias que estabelecem a conversação interna dão ao self uma estrutura tripartida: o passado-mim-objeto; o presente-eu-signo e o futuro-você-interpretante. Essa estrutura pode ser vista como um ‘container’ dentro do qual estão os ‘conteúdos’. Todavia, alerta Wiley (1994), o caráter aparentemente espacial da metáfora não consegue oferecer uma noção adequada do modo que a estrutura semiótica e os seus conteúdos se interpenetram:

Nevertheless, in somewhat the same loose manner in which a person might say they have something “in mind”, I am visualizing the “in” relationship as resembling that between a container and that which it contains. The containment, however, is not physical or spatial but semiotic and meaningful (p. 27, grifos do autor).

O ato de conter é explicado por meio da comparação entre a tríade semiótica peirceana (signo-interpretante-objeto) e o que Wiley (1994) denomina “pentagrama impregnado de comunicação” (p.27) ou hexagrama (ver Figura 1). Embora a tríade semiótica seja abstrata, isto é, não exija necessariamente um remetente-destinatário ou emissor-interpretante, em situações concretas, este par adicional estará presente, somando-se à tríade para formar um pentagrama.

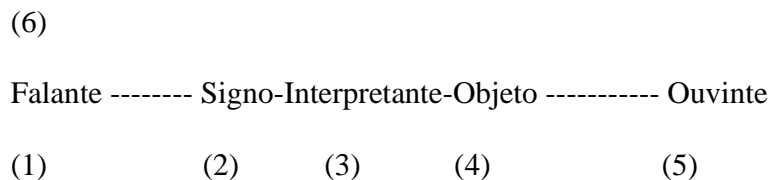


Figura 1. Pentagrama de comunicação

A maior parte da comunicação ocorre de forma linear, entre o remetente (falante) e o destinatário (ouvinte), como mostra a seqüência numérica de 1 a 5. Porém, uma parte dessa comunicação é reflexiva, ou seja, ocorre entre o remetente (falante) e ele mesmo. Essa característica reflexiva da comunicação acrescenta um sexto elemento ao esquema, tornando-o um hexagrama:

The hexad “contains” the triad in the same way that the overall structure of the self contains its contents. The containment is functional rather than spatial or physical. It is a triad within a triad, the inner being subordinate to the outer (Wiley, 1994, p. 28, grifo do autor)

Desta forma, afirma o autor, a definição peirciana ‘o self é um signo’ significa que o self é, *estruturalmente*, um signo. E o processo de conversação interna é, então, o self em funcionamento.

A conversação interna não é apenas verbal, mas inclui sensações, emoções, linguagem do corpo e tom de voz. Além da tríade eu, mim, você, Wiley (1994) acrescenta outras três instâncias ou papéis: visitantes permanentes, visitantes temporários e inconsciente. Os visitantes (tanto permanentes quanto temporários) recobrem todas as partes de “não-self” ou “outro”. A instância inconsciente recobre os estados não conscientes e os estados limítrofes, como devaneios ou fantasias da imaginação, e, conforme esclarece o autor, é incluída apenas como um artifício para dramatizar o problema de localizar essa instância na conversação interna e não com a finalidade de trazer um entendimento acabado sobre o inconsciente. O perfil de cada instância é determinado a partir de outras cinco dimensões: pessoa, tempo/conjugação, caso, liberdade/determinismo, relação com o outro generalizado, disponibilidade cognitiva para o eu. As dimensões de pessoa, tempo e caso são tomadas da lingüística, mas apenas como metáforas para descrever as instâncias não lingüísticas: “tendemos a descrever o self tanto com palavras quanto como palavras, mas isto não significa que as palavras sejam o self, ou que o self se reduza a palavras” (Wiley, 1996, p. 73).

Desta forma, o mim é definido como instância de primeira pessoa, pertencente à conjugação do passado, objetivo, não livre, aliado com o outro generalizado e disponível cognitivamente para o eu como objeto. A instância eu também pertence à primeira pessoa e à conjugação presente, é subjetivo, livre, sem vínculo com o outro generalizado e constitui um ponto cego cognitivo para o próprio eu. A instância você pertence à segunda pessoa e à conjugação do futuro, é subjetivo e objetivo, não livre e livre, sua relação com o outro generalizado é de uma aliança menor e é disponível cognitivamente para o eu como sujeito.

Os visitantes temporários pertencem à segunda pessoa e à conjugação presente, são subjetivos e objetivos, mais livres que os visitantes permanentes, menos aliados ao outro generalizado que os visitantes permanentes e disponíveis para o eu como co-sujeito. Os visitantes permanentes pertencem à segunda pessoa e à conjugação presente, são objetivos e não livres, aliados e constitutivos do outro generalizado, e disponíveis para o eu como co-sujeito, mas sedimentados no outro generalizado. Por fim, o inconsciente é uma instância de terceira pessoa, atemporal, de todos os casos (objetivo, subjetivo, bem como objetivo e subjetivo, simultaneamente), determinado, livre da relação com o outro e está oculto do eu por barreiras lingüísticas semiporosas.

Convergências e divergências nas perspectivas semiótica e dialógica de self

As perspectivas dialógica e semiótica de self concordam com relação à definição do self como um signo. A perspectiva semiótica afirma que o senso de self humano é um processo semiótico de autoprodução (Pickering, 1999, p. 70) por ser racional, simbólico e lingüístico (Wiley, 1994). Este processo inclui sensações, emoções, pensamentos não-lingüísticos, hábitos, linguagem corporal e mesmo expressões irracionais ou subjetivas. tomar o self enquanto um signo significa entender, nos termos de Andacht e Michel (2005), que o self caracteriza-se como um processo de crescimento contínuo através de um diálogo reflexivo e interpretativo, constituindo a unidade de um processo generativo.

A noção de diálogo na perspectiva dialógica do self, resultante do esforço de traduzir a distinção de James entre Eu e Mim “em um arcabouço narrativo e no arcabouço conceitual do romance polifônico em particular” (Hermans & Kempen, 1993, p. 44), também é semiótica. Contudo, a distinção de James entre Eu-Mim traduzida na distinção

narrativa entre autor-ator, no tipo especial de relação sugerida por Bakhtin (1973/1929), aponta para uma semiótica diádica.

Na perspectiva semiótica, onde a conversação é tanto inter quanto intra-pessoal e envolve uma circularidade reflexiva self-outro-self (ver Wiley, 1994, p. 9-10), reformula-se a noção de diálogo em triálogo. A natureza humana é definida como uma estrutura horizontal, consistindo de fases temporais do self. O pragmatismo americano fornece a base para uma teoria do self tanto quanto ele o faz na perspectiva dialógica, porém, no lugar de uma distinção entre eu e mim de James, a perspectiva teórica semiótica descreve uma integração do eu-você de Peirce e do eu-mim de Mead. O resultado é um self complexo, definido como uma tríade de aspectos temporais chamados eu-você-mim e semioticamente mapeados como signo, interpretante e objeto (Wiley, 1994).

O signo e o interpretante estabelecem uma relação dialógica, na qual o objeto é discutido. O ponto de partida do self semiótico de Wiley é a direção temporal do diálogo interno nas teorias do self de ambos, Peirce e Mead. O self retrospectivo representado na distinção eu (presente) – mim (passado) de Mead é combinada com o self prospectivo representado na distinção eu (presente) – você (futuro) de Peirce. Portanto, o self semiótico é a criação de sentido em uma estrutura temporal – passado, presente e futuro – onde “tempo é um processo inerentemente de geração de sentido *meaning-generating process*” (Wiley, 1994, p. 218). A maior preocupação, como afirma Pickering (1999, p. 67) parece ser retornar à “experiência humana de ser um self que persiste no tempo”.

A natureza espacial do self, na teoria dialógica, é expressa nos termos posição e posicionamento (*position and positioning*). De acordo com os autores Hermans, Kempen e Van Loon (1992), estes termos são mais dinâmicos e flexíveis que o tradicional termo papel (*role*). O self é definido como uma multiplicidade de posições do Eu que dialogam entre si,

mas em um espaço comum, onde a simultaneidade das vozes envolvidas no diálogo é a expressão da descentralização do self.

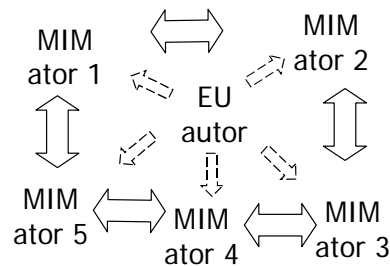


Figura 2. Diálogo entre as posições do eu

Neste sentido, a metáfora do romance polifônico assume uma função ontológica que traz as relações dialógicas para uma dimensão espacial, quando enfatiza a simultaneidade, a justaposição e a descontinuidade das vozes. Embora tempo e espaço sejam enfatizados como as duas noções básicas com igual importância na organização da narrativa, há, claramente, uma ênfase na dimensão espacial: o espaço é considerado como tão mais básico na medida em que o tempo é espacializado (Hermans & Kempen, 1993). No mesmo sentido, a crítica às concepções temporalmente enviesadas de narrativa e auto-narrativa, reforça a dimensão espacial do self dialógico.

A ênfase no espaço ao invés de no tempo levanta alguns problemas para a perspectiva dialógica de self. Conforme Barresi (2002), a noção de um eu autor que se multiplica em diversas vozes ou mim atores, simultâneos no tempo, implica a pressuposição de que um indivíduo pode adotar uma instância narrativa ou autoral, de alguma forma acima dos caracteres que formam o self polifônico e dialógico:

The weakness that I see in Hermans' current formulation of this theoretical framework is the assumption that he makes that an individual can adopt a narrative or authorial stance, somehow above the characters that make up the polyphonic and dialogical self, and can freely move the narrative "I-position" from one character to another to give each their own voice (p. 247).

Se o self pode assumir tal instância autoral, então, a relação dialógica fica comprometida, uma vez que esse eu, acima dos outros caracteres, fica sozinho e sem interlocutores. Na concepção semiótica de self este problema é evitado, uma vez que a narrativa é sempre uma expressão comunicativa do eu, no tempo presente, em primeira pessoa.

A perspectiva dialógica de Hermans se diferencia da perspectiva pós-moderna que entende o self como uma ilusão produzida ideologicamente a partir de uma fragmentação e pluralidade de identidades. Nesse sentido, o self dialógico está completamente em acordo com a posição de Wiley (1994) sobre o self semiótico: “eu vou criticar esta visão [de que o self é nada mais do que palavras comuns]” (p. 59).

Tanto o self semiótico quanto o self dialógico buscam um lugar intermediário entre racionalismo, empiricismo e idealismo para o self. Wiley (1994) deixa clara tal posição ao definir sua noção de reflexividade:

É mais social que a versão de Descartes ou aquela dos empiricistas ingleses, mas menos social do que aquela dos idealistas alemães, o indivíduo sendo menos absorvido pela sociedade (p. 80).

Hermans & Kempen (1993) seguem a mesma linha ao adotarem a noção jamesiana de self que, embora colorida pela visão construtivista, não perde seu caráter pragmático de ênfase na relação entre o self e seu contexto. O modelo dialógico pressupõe que as diferentes vozes compartilham o presente temporal – da mesma forma que a relação I-you peirciana entendida na perspectiva ‘*we experience*’ de Schutz (1932/1967) (ver Wiley, 1994, p. 50). Isto é, quando Wiley focaliza o tempo presente das posições visitantes e o futuro do ‘você’ (todas cognitivamente disponíveis para o eu como co-sujeito), ele está recobrando o mesmo fenômeno que Hermans ao descrever as diferentes vozes e posições que o ‘eu’ pode assumir em um mesmo ‘tempo’ presente.

A crítica à concepção de diálogo na teorização de Hermans (1996) se refere ao fato de que a definição de um self espacial, onde vozes co-presentes dialogam, tende, inevitavelmente à unidade ou à estabilidade monológica, nos termos de Grant (2004). Isto é, o diálogo, ou a comunicação, ocorre em um espaço compartilhado ou comum – a esfera transcendental de diálogo – situada em algum lugar que neutraliza as diferenças de realidades de cada parte envolvida na interação comunicativa. Conforme o autor, a comunicação deve ser conceitualizada em termos da impenetrabilidade da mente do outro, isto é, as pretensões transcendentais devem ser abandonadas em favor de pretensões destranscendentalizadas (*detranscendentalized*). Quando Hermans (1996) define a noção de diálogo como interação entre atores mutuamente co-presentes que tendem a um equilíbrio, a complexidade é reduzida à estabilidade. Para Grant (2004), a comunicação é complexa e, portanto, não pode ser traduzida em termos simples de interação (intersubjetividade) entre

mentes e, tampouco, uma teoria do self pode explicar o self em termos de uma “sociedade da mente” como propõe Hermans (2002):

Like a society, the self is based on two principles: intersubjective exchange and social domination (...) the dialogical self can be described as a dynamic multiplicity of I-positions in the landscape of the mind, intertwined as this mind is with the minds of other people. In a sense the dialogical self is a ‘society of mind’, because there is no essential difference between the positions a person takes as part of the self and the positions people take as members of a heterogeneous society (p. 147, grifo do autor).

Para Grant (2004), ao invés de intersubjetividade, contingência e complexidade são a marca da comunicação de *selves*. Seu argumento é contundente:

Even if one were prepared to accept that the self really is intertwined, then it is not with other minds but with other voices, in the sense proposed by Bakhtin (1989). And this multivoicedness should not be seen in terms of a normative stability where conflicts, miscommunication and dissonance are resolved (p. 225).

Para Hermans, Kempen e Van Loon (1992), através do poder da imaginação, a pessoa pode agir como se fosse o outro, colocando o self espacialmente, tanto “aqui” como “lá”, embora isso não deva ser igualado com tomar o papel do outro, nos termos de Mead (1934), na medida em que essa expressão implica que o self toma a perspectiva real (*actual*) do outro, fora do self. Ao invés disso, o eu constrói outra pessoa ou ser como uma posição que pode ocupar e uma posição que cria uma perspectiva alternativa sobre o mundo e sobre si mesmo.

Conclusão

As diferenças de ênfase na dimensão tempo-espacial do self implicam em distinções igualmente importantes para a compreensão da noção de comunicação e de diálogo. As duas perspectivas trabalham com o signo que é a percepção de sentido conversacional ou dialógica e a funcionalidade ou pragmática da expressão. Contudo, pressupostos diferenciados quanto à influência da cultura determinam ‘lugares’ diferentes para as duas teorias. Por um lado, a perspectiva semiótica volta-se para a funcionalidade do fenômeno, recortando um contexto de pesquisa inserido na psicologia dos processos básicos. De outro lado, a perspectiva dialógica volta-se para a aplicabilidade do conceito recortando um contexto de pesquisa aplicada direcionada para a psicologia clínica. Essa compreensão ajusta-se à diferenciação estabelecida por Harré (1998, p. 4) entre as três acepções em que o termo self é utilizado e que ele denomina Self 1, Self 2 e Self 3. A perspectiva semiótica, voltada para a funcionalidade do fenômeno, ocupa-se do self enquanto um senso de locação de si, como uma pessoa, inserido em cada uma das diversas ordens de outros seres (Self 1). A perspectiva dialógica, voltada para a aplicabilidade do conceito, ocupa-se do self enquanto um senso de si mesmo como possuindo um conjunto específico de atributos que, embora mutáveis, constituem um todo distintivo (Self 2); bem como do self enquanto impressão das próprias características pessoais que uma pessoa causa em outra (Self 3).

As perspectivas dialógica e semiótica representam novas ferramentas empíricas e analíticas para o estudo das relações entre aspectos comunicantes e funcionais do self. As especificidades de cada abordagem podem ser entendidas como facetas complementares em uma compreensão mais abrangente do fenômeno self. Contudo, embora tanto a perspectiva dialógica quanto a semiótica ofereçam diretrizes epistemológicas claras para a investigação

do self como um fenômeno comunicativo, a realização de estudos empíricos é um requisito indispensável para o refinamento dos instrumentos e da teoria.

Referências

- Andacht, F. & Michel, M. (2005). A Semiotic Reflection on Self-interpretation and Identity. *Theory & Psychology, 15*, 51–75.
- Bunge, M. (1980). *Epistemologia* (C. Navarra, Trad.). São Paulo: T. A. Queiroz.
- Bakhtin, M. (1973). *Problems of Dostoevsky's poetics* (R. W. Rotsel, Trans.). Ann Arbor: Ardis (Original work published in 1929)
- Barresi, J. (2002). From 'the Thought is the Thinker' to 'the Voice is the Speaker'. *Theory & Psychology, 12*, 237-250.
- Bunge, M. (1980). *Epistemologia* (Claudio Navarra, Trad.). São Paulo: T. A. Queiroz.
- Gergen, K. (1984). Theory of the self: impasse and evolution. *Advances in Experimental Social Psychology, 17*, 49-115.
- Grant, C. B. (2004). Complex communication and the self at the edge. *Theory & Psychology, 14*, 221-237.
- Harré, R. (1998). *The singular self: An introduction to the psychology of personhood*. London: sage.
- Hermans, H. J. M. (1996). Voicing the self: From information processing to dialogical interchange. *Psychological Bulletin, 119*, 31-50.
- Hermans, H. J. M. (1999). Dialogical thinking and self-innovation. *Culture & Psychology, 5*, 67-87.
- Hermans, H. J. M. (2001a). The dialogical self: toward a theory of personal and cultural positioning. *Culture & Psychology, 7*, 243-281.
- Hermans, H. J. M. (2001b). The construction of a personal position repertoire: method and practice. *Culture & Psychology, 7*, 323-365.

- Hermans, H. J. M. (2002). The dialogical self as a society of mind. *Theory & Psychology*, *12*, 147-160.
- Hermans, H. J. M. (2003). The construction and reconstruction of a dialogical self. *Journal of Constructivist Psychology*, *16*, 89-130.
- Hermans, H. J. M. & Kempen, H. J. G. (1993). *The Dialogical Self: Meaning as Movement*. San Diego: Academic Press.
- Hermans, H. J. M., Kempen, H. J. G. & Van Loon, R. J. P. (1992). *The Dialogical Self: beyond individualism and rationalism*. *American Psychologist*, *47*, 23-33.
- Kelly, G. A. (1955). *The psychology of personal constructs*. New York: Norton.
- Lanigan, R. (1992). *The human science of communicology*. Pittsburgh: Duquesne University Press.
- Mancuso, J. C. & Sarbin, T. R. (1983). The self-narrative in the enactment of roles. In: T. R. Sarbin, & K. Scheibe (Eds.). *Studies in social identity* (pp. 254-273). New York: Praeger.
- Mead, G. H. (1934). *Mind, self and society*. Chicago: University of Chicago Press. Retirado em 02/08/2001 do Mead Project no World Wide Web: www.spartan.ac.brocku.ca/~lward/default.html
- Peirce, C. S. (1931-58). *Collected Papers of C. S. Peirce*. Vol. I-VIII, C. Hartshorne, P. Weiss & A. Burks (Eds.). Cambridge, Mass: Harvard University Press.
- Pickering, J. (1999). The self is a semiotic process. In S. Gallagher & J. Shear (Eds.), *Models fo self* (pp. 63-79). Exeter, UK: Imprint Academic.
- Sarbin, Th. R. (1986). The narrative as a root metaphor for psychology. In: Th. R. Sarbin (Ed.). *Narrative psychology: The storied nature of human conduct* (pp. 3-21). New York: Praeger.

Vaihinger, H. (1935). *The philosophy of "As if"*. London: Kegan Paul, Trench & Trubner.

Vico, G. (1999). *A ciência nova*. Rio de Janeiro: Record.

(Original publicado em italiano em 1744).

Wiley, N. (1994). *The semiotic self*. Chicago: The Univ. Chicago Press.

ESTUDO 3

Verbalized inner speech and the expressiveness of self-consciousness

Abstract

The main purpose of this paper is to present the phenomenon of verbalized inner speech regarded as a psychological qualitative research problem. 18 adults (between 19 and 34 years old) were instructed to express aloud their thinking during a task with the Brazilian version of *Raven Progressive Matrices Test*. Participants' thinking-aloud verbalizations were submitted to a qualitative analysis based on three reflexive steps of semiotic-phenomenology's: Description, Reduction and Interpretation. Description revealed a structure of verbalized inner speech organized on the basis of three main categories: visual description, logical reasoning, and dialogue. Reduction appointed the dialogical relations as an essential feature underlying verbalized inner speech, characterized by two different aspects: the informational and the communicational. Interpretation indicated that an accurate account on the conscious expression of dialogical relations requires the understanding of the communicative process as a logical relationship with an emphasis on pragmatic function. The conscious experience of reflexivity is disclosed as both temporal (a marked presence) and spatial (marked as an absence).

Keywords: inner speech, self-consciousness, qualitative research, semiotic-phenomenology.

Conversação interna verbalizada e a expressividade da consciência de si

Resumo

O objetivo principal deste artigo é apresentar o fenômeno da conversação interna verbalizada enquanto um problema de pesquisa psicológica. 18 adultos (entre 19 e 34 anos) foram instruídos a expressar em voz alta o seu pensamento durante uma tarefa com a versão brasileira do Teste de Matrizes Progressivas – Raven. As verbalizações dos participantes foram submetidas à análise qualitativa baseada nos três passos reflexivos da fenomenologia semiótica: descrição, redução e interpretação. A Descrição revelou uma estrutura da conversação interna verbalizada organizada em três categorias: descrição visual, raciocínio lógico e diálogo objetivo. A Redução apontou as relações dialógicas como um aspecto essencial da conversação interna, caracterizada por dois diferentes aspectos: o informacional e o comunicacional. A Interpretação indicou que uma descrição cuidadosa da expressão consciente de relações dialógicas exige uma compreensão do processo comunicativo como uma relação lógica com ênfase na função pragmática. A experiência consciente da reflexividade é revelada tanto em seu aspecto temporal (enquanto uma presença) quanto em seu aspecto espacial (enquanto uma ausência).

Palavras-chave: conversação interna, consciência de si, pesquisa qualitativa, fenomenologia semiótica.

This paper is an attempt to present the phenomenon of inner speech regarded as a psychological qualitative research problem. Firstly, we introduce the general context that relates inner speech and consciousness research. Second, we focus on psychological studies of inner speech in order to have a more accurate picture of how this subject could be addressed in the psychological research as a qualitative problem (*Part I*). Next, we describe the semiotic-phenomenological research method and present empirical evidence supporting the view of inner speech as a dialogic expressiveness of self-consciousness (*Part II*). In the conclusion, we suggest questions for further studies.

Part I

The investigation of inner speech has been increased over the last years, impelled by the use of brain imaging's technology. Indeed, studies of the brain correlates of inner speech play an important role in the return of the human consciousness to the heights it held before the behavioristic coup of 1913 (Baars, 2003). Recently, inner speech was associated with activation in the left inferior frontal/insula region, the left temporo-parietal cortex, the right cerebellum, and the supplementary motor area (Shergill, Bullmore, Brammer, Williams, Murray & McGuire, 2001). It was also demonstrated that the activity in areas that generate inner speech modulates activity in regions responsible for verbal perception (Shergill, Brammer, Fukuda, Bullmore, Amaro, Murray & McGuire, 2002). These findings associate inner speech with left hemispheric activity and are supporting the view that inner speech is deeply linked to self-awareness (Morin, 2001). More specifically, according to Morin (2002), inner speech is linked to self-reflection, that is, a non-anxious, healthy form of self-awareness. Loss of inner speech decreases self-awareness and, as the main cognitive

process leading to self-awareness, inner speech is what makes us aware of our own existence (Morin, 2003).

Outside brain studies, we can find inner speech linked to diverse areas but equally focusing on consciousness processes. Inner speech has been associated with dream bizarreness (States, 2000); performances on cognitively demanding tasks in human problem-solvers (Varley, 2002); typographical errors (Logan, 1999); acoustic representations activated in silent reading (Abramson, 1997); verbal hallucinations as a variety of inner speech with dialogical properties (Davies, Thomas & Leudar, 1999); auditory hallucinations in schizophrenia (Johns, Gregg, Vythelingum, McGuire, 2003); conscious propositional thinking (Carruthers, 2002; Frankish, 2002; Pleh, 2002); memory retrieval (Schrauf, 2002; Emerson & Miyake, 2003) and autobiographical memory (Larsen, Schrauf, Fromholt & Rubin, 2002).

In the psychological field, inner speech is linked to an effort to develop measures and instruments (Fenigstein, Scheier & Buss, 1975; Schneider, 2002; Siegriest, 1996). Siegriest (1996) developed a self-talk scale measuring inner speech. The findings suggested that highly self-aware individuals use inner speech more frequently in comparison to less self-aware individuals. Schneider (2002) investigated relations among self-talk, self-consciousness and self-knowledge quantitative measures, indicating a strong significant and positive correlation between inner speech and self-reflection, that is, consciousness' capacity of thinking about itself. The study also emphasized that quantitative measures may be quite limited to investigate inner speech.

In developmental psychology, more specifically, the investigation of inner speech is related to the classical works of Jean Piaget (1896-1980) and Lev Vygotski (1896-1934). Although both authors emphasize the importance of inner speech in the mental

development, it is in the latter author's work that inner speech is fundamentally linked to the development of thought. According to Vygotski (1934/1962), the internalization of speech is a key moment in the language acquisition process. In an early stage of development, thought is nonverbal and language is nonintellectual. Thought and speech have different roots; nevertheless the development affords their intertwining. Around twenty months, when thought becomes verbal and speech becomes rational, thought and speech join to initiate a new form of behavior. In that key moment, language is internalized and becomes the structure of the thinking. The social speech used for superficial interaction becomes the structure of the individual thought. Around three years of age, the speech divides in speech with others and speech with self, and, just then, the speech is internalized.

More recently, developmental studies of inner speech (Bertau, 1999; Dolitsky, 2000; Girbau, 2002) have been provided a useful way to investigate verbalized inner speech. Especially relevant was the experiment conducted by Bertau (1999) in order to understand the connection between thinking and dialogue. Bertau (1999) tested a method to study inner speech in the context of the problem-solving studies. That study was an attempt to read thinking-aloud-protocols of 6 problem-solving subjects as dialogues. Results indicate that the inner speech increases with the difficulty of the task, and the cognitively oriented, contracted inner speech can be transformed to a communicatively oriented, unfolded dialogical speech. It is also assumed that competent problem-solvers can switch between these two basic forms. These results support the assumption of the realization of the speech, to some extent, as a form of dialogue. The study also equated thinking aloud with inner speech and suggested that inner speech could be working as dialogical process.

In fact, the idea that inner speech is a genuine dialogue, not a monologue (Blachowicz, 1997) is the fundamental assumption underlying two recent perspectives on

the self – the dialogical (Hermans & Kempen, 1993; Hermans, Kempen & Van Loon, 1992) and the semiotic (Pickering, 1999; Wiley, 1994). In the dialogical perspective (Hermans, Kempen & Van Loon, 1992), self is defined as a multiplicity of relatively autonomous I-positions or voices integrating the notions of imaginative narrative and dialogue. Self and dialogue share a same structure built upon two basic motivational characteristics: dominance and intersubjective exchange. In other terms, “the separateness and autonomy of the self correspond with dominance in turn-taking behavior, and the openness and participation in the self correspond with the intersubjective exchange in dialogue” (Hermans, Kempen & Van Loon, 1992, p. 147). The dialogical relationships are brought to a spatial dimension, as it emphasizes the simultaneity, the juxtaposition, and the discontinuity of the voices.

The semiotic perspective states that human selfhood is a self-producing semiotic process (Pickering, 1999) because it is rational, symbolic, abstract, and linguistic (Wiley, 1994). Selfhood also includes sensations, emotions, non-linguistic thoughts, habitual practices, body language and even irrational expressions. This process occurs through internal conversation (Wiley, 1994). The semiotic perspective presents the internal conversation as an inter- and intra-personal dialogue, which entails a self-other-self reflexive loop. The internal conversation occurs among three temporal aspects, parts, roles or agencies of the self: the past Me, the present I and the future You. In a dialogical relationship, the (present) I speaks to the (future) You about (past) Me. Only the present self or I can speak, while the You and Me can only listen and be spoken to (Wiley, 1994). Through such semiotic perspective, the dialogue becomes then a triologue. And the self may be defined as a semiotic process of internal conversation, in the terms of Wiley (1994).

These innovative accounts of the self resume the phenomenon of inner speech as a promising source of information about the modes that consciousness uses to express itself. In accordance with Morin (1993), we assume that inner speech is the fundamental process behind or self-reflection and that “attempts to put to test the hypotheses about the nature of the relation between self-talk and self-awareness represent one of many possible avenues toward a better understanding of the mechanisms the self uses in thinking of itself” (p. 231).

In spite of the diversity of studies exploring inner speech, some important questions regarding the phenomenon as a conscious expression remain open. What is the qualitative nature of the phenomenon called inner speech? If the inner speech is a fundamental component of self-reflection, how this relationship is expressed by consciousness? If the inner speech is characterized as a dialogue, how this dialogue is expressed?

In order to provide an answer to these questions, we have conducted a qualitative exploration of the phenomenon, guided by phenomenological methodology (Lanigan, 1988). The aim of this study was to investigate qualitatively the consciousness’ modes of expressing reflexivity. The specificities of phenomenology as a methodological tool to investigate qualitatively consciousness and expression will be presented in the beginning of the following section.

Part II

Method

The phenomenological approach to qualitative research in Psychology has increased considerably after the efforts of Amedeo Giorgi in the early 1970’s (Smith, 1983). The guidelines established by him (see Giorgi, 1978 and 1985) provided discipline and a

transparent working-system to the qualitative researchers. These guidelines are underlying, in a broad sense, the qualitative design of the present study. They are improved by the semiotic-phenomenological approach presented in Lanigan's (1988, 1992) work. The qualitative design proposed here keep also some common points with the interpretative phenomenological analysis (IPA) proposed recently by Smith (2004). It would be possible to affirm that semiotic phenomenology bears on cognitive psychology in the same sense "the interpretative phenomenological analysis (IPA) concern with sense making on the part of researcher and participant could be described as cognitive psychology" (Smith, 2004, p. 41).

In the present study, phenomenology was employed in the specific context of a *praxis*, that is, as an investigative method for explanation of conscious experience. Lanigan (1988) put it in the following terms:

It is a method with an American tradition as well and includes what William James called *pragmatism* and later radical *empiricism* (Merleau-Ponty, 1963a, p. xi). The phenomenological method is what Charles Peirce (Brinkley, 1960) referred as *semiotic* and what I call *semiotic phenomenology*. All these perspectives echo Edmund Husserl's (1970a, b) quest for a return to "rigorous science" (...) (italics and inverted commas added by author, p.5).

In Psychology, semiotic phenomenology presents a methodological possibility for qualitative research due to its accurate criteria of veracity and legitimacy (Gomes, 1998). The main purpose is assessing and describing conscious experience as a communicative act of a body situated in a determined environment. While phenomenology focuses on the empirical bases of conscious experience and to the relationship between consciousness and experience, semiotics specifies the relation between what is perceived by consciousness and

what is expressed in the experience. Put it in another way, phenomenology provides a method for understanding a consciousness that is evident through gestures and speech, which are embedded in a code system explained by Semiotics.

The relationship between consciousness and experience reveals the mediation between the researcher's consciousness and his data. The researcher becomes an interpreter of the data observed or constituted for him. That mediation follows two different orders: the analysis order (AO) and the experience order (EO). Firstly, in order to analyze the logic inherent to phenomenon, the researcher uses a procedure that begins with him or herself (EO) as someone who experiences the event and defines how the experience came to consciousness. Then, in order to analyze the phenomenon (AO), the researcher must invert the sequence and define how the experience is taken (*capta*⁵) or described.

In practical terms, semiotic phenomenological analysis follows three reflexive steps: description – reduction – interpretation. The word reflexive means that each step comprises the other two. The phenomenological description is the result of the researcher comprehension of the collected data, presented as a synthesis. The researcher carefully and rigorously approaches the empirical evidence to sustain his or her descriptive synthesis. This synthesis is, then, subjected to phenomenological reduction, that is, a process of analysis focusing on exploration and specification of the description. Finally, the confrontation between synthesis and analysis results in a critical interpretation – the phenomenological interpretation.

It is important to notice that the semiotic-phenomenological analysis does not work with single case studies. Rather, the main purpose in this phenomenological procedure is to

⁵ Capta “is that ‘which was to be found out’ (Q.E.F. = *quod erat inveniendum*). That which is *taken* as evidence or *discovery (disclosure)*” (italic and inverted commas added by the author, Lanigan, 1992, p. 215).

disclosure the essential structure of the phenomenon offering a description that encompasses and takes into account the variety of a sufficient number of cases. The sufficient condition is informed by the saturation criteria, that is, when data start to reveal a repeat of the basic structure (Giorgi, 1997).

In the present study, we submitted the phenomenon of inner speech to the specific context provided by the study with Verbalized Inner Speech Method – VISM (Bertau, 1999). We followed the same procedure used in Bertau’s study to collect data, but we submitted this data to the phenomenological analysis procedures described above. The participants (18 adults, between 19 and 34 years old) were instructed to express aloud their inner speech during a task with the Brazilian version of *Raven Progressive Matrices Test* (1965) [ver Anexo B para descrição mais detalhada dos participantes⁶]. They had free time to complete the test and had to stay alone in the room. The entire session was recorded [ver Anexo C para um exemplo]. All procedures were in line with the current ethical standards of the American Psychological Association and Brazilian regulations.

Results and discussion

Phenomenological description

The participants’ speeches revealed a structure of verbalized inner speech organized on the basis of three main categories: 1) Visual description, 2) Logical reasoning, and 3) Dialogues. The latter category divides into eight basic linguistic forms: 1) exclamation; 2) imperative; 3) question; 4) question-answer; 5) statement-question; 6) statement-negative; 7) question-statement; 8) question-negative.

⁶ As observações entre colchetes em português não farão parte do artigo em inglês.

The category ‘Visual description’ covers speech’s sequences focused on the visual description of the pictures on the Raven Test exercise book.

This one is a whole cross (...) Empty, full, all striped (...) Half of a lozenge, half of a circle and half of a square. (01G1)

This one is a striped white. White. White, striped, and white. Striped blue, striped, striped, blue, striped. (18G2)

Left... top... down... right, right. Down, top – no! Left, right. (04G1).

The category named ‘Logical reasoning’ covers speech’s sequences focused on the narrative of the reasoning followed by the participant in the very moment he or she tries to solve the exercise.

...square more one little square down will make one square (...) If I put these two will be a mess. (01G1)

If you have one... the little points... if you have one square, square... always it is... just the little point, the pointed line is with pointed line. And in this one is always out the... the blue. Here, in this case, it must have one little point, one stripe, mustn’t?, to close like that. (02G1).

In this one, it fits them both, too. But, it fits inverted... (17G2).

The category named ‘Dialogues’ encompasses a special kind of verbalized inner speech, where the interaction between the utterances emphasizes the communicational aspect. The interactions are implicit into two sub-categories: exclamation and imperative. The sub-category ‘exclamation’ covers the utterances that appear isolated, between pauses (silence), expressing surprise or a strong feeling:

Oh, how terrible! (08G1).

Oh, it sucks! (15G2).

So cool! (03G1).

The sub-category ‘imperative’ covers the utterances that express clearly an order or command:

Stay calm, Maria, stay calm! (01G1)

Let me see number fifteen. (16G2)

Wait there! (07G1)

The sub-category named ‘question’ covers the utterances that express a simple isolated question, without any answer:

*hmm... How strange, this here should be half of an infinite? Huh? Huh?
Huh?(01G1)*

How funny! Here is it just the point? (09G1)

Has this one to stay here? (05G1)

The sub-category named ‘question-answer’ covers the combination of two utterances with a question is followed immediately by an answer:

So, what are you doing here? You took out the square and added little balls. (02G1)

Where is the L? There isn’t an L here! (07G1)

Hmm... how will be this thing? I guess it will be like those two together. (03G1)

The sub-category named ‘statement-question’ covers the combination of two utterances with an affirmation followed immediately by a question that remains without answer:

Then, you just have to see the two of them. Is that right? (01G1)

That’s the figure three, isn’t it? (06G1)

It doesn’t have an X here. What about now? (12G2)

The sub-category named ‘statement-negative’ covers a combination of two utterances with an affirmation immediately followed by a negative:

If I had to do it on the vertical, the first one, if I had to do it on the horizontal, it would be... It wouldn't be, because there isn't! (04G1)

It is a trick. No, trick, no, you have to think. (14G2)

It may be that one. No, no, no. (13G2)

The sub-category named 'question-statement' covers a combination of two utterances with a question followed immediately by an affirmation that is not the answer for the preceding question:

What is that is overlapping the second one? It's like that, it's like that. Like that, like that... (01G1)

Hum? It is number two. (07G1)

Is it going to? Ok, I'll drop this one and then I'll come back. (17G2)

The sub-category named 'question-negative' covers a combination of two utterances with a question followed immediately by a negative that is not an answer for the preceding question:

What does it have to do with that thing here? I don't know the name of this curve here! (01G1)

Where is the little bowl? Oh, no, here, see, here it jumped. (02G2)

Is this one here a sum to make these waves? It shouldn't, it should be a square. (01G1).

Phenomenological reduction

What has the phenomenological description to disclose about the phenomenon of inner speech? In other words, how can we understand these fragments, which constitute messages as signs? The answer to these questions takes us into the realm of

communicational psychology (Lanigan, 1992), where to decode a message is to solve a problem of ambiguity. In fact, this is a problem of qualitative analysis in psychology. According to Merleau-Ponty (1945/1976), the problem of ambiguity is inherent to all human communication. In that case, the present interpretation rests in the hermeneutic account of the entire situation, respecting the nature of data. In the semiotic-phenomenological approach, the solution is keeping the reversible relation between whole and parts constantly present as a guideline in the methodological procedure of analysis. In other words, the synthesis of the participant's verbalized inner speech (phenomenological description) presented above is taken under analysis in order to define the problematic focus.

The reduction of the thematic context set by the three categories revealed an essential structure: the dialogical relations underlying verbalized inner speech. This dialogical relation emerges as two different aspects: the informational and the communicational. The visual descriptions of the pictures of the Raven booklet as well as the narratives of logical reasoning can be characterized as informational dialogues, once we take the term information as “news, facts or knowledge given” (Hornby & Ruse, 1992. p. 329)⁷. The visual descriptions and the narratives of logical reasoning are dialogues in the sense they imply reflexivity: the statement is pronounced from self to self. But, when the statements return, the self receives them passively: these pronouncements do not require an active or immediate response.

On the other hand, the sequences of utterances in the category ‘Dialogues’ can be characterized as communicational dialogues, once we take the term communication as “the

⁷ The use of definitions provided by dictionary is a way to implement the phenomenological *epochè* proposed by Husserl (1986/1947), that is, the very act to put the researcher's preconceptions on brackets in order to look at the essentiality of the phenomenon.

act of communicating” (Hornby & Ruse, 1992. p. 124). Although not followed by immediate response, imperatives and exclamations have clearly a pragmatic function in the verbalized inner speech: they punctuate the flow of thinking and sometimes demand changes in this flow. The following passage illustrates this point:

Well. This one plus this one is equal to this. This one plus this one... equal to this. This one... plus this... It's gonna be... something with black in the middle. It would be five. Number five. [...] But... No, stay calm! This one plus this one, equal to this. This one plus this one, equal to this. So, it would be just the number six. (12G2).

The sequences of utterances elucidate more clearly the dialogical relation. They convey reflexivity as well, once the direction comes from self and goes to self. But, when they return, the self doesn't receive them passively: these pronouncements are requests that provoke an active or immediate response.

The distinction between informational and communicational aspects of dialogue has appointed the first problematic focus in the analysis of the verbalized inner speech: may information be characterized as an aspect of dialogical relation? That is, in what extent can we define that the verbalized inner speech, described as 'Visual description' and 'Logical reasoning', performs a dialogical relation if we do not have, in the sequence, the response that any communicative act presupposes?

According to Vasil'eva (1988), each remark in a dialogue is characterized from the function it performs in the communicative process. That is, the meaning of an utterance⁸ is more than the sum of the lexical meanings of the words that constitute it. This property is

⁸ Notice the distinction between utterance and statement: “we can use the word ‘statement’ to indicate a semantic function, the word ‘sentence’ to indicate a syntactic function, and the word ‘utterance’ to indicate a pragmatic function. All these function names are related by one essential nature, which we usually name by the word ‘proposition’ (...) [these words] all have the same sense but are capable of distinct reference” (Lanigan, 1988, p. 13).

what Bakhtin (1929/1973) defines as the supralinguistic character of the dialogical relations (Vasil'eva, 1988). Put it in another way, just the context can establish the agreement-disagreement, statement-supplement, and question-answer relations that constitute a communicative dialogical relationship. In this sense, the verbalized inner speech described as 'Visual description' and 'Logical reasoning' can be understood as utterances. That is, they are essentially informational in its purpose, but they are also communicative dialogical acts, in the extent they stand for a response, even if as sentences they are not a question followed by a response. Take for an example, the passage *Left... top... down... right, right. Down, top – no! Left, right* (04G1). They are not question or answer sentences, but the *no!* stresses a relationship of disagreement that makes up the *Down, top* as a question and *Left, right* as an answer.

The phenomenological reduction of these results emphasizes the reflexive aspect of the dialogical relations and points to a second problematic focus in the analysis of verbalized inner speech: what is the uniqueness of reflexivity? Or, to take on account the dialogical and the semiotic perspectives of self, is it possible to identify both temporal and spatial expression of the conscious reflexivity?

According to Wiley (1994), in the internal conversation there is a speaker sending a message (sign, interpretant, object) to a listener. In the results, the relations I (present)-me (past), and I (present)-you (future) appear clearly. Take for example the expressions *Stay calm, Maria* (I-me) and *Then, you just have to see the two of them* (I-you). They are specifying different temporal phases of the self. In the first case, the present self (I) talks to itself in the past (me) as an object. In the second case, the present self (I) talks to itself in the future (you). Of course, however, if one takes the whole context of the communicative

expression, the semiotic triad I-you-me and, consequently, the present-future-past phases are present in each fragment.

If indicators for the temporal aspect of reflexivity are explicitly visible in the verbalized inner speech, the same does not occur for the spatial character of reflexivity. The simultaneity in a strict sense is impossible because just one voice or I can talk at any given moment. However, if one takes the notions of juxtaposition and discontinuity in a more broad sense, that is, not as voices that talk at very same moment, but as intermissions or interruptions in the speech, it is possible to identify some veiled indicators. Take for example the passage *Down, top – no! Left, right* (04G1) again. The *no!* is an interruption that breaks the thought's continuity. This kind of interruption was usual in verbalized inner speech. Considerably the adverb 'there' as it appears in the passage *Wait there!* (07G1)⁹ can equally be taken as a spatiality indicator. Although this imperative utterance is a dialogue that occurs between the I (present) with a me (past), the adverb 'there' introduce the idea that two voices are sharing a same space.

Phenomenological interpretation

The phenomenological reduction sets the possibilities and limitations of the dialogical relation as an essential feature of verbalized inner speech. The first problematic focus concerns the informational and communicational aspects of the dialogical relations. The difference between informational and communicational aspects emphasizes the importance of the context on communicative relationships. The conscious experience of communication is revealed, in the same terms used by Lanigan (1988) as a triadic relationship of semiology that is the Morris' categories of semantics (content), syntactic

⁹Em português, “Peraí!” (uma contração de ‘espera’ mais ‘aí’).

(structure), and pragmatics (use) (Morris, 1938). That is, an accurate account on the conscious expression of dialogical relations requires an understanding of the communicative process as a logical relationship among three terms, with the stronger emphasis on the pragmatic function. The second problematic focus, concerning the temporal and spatial aspects of reflexivity points out to the interplay between what is present and what is absent as the main aspect underlying the relationship between verbalized inner speech and thinking. The conscious experience of reflexivity is disclosed as temporal as well as spatial. But, while the temporal aspect appears as a marked presence, the spatial aspect is marked as absence.

The verbalized inner speech expresses the fundamental connection between inner speech and reflexivity, the latter defined as self-reflection by Morin (2002). The importance of inner speech to the consciousness reflexivity is pointed out by Morin (1993, p. 223): “self-talk (or internal dialogue, inner speech), because it conveys self-information under a different form (i.e., words), would create a redundancy – and with it, a wedge – within the self”.

Conclusion

The main challenge in semiotic-phenomenological research is offering a unique description on the essential structure of the phenomenon under investigation and, at same time, a critical account provided by an external comparison with other descriptions found in the scientific literature. The qualitative nature of the phenomenon called verbalized inner speech was characterized as a reflexive conscious process disclosed as temporal as well as spatial. The relationship between verbalized inner speech and self-reflection was defined in terms of an internal dialogue which emerged as utterances.

In the present study, the theoretical parameters of external comparison were the dialogical and the semiotic perspectives of self, and the empirical parameter was the Bertau's technique to investigate inner speech. The possibilities and limitations of those theories to explain verbalized inner speech were discussed in the phenomenological interpretation preceding section. As a final consideration we just would to give few suggestions for future empirical studies. We strongly emphasize thinking aloud method as a useful way to investigate verbalized inner speech. Although we have to proceed carefully when drawing conclusions about thought from verbalized inner speech, this method provides an effective way to assess self-talk. In order to detail the interplay between temporal and spatial aspects of reflexivity we also suggest an investigation focusing the verbal tenses and adverbs employed on verbalized inner speech.

References

- Abramson, M. (1997). What the reader's eye tells the mind's ear: Silent reading activates inner speech. *Perception and Psychophysics*, *59*, 1059-1068.
- Baars, B.J. (2003). How brain reveals mind - Neural studies support the fundamental role of conscious experience. *Journal of Consciousness Studies*, *10*, 100-114.
- Bakhtin, M. (1973). *Problems of Dostoevsky's poetics* (R. W. Rotsel, Trans.). Ann Arbor: Ardis (Original work published in 1929)
- Berteau, M-C. (1999). Spuren des Gesprächs in innerer Sprache. Versuch einer Analyse der dialogischen Anteile des lauten Denkens. *Zeitschrift für Sprache & Kognition*, *18*, 4-19.
- Blachowicz, J. (1997). The dialogue of the soul with itself. *Journal of Consciousness Studies*, *4*, 485-508.
- Carruthers, P. (2002). The cognitive functions of language. *Behavioral And Brain Sciences*, *25*, 657-671.
- Davies, P.; Thomas, P. & Leudar, I. (1999). Dialogical engagement with voices: A single case study. *British Journal of Medical Psychology*, *72*, 179-187.
- Dolitsky, M. (2000). Codeswitching in a child's monologues. *Journal of Pragmatics*, *32*, 1387-1403.
- Emerson, M. J. & Miyake, A. (2003). The role of inner speech in task switching: A dual-task investigation. *Journal of Memory and Language*, *48*, 148-168.
- Frankish, K. (2002) Language, consciousness, and cross-modular thought. *Behavioral And Brain Sciences*, *25*, 685-686.
- Fenigstein, A., Scheier, M. & Buss, A. (1975). Public and private self-consciousness: assessment and theory. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *43*, 522-527.

- Giorgi, A. (1978). *Psychology as human science: a phenomenological based approach*. New York: Harper and Row.
- Giorgi, A. (1985). *Phenomenology and psychological theory and women's development*. Cambridge: Harvard University Press.
- Giorgi, A. (1997). The theory, practice and evaluation of the phenomenological method as a qualitative research procedure. *Journal of Phenomenological Psychology*, 28, 235-260.
- Girbau, D. (2002). A sequential analysis of private and social speech in children's dyadic communication. *Spanish Journal of Psychology*, 5, 110-118.
- Gomes, W. B. (org.). (1998). *Fenomenologia e pesquisa em psicologia*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Hermans, H. J. M., Kempen, H. J. G. & Van Loon, R. J. P. (1992). *The Dialogical Self: beyond individualism and rationalism*. *American Psychologist*, 47, 23-33.
- Hermans, H. J. M. & Kempen, H. J. G. (1993). *The Dialogical Self: Meaning as Movement*. San Diego: Academic Press.
- Hornby, A.S. & Ruse, C. (1992). *Oxford student's dictionary of current English*. Oxford: Oxford University Press.
- Husserl, E. (1986). *A idéia da fenomenologia* (A. Morão, Trad.). Lisboa: Edições 70. (Original publicado em 1947)
- Johns, L. C.; Gregg, L.; Vythelingum, N.; McGuire, P.K. (2003). Establishing the reliability of a verbal self-monitoring paradigm. *Psychopathology*, 36, 299-303.
- Lanigan, R. (1988). *Phenomenology of communication: Merleau-Ponty's thematic in Communicology and Semiology*. Pittsburgh: Duquesne University Press.

- Lanigan, R. (1992). *The human science of communicology*. Pittsburgh: Duquesne University Press.
- Larsen, S. F.; Schrauf, R. W.; Fromholt, P.; Rubin, D. C. (2002). Inner speech and bilingual autobiographical memory: A Polish-Danish cross-cultural study. *Memory, 10*, 45-54.
- Logan, F. A. (1999). Errors in copy typewriting. *Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance, 25*, 1760-1773.
- Merleau-Ponty, M. (1976). *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard. (Original work published in 1945)
- Morris, C. (1938). *Foundations of the Theory of Signs*. Chicago: University of Chicago Press.
- Morin, A. (1993). Self-talk and self-awareness: on the nature of the relation. *The Journal of Mind and Behavior, 14*, 223-234.
- Morin, A. (2001). The split brain debate revisited: On the importance of language and self recognition for right hemispheric consciousness. *Journal Of Mind And Behavior, 22*, 107-118.
- Morin, A. (2002). Right hemispheric self-awareness: A critical assessment. *Consciousness and Cognition, 11*, 396-401.
- Morin, A. (2003). Inner speech and conscious experience Talking to ourselves is important in developing a sense of self. *Science & Consciousness Review, 4*.
- Pickering, J. (1999). The self is a semiotic process. In S. Gallagher & J. Shear (Eds.), *Models fo self* (pp. 63-79). Exeter, UK: Imprint Academic

- Pleh, C. (2002). Speech as an opportunistic vehicle of thinking. *Behavioral And Brain Sciences*, 25, 695-698.
- Raven, J. C. (1965). *Matrizes Progressivas – Escala Avançada*. (Trans. Francisco Campos). Rio de Janeiro: Centro Editor de Psicologia Aplicada. (Raven, J. C. Advanced Progressive Matrices, sets I and II. London: H.K. Lewis, 1962).
- Schneider, J. F. (2002). Relations among self-talk, self-consciousness, and self-knowledge. *Psychological Reports*, 91, 807-812.
- Schrauf, R. W. (2002). Bilingual inner speech as the medium of cross-modular retrieval in autobiographical memory. *Behavioral And Brain Sciences*, 25, 698-699.
- Shergill, S. S.; Brammer, M. J.; Fukuda, R.; Bullmore, E.; Amaro, E.; Murray, R. M.; McGuire, P. K. (2002). Modulation of activity in temporal cortex during generation of inner speech. *Human Brain Mapping*, 16, 219-227.
- Shergill, S. S.; Bullmore, E. T.; Brammer, M. J.; Williams, S. C. R.; Murray, R. M.; McGuire, P. K. (2001). A functional study of auditory verbal imagery. *Psychological Medicine*, 31, 241-253.
- Siegrist, M. (1995). Inner speech as a cognitive process mediating self-consciousness and inhibiting self-deception. *Psychological Reports*, 76, 259-265.
- Smith, D. (1983). The history of the Graduate Program via existential-phenomenological psychology at Duquesne University. In: A. Giorgi; A. Barton & C. Maes (Eds.), *Duquesne Studies in phenomenological psychology* (vol. 4, pp. 259-300). Pittsburgh: Duquesne University Press.
- Smith, J. A. (2004). Reflecting on the development of interpretative phenomenological analysis and its contribution to qualitative research in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 1, 39-59.

- States, B. O. (2000). Dream bizarreness and inner thought. *Dreaming: Journal of the Association for the Study of Dreams*, 10, 179-192.
- Varley, R. (2002). Science without grammar: Scientific reasoning in severe agrammatic aphasia. In: P. Carruthers & S. Stich (Eds.) (2002). *The cognitive basis of science*. (pp. 99-116). New York, NY, US: Cambridge University Press.
- Vasil'eva, I. I. (1988). The importance of M. M. Bakhtin's idea of dialogue and dialogic relations for the psychology of communication. *Soviet Psychology*, 26, 17-31.
- Vygotsky, L.S. (1962). *Thought and language*. Cambridge, MA: MIT Press.
(Original work published in Russian in 1934)
- Wiley, N. (1994). *The semiotic self*. Chicago: The Univ. Chicago Press.

ESTUDO 4

*From the dialogical self to the Personal Position Repertoire: the logical relations
underlying self, positions and dialogicality*

Abstract

This study is an epistemological attempt to analyze the correspondence between the concept of dialogical self and its instrumental counterpart – the Personal Position Repertoire (PPR). This analysis relied on the empirical evidence provided by PPR's application to seventeen participants between 19 and 34 years old (11 women and 6 men). Results suggested two different contexts for the phenomenon of self's dialogicality: the possibility for a person to perceive her or himself as a multiplicity of characters, and the possibility to construct narratives about her or himself from different points-of-view. These results indicate that PPR is able to demonstrate de basic spatial structure of the dialogicality but not the dialogicality in action. Dialogicality is not a construct disclosed directly by the PPR, but an outcome of the self's narrative nature that emerges through a time-line. To conclude, some limitations and possibilities for the dialogical self theoretical framework and its instrument of self's evaluation are discussed.

Keywords: Personal Position Repertoire, self, dialogicality

*Do self dialógico ao Repertório de Posicionamento Pessoal: as relações lógicas por trás
de self, posições e dialogicidade*

Resumo

Este estudo é um esforço epistemológico para analisar a correspondência entre o conceito de self dialógico e sua contraparte instrumental, o Repertório de Posicionamento Pessoal (RPP). Essa análise toma por base a evidência empírica fornecida pela aplicação do RPP a dezessete participantes entre 19 e 34 anos de idade (11 mulheres e 6 homens). Os resultados sugerem dois contextos diferenciados para o fenômeno da dialogicidade do self: a possibilidade de um indivíduo de perceber a si mesmo como uma multiplicidade de caracteres, e a possibilidade de construir narrativas sobre si mesmo de pontos-de-vista diferentes. Estes resultados indicam que o RPP está apto a demonstrar a estrutura espacial básica da dialogicidade, mas não está apto a mostrar a dialogicidade em ação. A dialogicidade não é um construto revelado diretamente através do RPP, mas um resultado da natureza narrativa do self, que emerge através de uma linha temporal. Para concluir, são discutidas limitações e possibilidades da abordagem dialógica do self e do seu instrumento de avaliação.

Palavras-chave: Repertório de Posições Pessoais, self, dialogicidade

This study is an attempt to analyze the correspondence between the concept of dialogical self and its instrumental counterpart – the Personal Position Repertoire (PPR). The concept of dialogical self is based on the assumption that self and dialogue share a basic structure that is similar (Hermans & Kempen, 1993). This basic structure is built upon two basic motivational characteristics: dominance and intersubjective exchange. According to Hermans and Kempen (1993), “the separateness and autonomy of the self correspond with dominance in turn-taking behavior; and the openness and participation in the self correspond with the intersubjective exchange in dialogue” (p. 147). The dialogue provides the basis for a decentralized conception of self that is presented as an alternative to the individualistic and Cartesian conceptions of self. From the dialogical perspective, the self is defined as a dynamic multiplicity of relatively autonomous I positions that are imaginatively endowed with a voice so that dialogical relations between positions can be established (Hermans, Kempen & Van Loon, 1992). Dialogical relations between I-positions are maintained and developed within the self, conceived as a system. Once dialogical relations are dynamic, the parts of the system can regroup themselves (Hermans, 2000). However, the theoretical focus is directed towards the dynamics of relationships, rather than towards the components of the system (Valsiner, 2002, p. 251): “Dialogicality is the general property of systems to entail relations between their parts as definitive for the system: System $W = (A \diamond B)$, where \diamond indicates a dialogical relationship”. Maintaining the dynamic stability is a crucial necessity for the dialogical self, in so far this stability is a temporary state always replaced by instability. Therefore, the dialogical self can be characterized as an unity of flexibility and inflexibility. In other words, a flexibility of functioning is provided by the emergence of a hierarchical organization of the dialogical self as a synthesis (Valsiner, 2002). The aim of Personal Position Repertoire is a far-

reaching ‘polyphonization’ of the self before that synthesis is created. In Hermans’ (2001) words: “The strategy is first to decentralize the self as much as possible in order to establish links and connections between the positions at a later stage in the procedure” (p. 351).

The development of an instrument engages a complex epistemological reasoning, where a premise states an ontological assumption (the dialogical self as a theoretical rule) that is the context for an epistemological question (how do I know that the self is dialogical?). This basic scientific artifice allows the invention of a case (the Personal Position Repertoire) where an internal comparison of two or more phenomena (results) establishes the same context (the dialogical self as an empirical rule) (Lanigan, 1992). The development of an instrument is, therefore, the execution of an inductive reasoning. In the Personal Position Repertoire’s case, the main concern is to create the appropriate conditions under which the dialogical phenomenon will manifest. First of all, one needs to promote the phenomenon in order to examine how it manifests.

The application of the PPR in psychotherapy improved its fitness to map the complex personal repertoire of individual’s possible narrative characters (see Hermans, 2001). According to Gonçalves & Salgado (2001), this feature must be strongly emphasized as its positive feature, once it facilitates the development of a range of potential narrative positions and it promotes dialogical processes by encouraging the person to tell his/her story from a different position. In this specific context, the PPR assumes the psychological tradition of self-narratives as the empirical evidence that is given to observation. The self-narrative emerges again as the starting point for any account on consciousness, reflexivity, and consequently self-reference, that is, the self in a more broad sense.

In this sense, the critical assessment of PPR as a psychological device to examine the self may direct the focus towards a few important questions concerning both the method

and the theoretical framework. Does PPR provides and assess the phenomenon of dialogicality? Is the instrument able to assess the multiplicity of the self? What is the phenomenological nature of the I-positions?

The response, in our view, implies to clarify the logic relations underlying self, position, identity and dialogical relations. The central argument of this article is that the specificity of the focus on narrative in the dialogical theoretical framework may lead to a limitation of method (the difficulty to assess the dialogical presence of self in action). In order to support our view, we will firstly present some important features of the dialogical self theoretical framework underlying the instrument PPR, and we will point out a difference between self and identity. Then, we will bring some empirical evidence provided by the PPR to undertake this epistemological analysis.

The dialogical self

The notion of dialogue in the dialogical self theory is an effort to translate James' distinction between I and Me "into a narrative framework and into the conceptual framework of the polyphonic novel in particular" (Hermans & Kempen, 1993, p. 44). The authors point to a similarity between the modern movement in literature represented by Bakhtins' polyphonic novel and the narrative approach in psychology. The narrative approach to reality emphasizes the role of the imagination in the human conscious experience. According to Hermans & Kempen (1993), evidences of the pervasiveness of narrative in daily life are suggested by studies demonstrating the narrative structure of perception (Michotte, 1946/1963), emotion (Sarbin, 1989) and action (Sarbin, 1990). Narrative is defined as a special connection among several events built upon coherence rather than upon chronological order, and that supports the development of meaningful

structures. Thus, the narrative approach with its focus on meaning and ‘meaning making’ provides direct access to the self as a dialogical phenomenon (Hermans & Kempen, 1993). The translation of the classical James’ I-Me distinction into a narrative approach is based on the work of Mancuso and Sarbin (1983) and Sarbin (1986). According to them, whereas the uttered pronoun I stands for the author, the Me stands for the actor or narrative figure. This distinction defines the self as an author of a narrative where himself or herself is described as an actor. In fact, the self is viewed as the narrative: “the notion of ‘story’ or ‘narrative’ assumes the existence of a person who tells and an actual or imaginal person who listens” (Hermans & Kempen, 1993, p. xx).

The narrative distinction between the author and the actor or character and the focus on dialogical phenomenon find an important correspondence in the work of the Russian literary scholar Michael Bakhtin (1973/1929). Inspired by Bakhtin’s concepts of polyphonic novel and dialogue relationships, the dialogical self framework results in a view of narrative that emphasizes the ‘spatialization’ of time. The prevailing notion of narrative as a temporal structure with a beginning, an action and an end is broadened by a notion that encompasses developments over time juxtaposed in spatial structures. Juxtapositions (spatialization of temporal differences) allow, thus, the raising of new relationships between dialogical positions. As a result, the narrative is defined as a spatio-temporal structure, where time and space are assumed equally important.

The notions of imaginative narrative and dialogue are integrated in a conception of the self as a multiplicity of I positions. That is, rather than an omniscient narrator, the self is defined as the author that takes part on the novel and speaks via the voice of one or even more characters. The possibilities for such a transposition of Bakhtin’s ideas to psychological problems were especially discussed in the works of two Russian

psychologists Vas'ileva (1988) e Florenskaya (1989). According to Vas'ileva (1988), in spite of its not strictly scientific, but literary style, Bakhtin's theory can disclose psychological content. His idea of the essence of human communication is revealed within the system of concepts describing the communicative process and its main components. In the same sense, the Bakhtin's works on literary analysis bring a new understanding of the psychological problem of inner speech, when emphasizes "the uniqueness and equal status of two voices in a communicative field and in the domain of individual consciousness" (Florenskaya, 1989, p. 35).

In that sense, the metaphor of the polyphonic novel assumes an ontological function, which brings the dialogical relationships into a spatial dimension, as it emphasizes the simultaneity, the juxtaposition, and the discontinuity of the voices. Although time and space are presented as two basic notions with equal importance in the organization of narrative, space may even be considered as more basic in so far as time is spatialized (Hermans & Kempen, 1993). Rather than coherence in the self, the dialogue focuses on the intrinsic separateness of contrasting I positions situated within spatialized time or temporalized space.

The spatial nature of the self, in dialogical theory, is expressed in terms of *position* and *positioning*. According to Hermans, Kempen & Van Loon (1992), these terms are more dynamic and flexible than the traditional term *role*. The main purpose is distinguishing positions, especially internal, from traits. The evident difference is that trait theories assume traits as permanent and stable, whereas positions are investigated as situation-specific. The most essential difference is that positions are self-reflective and traits are not. Consequently, traits can neither conflict nor integrate with each other as positions do. Hermans (2001, p. 332) explains these differences in the following terms:

Whereas trait terms assume a reification of the person in terms of a personality profile, positions are assumed to be I-positions and as such they are self-reflective and self-evaluative. Not only the internal positions, but also the external positions function as I-positions: I can take the perspective of, say, my father and imagine how he views himself, his relations with my siblings and his relation with me.

However, in spite of this dialogical flexibility of the positions, the emphasis on space rather than time implies the assumption that an individual can adopt a narrative or authorial stance, somehow above the characters that make up the polyphonic and dialogical self (Barresi, 2002). This assumption may lead to the dangerous conclusion that the self can move outside the situated consciousness of the present speaker. In Barresi's (2002, p. 248) view, the conception that an individual can speak with almost equal facility in his or her dominant voice as well as in the voice of alter-egos encompasses an epistemological impossibility: "to suggest that this can happen is to assume that the present consciousness can enclose itself within a model it creates of another consciousness". In fact, the Hermans' (2001, p. 354) notion of a metaposition as a special kind of I-position that "contributes, more than other positions, to the integration and unity of the repertoire" seems to erase the classical assumption of the blind spot of the consciousness. What Barresi (2002) defines as an epistemological impossibility is named by Wiley (1994) 'blind spot of self', that is, the cognitively unavailability of the I to itself. But, in favor of Hermans' idea, Wiley (1994) explains that the self can get around its own blind spot. And, adopting a "meta" level or an outer standpoint is a practical way in which the self can observe itself: "one sees one's present self, not from within but from without, via a position of otherness" (Wiley, 1994, p. 46). Thus, the metaposition in the dialogical self framework must be understood not as a

special kind of I-position, but as a reflexive device underlying all the positions the I-self assumes.

Differentiating between self and identity

Differentiating self and identity is not an easy task, and it becomes more difficult if we think that the contemporary work about self in psychology has a history linked to developmental, personal, and social aspects. This difficulty is evident in recent publications dedicated to the relations between self and identity such as the *Handbook of Self and Identity* (Leary & Tangney, 2002), and the *Psychological Perspectives on Self and Identity* (Tesser, Felson & Suls, 2000). In spite of the important contributions of these two volumes, the conceptual problem of self and identity remains a topic for further investigations. In developmental and personality theories, the self comes with the idea of sameness and unity. In contrast, the emphasis on social context brings the idea of identity as an organizer of self, based on the societal and interpersonal relations (Gergen, 1984).

Identity theory is, in fact, a derivation of the reciprocity of self and society defined within symbolic interactionism (Rosenberg & Turner, 1981). This reciprocity allows the logical conclusion that, if society is highly differentiated, and if self reflects society, self must also be highly differentiated. That differentiation is explained in terms of numerous identities:

Identities are “parts” of the self, internalized positional designations that exist insofar as the person participates in structured role relationships, the consequence of being placed as a social object and appropriating the terms of placement for oneself. Persons may have many identities, limited only by the structured relationships in which they are implicated. (Rosenberg & Turner, 1981, p. 23)

In fact, identities are essential to self as organizers of personal values and relations. However, identities are not congenial to self. An important feature of the semiotic self theory (Wiley, 1994) is that it provides a differentiation between particular identities and the generic self. The identities emerge with self in the social milieu but they can be augmented, changed, diminished or disappeared. What happens usually is that an identity overlaps the structure of self and disturbs the self function as a meaning generator. When this happens, the meanings inherent within the identities are interpreted within the context of the currently dominant identity, for example, ethnicity, religion, social class, profession, gender, disability, or sexual orientation. A conflict between the dominant and emergent identities within self can result in psychopathology if the self is unable to modify and resolve the conflict. Resolution is necessary to facilitate adaptive understanding and behavior. In the dialogical self framework, the conflict between different positions or voices that the I can occupy is conceptualized as social dominance or power (Hermans & Kempen, 1993).

Empirical Evidence

Method

The PPR is a tool devised for mapping the dialogical self and it is divided into two parts: *Matrix of Internal and External Positions* and *Matrix of Valuations and Affect*. It is assumed a hierarchical relation among positions, valuations and affects (Hermans, 2001, p. 337):

The I can be located in different positions (highest level) and is able to tell, from each position, a specific story about the Me belonging to that position, thereby

expressing different meaning units (middle level), which each have their specific affective connotations (lowest level).

The first part is constituted by a list of 50 internal positions (e.g., *I as woman, I as man, I as professional, I as freedom seeker, I as sexual, I as idealist, my conscience, the child in myself, I as deep-down inside*) and 41 external positions (e.g., *my husband/partner, my wife/partner, my mother, my father, my colleague, a figure in my dream, somebody who is dead, a group in society to which I belong, my house*) and asked the respondent to select those positions in which he or she recognized herself and which played some role in life [ver Anexo D para versão brasileira¹⁰]. The participant could also add some positions he or she formulated. Next, the participant was invited to estimate the extent (on a 0-5 *Likert* scale, ranging from 0 = *not at all* to 5 = *very considerably*) to which in his or her experience a particular internal position is prominent (in a positive or negative way) in relation to a particular external position [ver Anexo E para versão brasileira]. The result is a matrix of internal positions (rows) and external positions (columns) with the prominence ratings (extent of prominence) in the entries.

In the second part, the *Matrix of Valuations and Affect*, the participant was set free to select two positions in order to tell a story from each one about her or his life, following a semi-structured interview protocol with questions for eliciting valuations [ver Anexo F para versão brasileira]. These open questions were used to guide the participant's in the construction of a self-narrative in a temporal dimension of past, present and future. This interview provided an account of valuations related to two positions selected by the participant. Finally, the researcher asked the participant to estimate to what extent the events and people in his or her life (using the same 0-5 scale) affected the relation to each

¹⁰ As observações entre colchetes em português não farão parte do artigo em inglês.

valuation previously elicited [ver Anexo G para versão em língua portuguesa]. This last task provided an affective profile of each valuation.

The present analysis relies in an application of the Personal Position Repertoire - PPR (Hermans, 2001) to seventeen participants between 19 and 34 years of age (11 women and 6 men)¹¹ [os *PPR* de todos os participantes foram incluídos ao final da tese, nos Anexos H e I]. They are low middle-class with different levels of education: high school, undergraduated and graduated [ver Anexo B]. We met them twice in two different weeks for the application of the complete version of PPR. In the first session, they answered the first part of the PPR, *Matrix of Internal and External Positions*, and they complete the PPR in a second session, answering the semi-structured interview and completing the *Matrix of Valuations and Affect*. In the end, researcher asked participants to express their general impression about the instrument. The PPR was explained to the participants by using the stage metaphor, in the same words suggested in Hermans (2001). They were invited to imagine a theatre stage, where a number of (internal) characters enter the stage from the left, and a number of (external) characters enter the stage from the right. Then, it was explained that the PPR is devised to study how these two groups of characters are related to each other, both within and between the two groups. All research procedures were in line with the current ethical standards of the American Psychological Association and Brazilian regulations.

¹¹ The standard list of internal and external positions as well as the standard list of affects, and the semi-structured interview were translated to Portuguese by the first author, and back-translated by a bilingual research assistant. The inconsistencies were discussed and solved by both researchers.

Results

Looking at the protocols of the participants all of them selected and understood the positions easily. Eight internal positions were added to the standard list by different participants: *I as creative*, *I as friend*, *I as Christian*, *I as human being*, *I as somebody which admires the past*, *I as rancorous*, *I as poetic*, *I as somebody which renounces the present*. Figure 1 shows the selection's frequency of each internal position. Numbers on the axis x identify the internal positions, according to the legend.

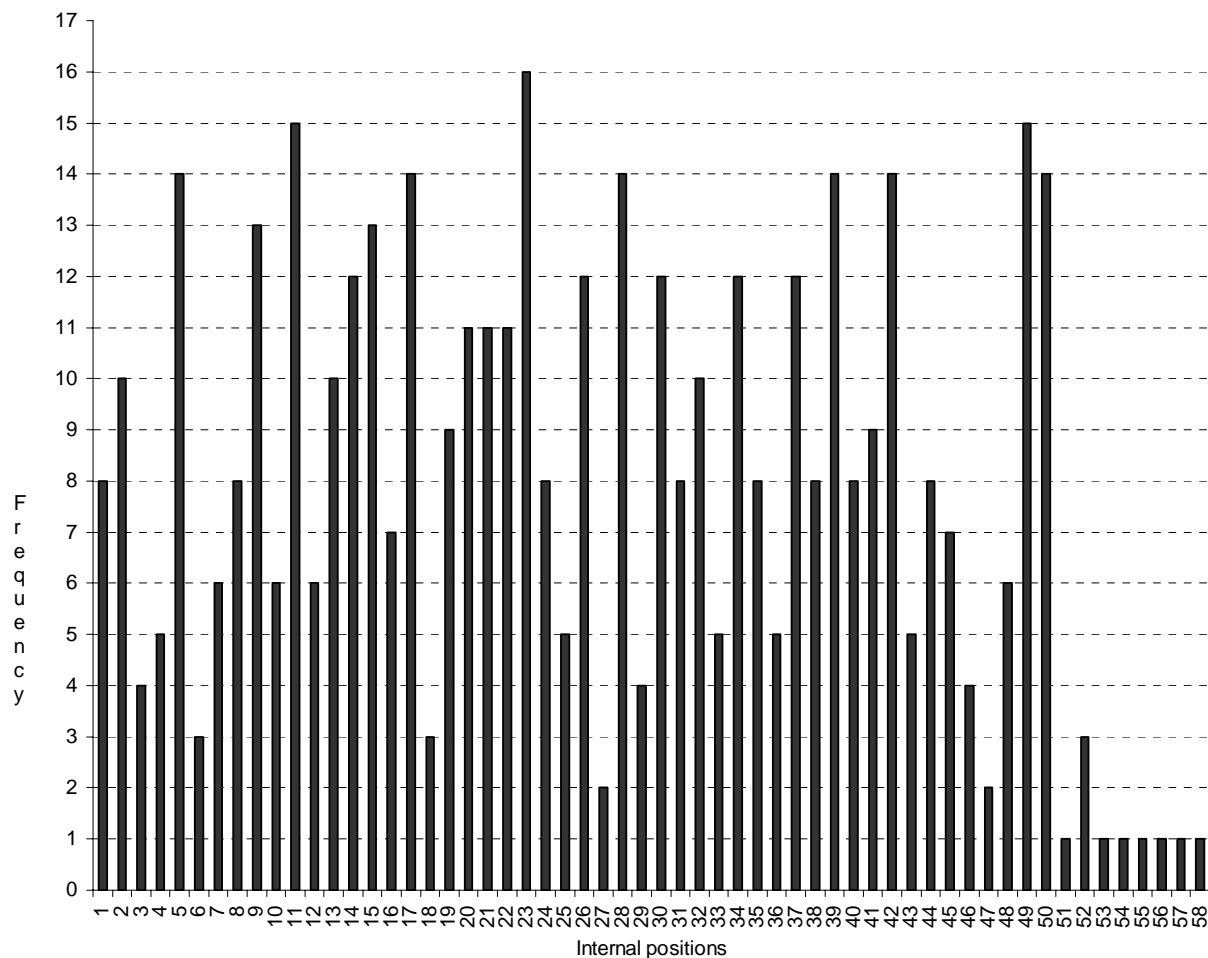


Figure 1. Internal positions' frequencies

1 - I as man
 2 - I as woman
 3 - I as father
 4 - I as mother
 5 - I as child of my parents
 6 - I as husband
 7 - I as wife
 8 - I as colleague
 9 - I as professional
 10 - I as member of a cultural community
 11 - I as freedom seeker
 12 - I as victim
 13 - I as idealist
 14 - I as independent
 15 - I as clown
 16 - I as mystic/spiritual
 17 - I as warmth seeker
 18 - I as sacrificing
 19 - I as dependant

20 - I as sexual
 21 - I as doubter
 22 - I as fighter
 23 - I as understanding
 24 - I as adventurer
 25 - I as dominating
 26 - I as restless seeker
 27 - I as betrayer
 28 - recognition seeker
 29 - I as avenger
 30 - I as demanding
 31 - I as jealous
 32 - I as perfectionist
 33 - I as guilty
 34 - I as optimist
 35 - I as vulnerable
 36 - I as disillusioned
 37 - My conscience
 38 - I as enjoyer of life
 39 - I as dreamer

40 - My masculine side
 41 - My feminine side
 42 - The child in myself
 43 - I as pessimist
 44 - I as fearful
 45 - I as materialist
 46 - I as stable
 47 - The strong part of my body
 48 - The weak part of my body
 49 - I as deep-down inside
 50 - I as presenting myself to the outside
 51 - I as creative
 52 - I as friend
 53 - I as Christian
 54 - I as human being
 55 - I as somebody which adores the past
 56 - I as rancorous
 57 - I as poetic
 58 - I as somebody which renounces the present.

The internal position *I as understanding* was the most selected (appears in 16 participants' Repertoires), followed immediately by *I as a member of a cultural community*, *I as deep-down inside* (appears in 15 participants' Repertoires), and by *I as disillusioned*, *I as warmth seeker*, *I as recognition seeker*, *I as dreamer*, *the child in myself*, and *I as presenting myself to the outside* (appearing in 14 participants' Repertoires). The internal positions added by the participants, excluding *I as a friend*, were the least selected (appeared in only one participant's PPR).

Participants also added three external positions to the standard list: *my friends*, *my nephews*, and *my aunt*. Figure 2 shows the selection's frequency of each external position. Numbers on the axis x identify the external positions, according to the legend.

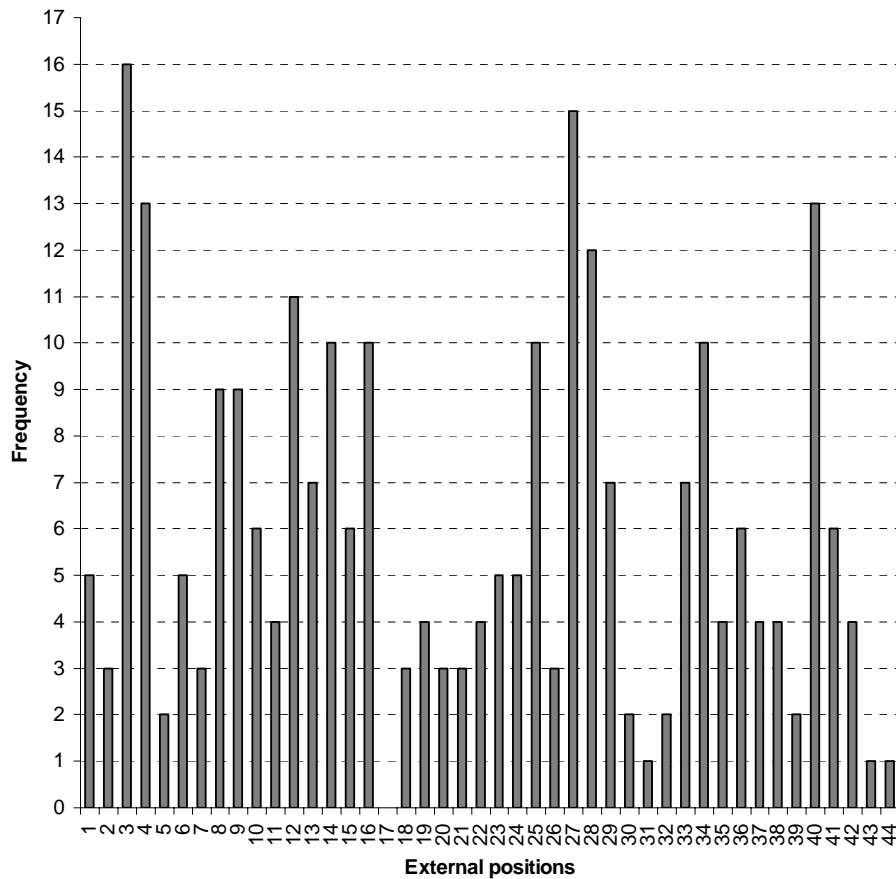


Figure 2. External positions' frequencies

- | | |
|---------------------------|--|
| 1 – My husband | 23 – A character in a book |
| 2 – My wife | 24 – A figure in music |
| 3 – My mother | 25 – Somebody who is dead |
| 4 – My father | 26 – Somebody in my imagination |
| 5 – My father-in-law | 27 – Somebody I admire |
| 6 – My mother-in-law | 28 – Somebody I love |
| 7 – My children | 29 – A problematic person |
| 8 – My brother | 30 – My ex-partner |
| 9 – My sister | 31 – Somebody I play sports with |
| 10 – My cousin | 32 – My adversary |
| 11 – My grandfather | 33 – My pet |
| 12 – My grandmother | 34 – A group in society to which I belong |
| 13 – An acquaintance | 35 – A group to which I don't belong |
| 14 – A fellow-student | 36 – A group to which I belonged in the past |
| 15 – My teacher | 37 – Another cultural group |
| 16 – My colleague | 38 – My therapist |
| 17 – My subordinate | 39 – A supernatural being |
| 18 – My employer | 40 – My house |
| 19 – My friend | 41 – Something in nature |
| 20 – My girl-friend | 42 – My friends |
| 21 – A figure in my dream | 43 – My nephews |
| 22 – A TV personality | 44 – My aunt. |

The external position *My mother* was the most selected (appears in 16 participants' Repertoires), followed immediately by *Somebody I admire* (appears in 15 participants' Repertoires). The external position *My subordinate* was not selected by any participant. The positions *Somebody I play sports with*, *My nephews* and *My aunt* (the last two added by the participants) appear in one Repertoire.

If selecting the internal and external positions was an easy task for the participants, the same does not happened with the next step of the *Matrix of Internal and External Positions*. When the researcher asked them to estimate the extent one internal position was prominent in relation to another external position, they expressed confusion and difficulty going on with this part of the task. The participants' perceptions pointed out two thematic focuses: the positions' division between internal and external types and the self's division among multiple characters. The first thematic focus revealed a difficulty to understand the external positions as self system' components:

In the beginning, it was difficult to relate the two lists of positions (...) Shall I put together what I am with the persons or with what I think about them? (G1.10)¹².

Someone I admire I ticked because when I admire someone, I do everything to be identical to this person or to show that I am capable too (G1.08).

The second thematic focus revealed the difficulty to perceive the self's multiplicity as autonomous characters:

I cannot see me in each internal position separately (G1.07). You have to take time and think about whom you are (G2.15). Am I being coherent? (G1.09).

The results of the *Matrix of Valuations and Affect* (PPR' second part) are better illustrated with the qualitative description of three participants' cases. The criteria for

¹² The code indicates that the speeches come from different participants.

selecting these cases obeyed the qualitative requirement for presenting an exemplar: illustrative cases must cover the variation constituting the essential structure of the phenomenon under investigation (Lanigan, 1992). These participants were invited to be a volunteer in research about self-consciousness when contacted the university's counseling service for career orientation. Names were changed in order to preserve the participants' anonymity. The cases are the following.

Case 1 – John, a young adult [Protocolo 12 dos Anexos H e I].

John is a working-class young adult that lives in a poor neighborhood and wants to be a writer. He has been writing short stories since his twelve's. John defined himself as someone that can't stand restless. He plans to study languages at the university, but he failed the entry exam twice. John came to the counseling service for career orientation in order "to know exactly the future perspectives of what he wants to do" (sic). John chose to tell a story about the internal position 'dreamer'. He mentioned his education in childhood, during the period when his mother was alive, as the most significant for what he becomes nowadays. Her mother was the most important person during that period of his life. Today, art (novels, music and poetry) is the most important thing to him. He wishes he were independent to decide what to do with his money. About the future of the 'dreamer', John sees himself as someone who will help poor people, especially stimulating the development of new artistic talents. The affects most strongly experienced with relation to the position 'dreamer' were joy, self-esteem, happiness, worry, strength, enjoyment, solidarity, self-confidence, warmth, trust, intimacy, safety, anger, pride, energy, inner calm, freedom and the least strongly experienced was loneliness and disappointment.

Case 2 – Claire, the only one that is not in the university [Protocolo 13 dos Anexos H e I].

Claire is a 19-years-old girl studying to the college's entry exam. She is the youngest of three sisters and defines herself as the only one that is not in the university. Claire failed the entry exam three times, each one for a different area. Now she is really in doubt about what to do and came to the counseling service for career orientation listening to her mother advice. Claire chose to tell a story about the internal positions 'child of my parents' and 'dreamer'. As 'child of my parents', she remembered that her parents always satisfied her will and that the mother was always close to her. Today, she feels her artistic side as the most important thing in her life. The most significant person is her sister. In the future, Claire wants to become independent through her work. The affect most strongly experienced with relation to the position 'child of my parents' was happiness and the least strongly experienced was inferiority. About the position 'dreamer' Claire remembered she wanted to be a designer in the childhood, but everybody always advised her to 'dream, but keeping both feet on the ground'. Today, she wishes her dreams come true. In the future, Claire plans to live alone, but with her mother's help, and sees herself as a teacher. The affect most strongly experienced with relation to the position 'dreamer' was joy and the least strongly experienced was inferiority.

Case 3 – Jack, a middle-class adult [Protocolo 14 dos Anexos H e I].

Jack is a middle-class adult (29 years-old) who moved with her fiancée to another state looking for a job. Both of them have been unemployed for almost one year. Jack worked in several and different jobs, but did not like any of them. Now, he says he feels "lost" (sic), but he probably would accept any job because he needs money. Jack chose to tell a story about the external position 'my house' and the internal position 'I as presenting myself to the outside'. About the position 'my

house', Jack remembered an event in his early childhood when his mother bought a house and they moved out. Today, he feels really sad because he does not have his own house. The most important person is his fiancée. Jack talks about an immediate future, when he will start to work and to save money.

The affects most strongly experienced with relation to the position 'my house' was joy and the least strongly experienced was anger. About the position 'I as presenting myself to the outside', Jack described an incident in his last job, when he argued with someone and said thoughtless words. Today he feels shy and would like to show people how capable he is. The family is the most important people in his present life. In the future, again an immediate future around one year when he will be 30 years old, Jack wants to establish a professional career. The affect most strongly experienced with relation to the position 'I as presenting myself to the outside' were freedom and trust, and the least strongly experienced was inferiority.

Discussion

The results of PPR suggested two different contexts for the phenomenon of self's dialogicality: the *Matrix of Internal and External Positions* provides the first and the *Matrix of Valuations and Affects* provides the second one. The participants' Matrices of Internal and External Positions demonstrated the possibility for a person to perceive her or himself as a multiplicity of characters. Such characters were perceived and expressed not only in terms of well-known adjectives (*understanding, disillusioned, and dreamer*), but they were also perceived in terms of more complex self-defining phrases (*member of a cultural community, deep-down inside, warmth seeker, recognition seeker, the child in myself, and presenting myself to the outside*), as indicated by the most frequent internal positions

selected in the participants' repertoires. The participants' self-perception in the external domain also expresses that multiplicity bringing together phrases as *mother*, *somebody I admire*, and *house* (the most frequent external positions selected). In a restricted sense, therefore, the participants' positions repertoires can be taken as an expression of the dialogicality within the self: when participants recognized and selected so many and different phrases as significant in her or his life, they were endowing different aspects of her or himself with different 'voices'. This evidence accomplishes the Personal Position Repertoire's first goal, which is the far-reaching 'polyphonization' of the self, according to Hermans (2001).

The two thematic focuses revealed in the process of relating internal and external positions raise a potentially serious question about the PPR's fitness to assess self's dialogicality. The participants difficult to understand the external positions as self system's components and to perceive the self's multiplicity as autonomous characters. In our view, this difficulty, rather than a limitation, it is an evidence of the efficacy of internal/external division as an artifact presenting positions as constructs not similar with traits. The major distinctive quality of positions is its suitability to conflict or integrate with each other and to intertwining the internal and external domains. Take, for an example, the participant's expression 'am I being coherent?' The word 'coherent' expresses the participant's perception about the conflicting character of the positions. In the same way, the participant's expression 'shall I put together what I am with the persons or with what I think about them?' indicates the intertwining between external and internal domains as a feature inherent to positions. That is, my self-perception is deeply related to the way I perceive the impressions that people have about and draw on me.

The participants' Matrices of Valuations and Affects demonstrated the possibility for a person to construct narratives about her or himself from different points-of-view. These different perspectives encompass not only internal characters as, for instance, 'child of my parents' and 'dreamer' (Claire's case), 'I as presenting myself to the outside' (Jack's case), but also external and not personal-related ones as 'my house' (Jack's case). John's Matrix of Valuations and Affects illustrates an important counterpoint: he picked up just one position ('dreamer') because, in his words, from another position he would tell a very similar story, once he would pick up another very similar position. The participants could tell a short narrative about the most important positions in their perception at that moment on their life. However, the dynamic movement between different positions of the self can be sometimes not phenomenologically experienced as illustrates Jack's case. He positioned himself in a comfortable and static position from where he told the stories about a dreamer.

The two contexts revealed by the analysis of the empirical evidence points out the PPR's limitations and possibilities as an artifact to assess the dialogicity of the self. Although in a restricted sense, it is possible to affirm the theoretical description of the self as a dynamic multiplicity of relative autonomous I positions, imaginatively endowed with a voice. In fact, this phenomenon was qualitatively observed into the responses to the PPR. However, Herman's device was able to demonstrate de basic spatial structure of the dialogicity but not the dialogicity in action. It is rather like a picture that depicts a static moment, than a movie that presents a temporal sequence of events. The concern which remains open it is the dynamic character of dialogical relationship: is it really a dialogue (a conversation among positions) or we could imagine something as a monologue (one talks about possible conversations among positions)? The problem is that the narrative may be

polyphonic but there is only one actor to think and to tell the story. But who would be the narrator? A narrative presents itself or it refers to other?

The focus of the dialogical self is the dynamics of relationships that appear into the self narratives. By its turn, self-narrative is a connection among several events built upon coherence. Another name for that is meaning, that is the same as human conscious experience. In fact, the narrative is the empirical condition, which provides access to self as a dialogical phenomenon. The concept of dialogical self, inspired in James' formulation I – Me, where the uttered pronoun I stand for the author and the uttered pronoun Me stand for the actor or narrative figure, implies a formulation for dialogicity that equals narrative with narrative. But, if the dialogicity is constituted by several and different narrative-positions we may ask who is, in James description, the narrative that stands for the other ones? What is, then, the narrative that is collected by the PPR?

The narrative is a conscious experience expression while such it is a reflexive process. The reflexive process is an ongoing conversation between the conscious experience and the experience of consciousness. In other words, the dialogue among different I-positions is a communication's outcome. It is that condition that allows and justifies the metaphor use of dialogical self. According to Wiley (1994), most communication is linear, that is, occurs between addressor and addressee, but an important part is reflexive. Thus, the consciousness experience of itself is a communicative act that occurs between the addressor and him or herself. That reflexivity is the fundamental condition for communication and, thus, for the conscious experience as an experience of consciousness, that is, the sense of self. The self is a human universal and generic capacity to produce itself as meaning. Take this assertion as a basic condition for self, and the discussion of centered or decentralized self becomes a social, historical and situated matter.

In that sense, the dialogical self must be understood as quality description instead of an ontological condition inherent in the phenomenon of self's conscious experience. Therefore, I-positions may be understood as different identities in the sense of Rosenberg and Turner (1981), that is, as internalized positional designations that constitute parts of the self. However, as reminds Wiley (1994), a differentiation between particular identities and the generic self have to be set: identities are not congenial to self. This differentiation is fundamental to any alternative to the traditional Cartesian conception of self.

The intent to decentralize the self in order to not fall in the Cartesian's trap of the ghost in the machine cannot retreat completely the figure of an author. The narrator is the conscious basis for an experiential condition of self. In its most extreme point, the emphasis on dialogue among positions will efface the self. On the contrary, the lack of dialogue will compress the self. This risk is, in fact, announced in the metaphor of theatre: in a play, dialogue is defined as a sequence of talks exchanged between characters which allow the dramatic action going on without the figure of a narrator. But, if the author is completely absent, the narrative will probably be compromised, for polyphony of voices or positions that have no basis to be reflected on produces non-sense rather than meaning.

Conclusion

The invention of a case is an artifice to analyze the correspondence between a construct and its instrumental counterpart. The epistemological analysis of the dialogical self and the PPR in the present study followed an inductive reasoning. The starting point was the invention of a case (the application of the Personal Position Repertoire) where two phenomena (the composition of a positional repertoire and the construction of narratives from different positions) were internally compared and established the same context (the

Personal Position Repertoire as an artifact to assess the dialogical self but not the dialogicity of the self in action as an empirical rule). Such rule set the limitations and possibilities for the dialogical self theoretical framework and its instrument of self's evaluation. The positional dialogicity circumscribed the self territory as space. The PPR elicited a variety of I positions but was less able to disclose the dialogicity in action. For, dialogicity may not be identified as a construct disclosed directly by the PPR, but as an outcome of the self's narrative nature that emerges through a time-line, in the extent that such narratives may promote the reorganization of an individual's Personal Position Repertoire. The narratives the self constructs allow an interchange of I-positions, that is, they achieve dialogical relations amongst them. And, although the standardized list of internal and external positions closes the context for the consciousness expression, the possibility of adding new positions offers an important way for expressiveness. Furthermore, the semi-structured interview on second part of the PPR opens again the context for self's expressiveness. Especially this last feature allow us strongly emphasize the Personal Position Repertoire's potential research and clinical application.

References

- Bakhtin, M. (1973). *Problems of Dostoevsky's poetics* (R. W. Rotsel, Trans.). Ann Arbor: Ardis (Original work published in 1929)
- Barresi, J. (2002). From 'the Thought is the Thinker' to 'the Voice is the Speaker'. *Theory & Psychology, 12*, 237-250.
- Florenskaya, T.A. (1989). Psychological problems of dialogue in light of the ideas of M. M. Bakhtin and A. A. Ukhtomskii. *Soviet Psychology, 27*, 29-40.
- Gergen, K. (1984). Theory of the self: impasse and evolution. *Advances in Experimental Social Psychology, 17*, 49-115.
- Gonçalves, M. M. & Salgado, J. (2001). Mapping the Multiplicity of the Self. *Culture & Psychology, 7*, 367-377.
- Hermans, H. J. M. (2000). Valuation, innovation and critical personalism. *Theory & Psychology, 10*, 801-814.
- Hermans, H. J. M. (2001). The construction of a personal position repertoire: method and practice. *Culture & Psychology, 7*, 323-365.
- Hermans, H. J. M., Kempen, H. J. G. & Van Loon, R. J. P. (1992). *The Dialogical Self: beyond individualism and rationalism. American Psychologist, 47*, 23-33.
- Hermans, H. J. M. & Kempen, H. J. G. (1993). *The Dialogical Self: Meaning as Movement*. San Diego: Academic Press.
- Lanigan, R. (1992). *The human science of communicology*. Pittsburgh: Duquesne University Press.
- Leary, M.R. & Tangney, J. (Eds.) (2002). *Handbook of self and identity*. New York: Guilford Press.

- Mancuso, J. C. & Sarbin, T. R. (1983). The self-narrative in the enactment of roles. In: T. R. Sarbin, & K. Scheibe (Eds.). *Studies in social identity* (pp. 254-273). New York: Praeger.
- Michotte, A. (1963). *The perception of causality* (T. R. Miles & E. Miles, Trans.). London: Methuen.
(Original work published in 1946).
- Rosenberg, M. & Turner, R. H. (Eds.). (1981). *Social Psychology: Sociological Perspectives*. New York: Basic Books.
- Sarbin, Th. R. (1986). The narrative as a root metaphor for psychology. In: Th. R. Sarbin (Ed.). *Narrative psychology: The storied nature of human conduct* (pp. 3-21). New York: Praeger.
- Sarbin, Th. R. (1989). Emotions as narrative emplotments. In M. J. Packer & R. B. Addison (Eds.), *Entering the circle: Hermeneutic investigation in psychology* (pp. 185-201). Albany, NY: SUNY Press.
- Sarbin, Th. R. (1990). The narrative quality of action. *Theoretical and Philosophical Psychology*, 10, 49-65.
- Tesser, A., Felson, R. B., & Suls, J. M. (Eds.). (2000). *Psychological Perspectives on Self and Identity*. Washington, DC, US: American Psychological Association.
- Valsiner, J. (2002). Forms of dialogical relations and semiotic autoregulation within the self. *Theory & Psychology*, 12, 251-265.
- Vasil'eva, I. I. (1988). The importance of M. M. Bakhtin's idea of dialogue and dialogic relations for the psychology of communication. *Soviet Psychology*, 26, 17-31.
- Wiley, N. (1994). *The semiotic self*. Chicago: The Univ. Chicago Press.

CONCLUSÃO

A descrição fenomenológica definiu duas temáticas distintas, mas interligadas, na investigação psicológica do self: a reformulação epistemológica do problema do self direcionado para a perspectiva comunicacional, e a especificação dessa condição comunicacional como a estrutura essencial do fenômeno, nos seus aspectos temporal e espacial. O self foi compreendido, desde uma perspectiva eidética, como o resultado de um processo de interação comunicativa com o meio que o circunda e ontologicamente definido como um processo temporalmente reflexivo e espacialmente dialógico. Essa compreensão responde a uma tendência de superação das grandes dicotomias, em relevo na pesquisa psicológica atualmente, que reformula a questão da relação entre o self e seu ambiente nos termos de uma fusão entre os dois extremos.

A crítica às grandes dicotomias que caracterizaram as teorizações modernas é uma preocupação recorrente nas análises pós-modernas da psicologia (Arendt, 2001). Porém, são justamente as áreas relacionadas aos estudos cognitivos aquelas que mais se ressentem de uma manutenção deliberada da dicotomia entre o individual e o social. De acordo com Arendt, os processos cognitivos como inteligência, consciência e self são pontos de toque onde a dicotomia entre o individual ou psicológico *versus* o social torna-se mais evidente. Nessas áreas, as dicotomias traduzem-se em posturas reducionistas e mutuamente exclusivas que acabam por definir os processos ou como características inerentes ao indivíduo ou como resultado do contexto social no qual o indivíduo se insere. O presente estudo faz eco ao argumento de Arendt de que a psicologia deve estar atenta a essa discussão a fim de evitar tais reducionismos. Nesse sentido, as abordagens semiótica e dialógica de self, uma vez voltadas para a natureza comunicativa do fenômeno, parecem

bem aparelhadas teórica e metodologicamente para oferecer soluções afinadas com essas necessidades. A abordagem dialógica, herdeira de uma tradição europeia de ênfase no coletivo, propõe uma fusão da tradição russa da crítica literária com a psicologia pragmatista jamesiana, como forma de preservar a dimensão individual do self de uma absorção completa pelo social. Conforme Hermans (2001), “o self dialógico é uma abordagem teórica para a inclusão mútua de self e cultura” (p. 243), com o objetivo de fornecer uma ferramenta metodológica para o estudo do self e da cultura empiricamente. A abordagem semiótica, herdeira da tradição anglo-americana de ênfase nas diferenças individuais, propõe uma ponte com a sociologia, como forma de expandir a dimensão social do self. Conforme Wiley (1994), o self semiótico “é mais social que a versão de Descartes ou que a versão dos empiricistas britânicos, mas menos social que a dos idealistas alemães, o indivíduo sendo menos absorvido pela sociedade” (p. 80). Ambas as abordagens do self parecem buscar o que Colapietro (1990) apontou como uma tradução da linguagem francesa em um idioma pragmático. Nos termos do próprio autor, “uma resposta pragmática às ênfases dominantes dos pensadores pós-modernos. (...) uma apropriação crítica dos *insights* fundamentais do discurso pós-moderno, em particular os *insights* sobre a subjetividade” (Colapietro, 1990, p. 644).

A redução fenomenológica focalizou o problema da expressividade do processo comunicacional reflexivo desde uma perspectiva empírica e o submeteu a dois contextos metodológicos diferenciados: a conversação interna verbalizada e o repertório de posições pessoais. A conversação interna verbalizada forneceu evidências de um modo dialógico de expressão do processo reflexivo da consciência. A relação dialógica foi definida como um processo comunicativo fundado numa relação lógica entre três termos, com ênfase na função pragmática. O repertório de posições pessoais apontou a dialogicidade

(*dialogicality*) não como uma condição ontológica inerente ao fenômeno da experiência consciente de si, mas como um resultado da natureza narrativa do self.

As investigações com pequenas amostras são artifícios que exploram a viabilidade de uma dada teoria. A presente tese, guiada por uma metodologia qualitativa, propôs uma comparação externa para estabelecer a identidade lógica de dois fenômenos, isto é, o self como um processo semiótico e o self como narrativa. Essa comparação apontou a reflexividade da consciência e a sua capacidade de produzir a si mesma enquanto sentido (*meaning*) como a condição ontológica essencial dos dois fenômenos. A geração de sentido foi então compreendida enquanto uma função da estrutura triádica eu-você-mim da conversação interna que nos permite sintetizar várias identidades em um self coeso. A comparação externa também revelou a eficácia do método do pensamento em voz alta para eliciar a verbalização da conversação interna e torná-la expressão consciente passível de investigação, mas não demonstrou a variedade de posições do eu. Em contraste, o Repertório de Posições Pessoais (RPP) eliciu uma variedade de posições do eu, mas foi menos apto a revelar a dialogicidade em ação. A dialogicidade semiótica revelou a temporalidade do self como um processo em andamento. Em contraste, a dialogicidade posicional circunscreveu o território do self como um espaço para explorar e modificar posições das várias identidades que cada um de nós possui e para resolver estas identidades em um todo coeso. As psicopatologias decorrentes de uma impossibilidade de tal resolução justificam um potencial de aplicação clínica do RPP. Esta explanação é compatível com desenvolvimentos recentes em psicologia evolucionária, uma vez que preserva a noção de um self genérico. É compatível com a psicologia social, que reconhece as identidades como sedimentação de posições do eu. É compatível com a psicologia do desenvolvimento porque considera as mudanças de estágios, a experiência e o tempo como inerentes ao

processo. Finalmente, é compatível com psicologia clínica, uma vez que alerta para a possibilidade de uma identidade privar o self de sua função de renovar sentido.

O foco central dessa tese foi investigar as relações lógicas que governam o fenômeno psicológico denominado self e esclarecer os problemas e obscuridades subjacentes aos pressupostos de dois modelos teóricos específicos: o semiótico e o dialógico. O resultado dessa investigação é uma descrição compreensiva do self enquanto processo reflexivo da consciência. A noção de reflexividade é apontada como uma essencialidade do fenômeno que se expressa enquanto ato comunicativo. O ato comunicativo é definido como uma conversação interna que se desenvolve no tempo e que se torna único e característico ao inserir-se em um espaço determinado (contexto). O senso de self revela-se, então, como uma expressão consciente da percepção da própria consciência.

Considerações finais

A fenomenologia-semiótica revelou-se uma possibilidade metodológica viável de investigação do problema do self. O método ofereceu indicações de como é possível utilizar a lógica semiótica para investigar uma teoria semiótica sobre o self, sem que o viés comunicacional da lente de pesquisa se sobreponha aos achados, caracterizando a má ambigüidade, nos termos de Lanigan (1992). O papel da semiótica no método fenomenológico é servir como uma lógica de raciocínio na implementação do processo de compreensão interpretativa, através do qual a percepção consciente do pesquisador é continuamente testada e reformulada pela consciência perceptiva que emerge da evidência empírica (Souza & Gomes, 2003).

O método fenomenológico-semiótico sustentou-se como sistemática de análise eidética tanto quanto empírica. A variação imaginativa sobressaiu-se como sistemática fenomenológica fundamental: diversas perspectivas (raciocínio adutivo) foram consideradas para verificar o que é estrutural, o que é recorrente, o que é constante na constituição do fenômeno self. A análise eidética ofereceu uma compreensão crítica das implicações da definição ontológica do self como uma natureza humana essencialmente simbólica e semiótica (Wiley, 1994) ou dialógica (Hermans & Kempen, 1993). A perspectiva empírica focalizou um recorte específico dessa natureza humana, no caso, o modo expressivo do processo reflexivo da consciência, para oferecer um teste da análise eidética. No sentido inverso, as duas abordagens teóricas do self quando tomadas enquanto dados de pesquisa ofereceram um novo contexto para a análise empírica. Espera-se, contudo, que mais estudos sejam realizados, submetendo o tema do self a novos e variados contextos e expandindo a aplicação dos instrumentos propostos e analisados na presente tese.

Referências

- Abramson, M. (1997). What the reader's eye tells the mind's ear: Silent reading activates inner speech. *Perception and Psychophysics*, 59, 1059-1068.
- Ades, C. (1998). Um espelho para o eu [Resumo]. *Revista de Etologia*, Número Especial, 61-70. Retirado em 04/06/2003 da Biblioteca Virtual em Saúde no World Wide Web: www.bireme.br
- Adler, A. (1927). *Practice and theory of individual psychology*. New York: Harcourt.
- Arendt, R. J. J. (2001). Construtivismo ou construcionismo? Contribuições deste debate para a psicologia social [Resumos]. Em: Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), *Resumos de Comunicações Científicas da XXXI Reunião Anual de Psicologia* (p. 12). Rio de Janeiro: SBP.
- Allport, G. (1943). The ego in contemporary Psychology. *Psychological Review*, 50, 451-478.
- Allport, G. (1962). Desenvolvimento da personalidade: considerações básicas para uma psicologia da personalidade. (Versão de H. A. Simon). São Paulo: Editora Herder. (Original publicado em inglês em 1955)
- Andacht, F. & Michel, M. (2005). A Semiotic Reflection on Self-interpretation and Identity. *Theory & Psychology*, 15, 51-75.
- Baars, B.J. (2003). How brain reveals mind - Neural studies support the fundamental role of conscious experience. *Journal of Consciousness Studies*, 10, 100-114.
- Bakhtin, M. (1973). *Problems of Dostoevsky's poetics* (R. W. Rotsel, Trans.). Ann Arbor: Ardis (Original work published in 1929)
- Baldwin, J. M. (1895). *Mental development in the child and the race: Methods and processes*. (3a. edição). New York: MacMillan & Co. Retirado em 02/08/2001 do

- Mead Project no World Wide Web:
www.spartan.ac.brocku.ca/~lward/Baldwin/Baldwin_1906/Baldwin_1906_toc.html
- Ball, W. & Tronick, E. (1971). Infant responses to impending collision: Optical and real. *Science*, *171*, 818-20.
- Barresi, J. (2002). From 'the Thought is the Thinker' to 'the Voice is the Speaker'. *Theory & Psychology*, *12*, 237-250.
- Bermúdez, J. L. (2000). *O paradoxo da autoconsciência*. (Costa, M. P., Trad.). Lisboa: Editora Instituto Piaget. (Original publicado em inglês em 1998)
- Berteau, M-C. (1999). Spuren des Gesprächs in innerer Sprache. Versuch einer Analyse der dialogischen Anteile des lauten Denkens. *Zeitschrift für Sprache & Kognition*, *18*, 4-19.
- Berthenthal, B. I. & Bai, D.L. (1989). Infants' sensitivity to optical flow for controlling posture. *Developmental Psychology*, *25*, 936-45.
- Blachowicz, J. (1997). The dialogue of the soul with itself. *Journal of Consciousness Studies*, *4*, 485-508.
- Bunge, M. (1980). *Epistemologia* (C. Navarra, Trad.). São Paulo: T. A. Queiroz.
- Butterworth, G. (1999). A developmental-ecological perspective on Strawson's 'The Self'. Em: S. Gallagher & J. Shear (Orgs.). *Models of Self* (p. 203-204). Exeter: Imprint Academic.
- Butterworth, G. & Hicks, L. (1977). Visual proprioception and postural stability in infancy: A developmental study. *Perception*, *6*, 255-62.
- Butterworth, G. & Hopkins, B. (1988). Hand-mouth coordination in the newborn baby. *British Journal of Developmental Psychology*, *6*, 303-14.

- Calkins, M. W. (1915). The Self in Scientific Psychology. *American Journal of Psychology*, 26, 495-524. Retirado em 02/08/2001 do Classics in the History of Psychology no World Wide Web: www.psychclassics.yorku.ca
- Canguilhem, G. (1994). *Études d'histoire et de philosophie des sciences*. (7^a ed.) Paris: Librairie Philosophique J. Vrin. Conferência pronunciada no Collège Philosophique em 18 de dezembro de 1956. (Originalmente publicado em francês em 1968)
- Carruthers, P. (2002). The cognitive functions of language. *Behavioral And Brain Sciences*, 25, 657-671.
- Celes, L. A.M. (1993). A fragmentação na elaboração freudiana: notas sobre o eu no Caso Schreber. *Percurso*, 11, 37-44.
- Colapietro, V. M. (1990). The vanishing subject of contemporary discourse: A pragmatic response. *The Journal of Philosophy*, 8711, 644-655.
- Cooley, C. H. (1902). *Human nature and the social order*. New York: Scribner. Retirado em 02/08/2001 do Mead Project no World Wide Web: www.spartan.ac.brocku.ca/~lward/default.html
- Costa, M. M. R. & Sigelmann, E. (1999). O problema da consciência no pensamento de Wilhelm Reich. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 51, 60-74.
- Da Costa, P. C. G. (2002). Escala de autoconceito no trabalho: construção e validação. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 18, 75-81.
- Damásio, A. R. (2000). *O mistério da consciência* (L. T. Motta, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em inglês em 1999)
- Damásio, A. R. (2003). *Ao encontro de Espinosa: as emoções sociais e a neurologia do sentir*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

- Davies, P.; Thomas, P. & Leudar, I. (1999). Dialogical engagement with voices: A single case study. *British Journal of Medical Psychology*, 72, 179-187.
- Delouya, D. (1996). A pulsão 'destrutividade' e o 'pai' do self: o acesso ao real em Winnicott. *Percurso*, 17, 27-34.
- Dolitsky, M. (2000). Codeswitching in a child's monologues. *Journal of Pragmatics*, 32, 1387-1403.
- Eccles, J. C. (2000). Cérebro e consciência: o self e o cérebro. (A. André, Trad.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Elliot, R. & Greenberg, L. (1997). Multiple voices in process-experiential therapy: Dialogues between aspects of the self. *Journal of Psychotherapy Integration*, 7, 225-240.
- Emerson, M. J. & Miyake, A. (2003). The role of inner speech in task switching: A dual-task investigation. *Journal of Memory and Language*, 48, 148-168.
- Engelmann, A. (1997). Dois tipos de consciência: a busca da autenticidade. *Psicologia USP*, 8, 25-68.
- Erikson, E. H. (1950). *Childhood and society*. New York: Norton.
- Fenigstein, A., Scheier, M. & Buss, A. (1975). Public and private self-consciousness: assessment and theory. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 43, 522-527.
- Ferreira, R. M. (1999). O modelo do eu produzido socialmente em G. H. Mead. *Psique/Belo Horizonte*, 9, 76-89.
- Fivush, R. (2001). Owing experience: Developing subjective perspective in autobiographical narratives [Resumo]. Em: C. Moore & K. Lemmon (Orgs.). *The self in time: developmental perspectives* (p. 35-52). Mahwah, NJ, US: Lawrence Erlbaum Associates Inc. Publishers. Retirado em 14/03/2002 do PsycINFO.

- Florenskaya, T.A. (1989). Psychological problems of dialogue in light of the ideas of M. M. Bakhtin and A. A. Ukhtomskii. *Soviet Psychology*, 27, 29-40.
- Fogel, A. (1993). *Developing through relationships: Origins of communication, self and culture*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Frankish, K. (2002) Language, consciousness, and cross-modular thought. *Behavioral And Brain Sciences*, 25, 685-686.
- Gallagher, S. & Shear, J. (1999) (Eds.). *Models of Self*. Exeter: Imprint Academic.
- Gergen, K. (1984). Theory of the self: impasse and evolution. *Advances in Experimental Social Psychology*, 17, 49-115.
- Giavoni, A. & Tamayo, A. (2000). Inventário dos esquemas de gênero do autoconceito: IEGA. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 2, 175-184.
- Gibson, E. J. (1969). *Principles of Perceptual Learning and Development*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Gibson, J. J. (1950). *The perception of the visual world*. Boston: Houghton Mifflin.
- Giorgi, A. (1978). *Psychology as human science: a phenomenological based approach*. New York: Harper and Row.
- Giorgi, A. (1985). *Phenomenology and psychological theory and women's development*. Cambridge: Harvard University Press.
- Giorgi, A. (1997). The theory, practice and evaluation of the phenomenological method as a qualitative research procedure. *Journal of Phenomenological Psychology*, 28, 235-260.
- Girbau, D. (2002). A sequential analysis of private and social speech in children's dyadic communication. *Spanish Journal of Psychology*, 5, 110-118.

- Gobitta, M. & Guzzo, R. S. L. (2002). Estudo inicial do Inventário de Auto-Estima (SEI) - Forma A. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15, 143-150.
- Gomes, W. B. (1997). A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. *Psicologia USP*, 8, 305-336.
- Gomes, W. B. (org.). (1998). *Fenomenologia e pesquisa em psicologia*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Gonçalves, M. M. & Salgado, J. (2001). Mapping the Multiplicity of the Self. *Culture & Psychology*, 7, 367-377.
- Grant, C. B. (2004). Complex communication and the self at the edge. *Theory & Psychology*, 14, 221-237.
- Harré, R. (1998). *The singular self: An introduction to the psychology of personhood*. London: sage.
- Harré, R. & Gillett, G. (1999). A mente discursiva: os avanços na ciência cognitiva. (D. Batista, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Hazan, M. G. (1999). Self: três abordagens psicológicas. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 7, 63-73. Retirado em 04/06/2003 da Biblioteca Virtual em Saúde no World Wide Web: www.bireme.br
- Hermans, H. J. M. (1996). Voicing the self: From information processing to dialogical interchange. *Psychological Bulletin*, 119, 31-50.
- Hermans, H. J. M. (1999). Dialogical thinking and self-innovation. *Culture & Psychology*, 5, 67-87.
- Hermans, H. J. M. (2000). Valuation, innovation and critical personalism. *Theory & Psychology*, 10, 801-814.

- Hermans, H. J. M. (2001a). The dialogical self: toward a theory of personal and cultural positioning. *Culture & Psychology*, 7, 243-281.
- Hermans, H. J. M. (2001b). The construction of a personal position repertoire: method and practice. *Culture & Psychology*, 7, 323-365.
- Hermans, H. J. M. (2002). The dialogical self as a society of mind. *Theory & Psychology*, 12, 147-160.
- Hermans, H. J. M. (2003). The construction and reconstruction of a dialogical self. *Journal of Constructivist Psychology*, 16, 89-130.
- Hermans, H. J. M. & Kempen, H. J. G. (1993). *The Dialogical Self: Meaning as Movement*. San Diego: Academic Press.
- Hermans, H. J. M., Kempen, H. J. G. & Van Loon, R. J. P. (1992). The dialogical self: beyond individualism and rationalism. *American Psychologist*, 47, 23-33.
- Hilgard, E. R. (1987). *Psychology in América: a Historical Survey*. Harcourt Brace Jovanovich, Publishers.
- Hornby, A.S. & Ruse, C. (1992). *Oxford student's dictionary of current English*. Oxford: Oxford University Press.
- Horney, K. (1950). *Neurosis and human growth*. New York: Norton.
- Husserl, E. (1986). *A idéia da fenomenologia* (A. Morão, Trad.). Lisboa: Edições 70. (Original publicado em 1947)
- Humphrey, N. (1999). *A history of the mind: Evolution and the birth of consciousness*. New York: Copernicus.
- James, W. (1990). *The principles of psychology*. Chicago: Encyclopaedia Britannica. (Original publicado em 1890)

- Johns, L. C.; Gregg, L.; Vythelingum, N.; McGuire, P.K. (2003). Establishing the reliability of a verbal self-monitoring paradigm. *Psychopathology*, 36, 299-303.
- Jung, C. G. (1939). *The integration of the personality*. New York: Farrar & Rinehart.
- Kelly, G. A. (1955). *The psychology of personal constructs*. New York: Norton.
- Kuhn, T. (1989). A estrutura das revoluções científicas. (B. V. Boeira & N. Boeira, Trans.). São Paulo: Ed. Perspectiva.
- Lanigan, R. (1988). *Phenomenology of communication: Merleau-Ponty's thematic in Communicology and Semiology*. Pittsburgh: Duquesne University Press.
- Lanigan, R. (1992). *The human science of communicology*. Pittsburgh: Duquesne University Press.
- Larsen, S. F.; Schrauf, R. W.; Fromholt, P.; Rubin, D. C. (2002). Inner speech and bilingual autobiographical memory: A Polish-Danish cross-cultural study. *Memory*, 10, 45-54.
- Leary, M.R. & Tangney, J. (Eds.) (2002). *Handbook of self and identity*. New York: Guilford Press.
- Legerstee, M. (1990). Infants use multimodal information to imitate speech sounds. *Infant Behavior and Development*, 13, 343-54.
- Legerstee, M. (1994). Patterns of 4-month-old infant responses to hidden silent and sounding people and objects. *Early Development and Parenting*, 2, 71-81.
- Legerstee, M. (1997a). Contingency effects of people and objects on subsequent cognitive functioning in three-month-old infants. *Social Development*, 6, 307-21.
- Legerstee, M. (1999). Mental and bodily awareness in infancy: consciousness os self-existence. Em: S. Gallagher & J. Shear (Orgs.). *Models of Self* (p. 213-230). Exeter: Imprint Academic.

- Legerstee, M., Anderson, D. & Shaffer, A. (1998). Five- and eight-month-old infants recognize their faces and voices as familiar and social stimuli. *Child Development*, 69, 37-50.
- Legerstee, M. & Bowman, T. (1989). The development of responses to people and a toy in infants with Down Syndrome. *Infant Behavior and Development*, 12, 462-73.
- Legerstee, M., Corter, C. & Kienapple, K. (1990). Hand, arm and facial actions of young infants to a social and nonsocial stimulus. *Child Development*, 61, 774-84.
- Legerstee, M., Pomerlau, A., Malcuit, G. & Feider, H. (1987). 'The development of infants' responses to people and a doll: Implications for research in communication. *Infant Behavior and Development*, 10, 81-95.
- Leite, J. C. C.; Drachler, M. L.; Centeno, M. O.; Pinheiro, C. A. T. & Silveira, V. L. (2002). Desenvolvimento de uma escala de auto-eficácia para adesão ao tratamento anti-retroviral. *Psicologia: reflexão e crítica*, 15, 121-133.
- Logan, F. A. (1999). Errors in copy typewriting. *Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance*, 25, 1760-1773.
- Maine de Biran, P. (1954). *Influence de l'habitude sur la faculte de penser*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Mancuso, J. C. & Sarbin, T. R. (1983). The self-narrative in the enactment of roles. In: T. R. Sarbin, & K. Scheibe (Eds.). *Studies in social identity* (pp. 254-273). New York: Praeger.
- Marchiori, I. (2000). Realidade virtual e aspectos psicossociais do eu. *Psico/USF*, 5, 99-109.
- Markus, H. & Nurius, P. (1986). Possible Selves. *American Psychologist*, 41, 954-969.

- Martin, G.B. & Clark, R.D. (1982). Distress crying in neonates: Species and peers specificity. *Developmental Psychology*, 18, 3-9.
- Martins, S. R. S. (1998). Autoconceito e auto-estima: questões conceituais. *Revista da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro*, 1, 37-41. Retirado em 04/06/2003 da Biblioteca Virtual em Saúde no World Wide Web: www.bireme.br
- Mead, G. H. (1934). *Mind, self and society*. Chicago: University of Chicago Press. Retirado em 02/08/2001 do Mead Project no World Wide Web: www.spartan.ac.brocku.ca/~lward/default.html
- Medeiros, P. C.; Loureiro, S. R.; Linhares, M. B. M. & Marturano, E. M. (2000). A auto-eficácia e os aspectos comportamentais de crianças com dificuldade de aprendizagem. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 3, 327-336.
- Merleau-Ponty, M. (1976). *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard. (Original work published in 1945)
- Michotte, A. (1963). *The perception of causality* (T. R. Miles & E. Miles, Trans.). London: Methuen.
(Original work published in 1946).
- Miyake, A.; Emerson, M. J.; Padilla, F., Ahn, J. C. (2004). Inner speech as a retrieval aid for task goals: the effects of cue type and articulatory suppression in the random task cuing paradigm. *Acta Psychologica*, 115, (2-3): 123-142.
- Moraes, C. V. (1994). Desenvolvimento do autoconceito em situação escolar. *Psico*, 25, 125-138.
- Morin, A. (1993). Self-talk and self-awareness: on the nature of the relation. *The Journal of Mind and Behavior*, 14, 223-234.

- Morin, A. (2001). The split brain debate revisited: On the importance of language and self recognition for right hemispheric consciousness. *Journal Of Mind And Behavior*, 22, 107-118.
- Morin, A. (2002). Right hemispheric self-awareness: A critical assessment. *Consciousness and Cognition*, 11, 396-401.
- Morin, A. (2003). Inner speech and conscious experience Talking to ourselves is important in developing a sense of self. *Science & Consciousness Review*, 4.
- Morris, C. (1938). *Foundations of the Theory of Signs*. Chicago: University of Chicago Press.
- Mueller, F.-L. (1968). *História da psicologia, da Antigüidade aos nossos dias*. (L. L. de Oliveira, M. A. Blandy e J. B. D. Penna, Trad.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. (Original publicado em francês em 1960)
- Neisser, U. (1988). Five kinds of self knowledge. *Philosophical Psychology*, 1, 35-59.
- Nelson, K. (1997). Finding one's self in time [Resumo]. Em: J. G. Snodgrass & R. L. Thompson (Org.). *The self across psychology: self-recognition, self-awareness, and the self concept* (p. 103-116). Annals of the New York Academy of Sciences. New York: New York Academy of Sciences. Retirado em 14/03/2002 do PsycINFO.
- Noriega, J. A. V.; Albuquerque, F. J. B.; Laborin, J. F.; Silva, A. R. M. & Ávila, M. A. T. (2002). Autoconceito em uma população do nordeste brasileiro. *Psico (PUCRS)*, 33, 37-52.
- Peirce, C. S. (1931-58). *Collected Papers of C. S. Peirce*. Vol. I-VIII, C. Hartshorne, P. Weiss & A. Burks (Eds.). Cambridge, Mass: Harvard University Press.

- Pereira Júnior, A. (1999). Possível papel dos esquemas de ação no autoreconhecimento ao espelho [Resumo]. *Revista de Etologia*, 2, 127-139. Retirado em 04/06/2003 da Biblioteca Virtual em Saúde no World Wide Web: www.bireme.br
- Pickering, J. (1999). The self is a semiotic process. Em: S. Gallagher & J. Shear (Orgs.). *Models of Self* (p. 63-79). Exeter: Imprint Academic.
- Pleh, C. (2002). Speech as an opportunistic vehicle of thinking. *Behavioral And Brain Sciences*, 25, 695-698.
- Rader, E. S. & Stern, J.D. (1982). Visually elicited reaching in neonates. *Child Development*, 53, 1004-7.
- Raffaelli, R. (2002). Imagem e self em Plotino e Jung: confluências. *Estudos de Psicologia (PUCCAMP)*, 19, 23-36.
- Ramos, A. L. M.; Santos, F. H. R. & Costa, M. (1994). Escala de atração interssexual e autoconceito - EAA. *Psico*, 25, 101-114.
- Raven, J. C. (1965). *Matrizes Progressivas – Escala Avançada*. (F. Campos, Trad.). Rio de Janeiro: Centro Editor de Psicologia Aplicada. (Raven, J. C. *Advanced Progressive Matrices*, sets I and II. London: H.K. Lewis, 1962).
- Rochat, P., Blass, E.M. & Hoffmeyer, L.B. (1988). Oropharyngeal control of hand-mouth coordination in newborn infants. *Developmental Psychology*, 24, 459-63.
- Rosa, S. S. (1996). A dissociação do self e suas implicações na educação. *Percurso*, 17, 75-84.
- Rosenberg, M. & Turner, R. H. (Eds.). (1981). *Social Psychology: Sociological Perspectives*. New York: Basic Books.
- Rosenfeld, A. (1993). *O pensamento psicológico*. São Paulo: Editora Perspectiva.

- Sarbin, Th. R. (1986). The narrative as a root metaphor for psychology. In: Th. R. Sarbin (Ed.), *Narrative psychology: The storied nature of human conduct* (pp. 3-21). New York: Praeger.
- Sarbin, Th. R. (1989). Emotions as narrative emplotments. In M. J. Packer & R. B. Addison (Eds.), *Entering the circle: Hermeneutic investigation in psychology* (pp. 185-201). Albany, NY: SUNY Press.
- Sarbin, Th. R. (1990). The narrative quality of action. *Theoretical and Philosophical Psychology, 10*, 49-65.
- Schneider, J. F. (2002). Relations among self-talk, self-consciousness, and self-knowledge. *Psychological Reports, 91*, 807-812.
- Schrauf, R. W. (2002). Bilingual inner speech as the medium of cross-modular retrieval in autobiographical memory. *Behavioral And Brain Sciences, 25*, 698-699.
- Shergill, S. S.; Brammer, M. J.; Fukuda, R.; Bullmore, E.; Amaro, E.; Murray, R. M.; McGuire, P. K. (2002). Modulation of activity in temporal cortex during generation of inner speech. *Human Brain Mapping, 16*, 219-227.
- Shergill, S. S.; Bullmore, E. T.; Brammer, M. J.; Williams, S. C. R.; Murray, R. M.; McGuire, P. K. (2001). A functional study of auditory verbal imagery. *Psychological Medicine, 31*, 241-253.
- Siegrist, M. (1995). Inner speech as a cognitive process mediating self-consciousness and inhibiting self-deception. *Psychological Reports, 76*, 259-265.
- Smith, D. (1983). The history of the Graduate Program via existential-phenomenological psychology at Duquesne University. In: A. Giorgi; A. Barton & C. Maes (Eds.), *Duquesne Studies in phenomenological psychology* (vol. 4, pp. 259-300). Pittsburgh: Duquesne University Press.

- Smith, J. A. (2004). Reflecting on the development of interpretative phenomenological analysis and its contribution to qualitative research in psychology. *Qualitative Research in Psychology, 1*, 39-59.
- Solomon, R. C. (1988). *Continental Philosophy since 1750: the rise and fall of the self*. Oxford: Oxford University Press.
- Souza, M. L. & Gomes, W. B. (2003). Evidência e interpretação em pesquisa: as relações entre qualidades e quantidades. *Psicologia em Estudo, 8*, 83-92.
- States, B. O. (2000). Dream bizarreness and inner thought. *Dreaming: Journal of the Association for the Study of Dreams, 10*, 179-192.
- Stern, D. (1995). Self/other differentiation in the domain of intimate socio-affective interaction: Some considerations. In: P. Rochat (Ed.). *The self in infancy: Theory and Research, Advances in Psychology*. Amsterdam: North Holland-Elsevier.
- Sullivan, H. S. (1953). *The interpersonal theory of psychiatry*. New York: Norton.
- Taliuli, N. (1991). Atribuição causal, autoconceito e desempenho acadêmico entre alunos da escola pública. *Cadernos de Pesquisa da UFES, 1*, 15-23. Retirado em 04/06/2003 da Biblioteca Virtual em Saúde (BIREME/OPAS/OMS) no World Wide Web: www.bireme.br
- Tamayo, A.; Campos, A. P.M.; Matos, D. R.; Mendes, G. R.; Santos, J. B. & Carvalho, N. T. (2001). A influência da atividade física regular sobre o autoconceito. *Estudos de psicologia, 6*, 157-165.
- Taylor, C. (1997). *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. (Sobral, A. U. e Azevedo, D. A., Trans.). São Paulo: Edições Loyola. (Original publicado em inglês em 1989)

- Tenenbaum, D. (1996). O eu, os objetos e a identidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 30, 667-690.
- Tesser, A., Felson, R. B., & Suls, J. M. (Eds.). (2000). *Psychological Perspectives on Self and Identity*. Washington, DC, US: American Psychological Association.
- Toulmin, S. E. (1977). Self-knowledge and knowledge of the 'Self'. Em: Mischel, T. (Org.). *The Self: psychological and philosophical issues*. Oxford: Basil Blackwell.
- Vaihinger, H. (1935). *The philosophy of "As if"*. London: Kegan Paul, Trench & Trubner.
- Valsiner, J. (2002). Forms of dialogical relations and semiotic autoregulation within the self. *Theory & Psychology*, 12, 251-265.
- Varley, R. (2002). Science without grammar: Scientific reasoning in severe agrammatic aphasia. In: Carruthers, P. & Stich, S. (Eds.); et-al. (2002). *The cognitive basis of science*. (pp. 99-116). New York, NY, US: Cambridge University Press.
- Vasil'eva, I. I. (1988). The importance of M. M. Bakhtin's idea of dialogue and dialogic relations for the psychology of communication. *Soviet Psychology*, 26, 17-31.
- Vico, G. (1999). *A ciência nova*. Rio de Janeiro: Record.
(Original publicado em italiano em 1744).
- Vygotsky, L.S. (1962). *Thought and Language*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Wang, Qi (2001). Culture effects on adults' earliest childhood recollection and self-description: implications for the relation between memory and the self. *Journal of Personality and Social Psychology*, 8, 220-233.
- Wiley, N. (1994). *The semiotic self*. Chicago: The Univ. Chicago Press.
- Wiley, N. (1996). *O self semiótico*. (L. P. Rouanet, Trad.). São Paulo: Edições Loyola.
(Original publicado em inglês em 1994).

- Wolman, B. (1970). *Teorias y sistemas contemporaneos em psicologia*. Barcelona: Martinez Roca.
- Wundt, W. (1904). *Principles of physiological psychology*. (E. B. Titchener, Trad.). Retirado em 02/08/2001 do Classics in the History of Psychology no World Wide Web: www.psychclassics.yorku.ca/Wundt/Physio/
- Yonas, A., Pettersen, L. & Lockman, J.J. (1979). Young infants sensitivity to optical information for collision. *Canadian Journal of Psychology*, 33, 268-76.
- Zago, J. A. (1998). Drogadição, self, contos de fadas e recursos terapêuticos: um ponto de vista fenomenológico-existencial. *Informação Psiquiátrica*, 2, 67-71. Retirado em 04/06/2003 da Biblioteca Virtual em Saúde no World Wide Web: www.bireme.br

ANEXO A

Termo de Consentimento Informado

Estamos realizando um estudo com a finalidade de estabelecer uma comparação entre dois modelos de self na pesquisa psicológica, relacionada ao tema sobre como as pessoas se percebem. Para tal fim, será solicitado o preenchimento de uma escala e uma breve entrevista e/ou o preenchimento do Teste de Matrizes Progressivas – Raven. Através desse trabalho esperamos contribuir para o esclarecimento de algumas questões sobre a teorização do self na pesquisa psicológica.

Pelo presente Consentimento Informado, declaro que fui informado, de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do presente Projeto de Pesquisa.

Fui igualmente informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer dúvida acerca dos procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isso traga prejuízo à continuação do meu cuidado e tratamento;
- da segurança de que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a minha privacidade;
- as informações registradas no questionário e no relato escrito por mim prestadas serão arquivadas junto ao banco de dados do pesquisador responsável na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O Pesquisador Responsável por este projeto é o Prof. Dr. William Barbosa Gomes, tendo este documento sido revisado e aprovado pelo Comitê de Ética desta Instituição de atenção à saúde.

Data: __/__/__.

Nome e assinatura do Voluntário:

Assinatura do Pesquisador Responsável:

Observação: O presente documento, baseado nos artigos 10 e 16 das Normas de Pesquisa em Saúde, do Conselho Nacional de Saúde, será assinado em duas vias, de igual teor, ficando uma em poder do Voluntário e outra com o pesquisador responsável.

ANEXO B

Descrição dos participantes e da ordem de aplicação dos instrumentos

Participante/ Escolaridade	Idade	Sexo	1ª Etapa (G1)/ Duração (h:min)	2ª Etapa (G2)/ Duração (h:min)
01 - SI	25	F	RAVEN 0:55	PPR 1:05
02 - SI	21	M	RAVEN 1:13	PPR 0:54
03 - SI	21	F	RAVEN 0:43	PPR 1:22
04 - SC	24	F	RAVEN 1:27	PPR 1:06
05 - SI	23	M	RAVEN 0:40	-----
06 - SI	20	F	RAVEN 0:20	PPR 0:32
07 - SI	19	F	RAVEN 0:34	PPR 0:50
08 - SI	26	F	RAVEN 0:50	PPR 1:30
09 - SC	27	F	RAVEN 0:60	PPR 1:11
10 - SC	34	F	RAVEN 0:20	PPR 1:05
11 - SC	22	M	PPR 0:38	RAVEN 0:38
12 - EM	22	M	PPR 0:42	RAVEN 0:30
13 - EM	19	F	PPR 0:52	RAVEN 0:50
14 - EM	29	M	PPR 0:58	RAVEN 1:10
15 - EM	19	F	PPR 0:40	RAVEN 0:45
16 - EM	19	F	PPR 1:20	RAVEN 1:15
17 - SC	24	F	PPR 1:10	RAVEN 0:49
18 - SI	22	M	PPR 0:32	RAVEN 0:22
19 - EM	20	M	PPR 1:51	RAVEN 0:60

Nota. EM = Ensino Médio; SI = Superior incompleto; SC = Superior Completo

ANEXO C

Transcrição de um excerto da sessão do participante 06 com o Teste de Matrizes Progressivas

Ahnnn... Mesma coisa daquele outro. É a mesma lógica dos... Só que tem um a mais no de baixo. Não. Sim. Não. É os três riscos. Os três riscos. Os dois riscos, os três riscos. Nossa! Esse não tem lógica! Deixa eu tentar... Bom, o que falta aqui... Ah, é só inverter o risco! É o risco esse, de dois. Não! Não é. Ah, não! É o de três com os oitinhos. Que deve ser numa posição que ele não foi ainda, que deve ser o número três. É. Deve ser. Eu espero! Ahnn. Hmmm. Sim, porque sempre aparecem três...

Ta. Esse aqui... Ui (risos)! Coisa sem sentido e sem lógica dá uma outra coisa, que dá uma ou. Ta. Tem agá (h) em todos. Então agá (h) não é. Tem o I. É o I. Não, não tem. Tem o I no outro também. Tem o troço estranho... Ta, mas e esse aqui é quem? Esse é um amigo que não tem nada a ver com os outros? Ta, mas é meio, fechado, aberto. Aberto, aberto, fechado. Aberto, fechado, aberto, deve ser. E deve ser o três, talvez, mas sem muita certeza, mas tudo bem. Acredito que seja isso.

Ai (suspiro)! Esse daqui é de inverter... É. Negativo com positivo. Ai (suspiro)! Ta, vamos lá!... Sempre, quando eu somar, os risquinhos horizontais com os risquinhos verticais, que eu falei inverso agora, vai dar branco. Bolinha com bolinha vai dar preto. E quem com quem é. É isso aí. Então se eu fizer. Eu tenho que somar alguma coisa aqui, fora dê preto. Se eu tenho bolinha, tem que ser bolinha. Então ou é o cinco ou é o se. Ou é o cinco, ou é o três, ou é o quatro. Eu tenho que pegar. Dentro tem que dar, ahnn. Dentro eu preciso de alguma coisa que dê branco. Então tem que ser uns risquinhos horizontais. Então é o três ou o cinco. Que, na verdade, é o cinco. Pela complementação lógica. É. É o cinco. Cinco direitinho...

Ahnn, vamo lá! Esse aqui, ele ta, aparentemente, invertendo as posições dos coisinhas. Não, não é isso. Deixa eu ver aqui, tem outro jeito. Ahnn. Eu não faço a menor idéia como é que faz isso... Não, perai, vamo tentar de novo. Esse ta aqui. Desculpa. Esse ta aqui, esse ta aqui, esse ta aqui. Só que foi tudo mais pra lá. É isso? Só que esse aqui, tá aqui, esse aqui... hmmm. Cadê ele? Ta aqui. O que ta faltando é esse aqui ou esse aqui? Esse aqui. Que tem que ser os risquinhos ver de. Tortinhos com os risquinhos horizontais. Risquinhos tortinhos com risquinhos horizontais pode ser o quatro. Nesse sentido os risquinhos? É. Acho que só pode ser o quatro. É. Ou o oito? Vamos ver, eles são sempre na mesma direção, que é pra essa direção mesmo. Vamos ver. O quatro já tem em algum outro? Ahnn... Não. Mas o oito já tem no outro. E é sempre o que primeiro? É sempre os risquinhos... Hmmm... Deve ser prá esse lado. É o oito. É a lógica de que eles pegam e vão pra lá.

ANEXO D

Lista padronizada de posições internas e externas (Hermans, 2001b) – versão brasileira

Posições Internas

Eu como um homem
 Eu como uma mulher
 Eu como pai
 Eu como mãe
 Eu como um filho dos meus pais
 Eu como marido
 Eu como esposa
 Eu como colega
 Eu como profissional
 Eu como membro de uma comunidade cultural
 Eu como alguém que busca liberdade
 Eu como vítima
 Eu como idealista
 Eu como independente
 Eu como brincalhão/ona
 Eu como místico/espiritual
 Eu como alguém que busca calor humano
 Eu como sacrificado/a
 Eu como dependente
 Eu como sexual
 Eu como indeciso/a
 Eu como lutador/a
 Eu como compreensivo/a
 Eu como aventureiro/a
 Eu como dominador/a
 Eu como alguém que aproveita a vida
 Eu como traidor/a
 Eu como alguém que busca reconhecimento
 Eu como vingativo/a
 Eu como exigente
 Eu como ciumento/a
 Eu como perfeccionista
 Eu como culpado/a
 Eu como otimista
 Eu como vulnerável
 Eu como desiludido/a
 Minha consciência
 Eu como alguém estável
 Eu como sonhador/a
 Meu lado masculino
 Meu lado feminino
 A criança em mim
 Eu como pessimista
 Eu como temeroso/a
 Eu como materialista
 Eu como alguém estável

O ponto forte do meu corpo
 O ponto fraco do meu corpo
 Eu como eu sou comigo mesmo/a
 Eu como eu em mostro em público

Posições Externas

Meu marido/companheiro
 Minha esposa/companheira
 Meu pai
 Minha mãe
 Meu sogro
 Minha sogra
 Meus filhos
 Meu irmão
 Minha irmã
 Meu primo
 Meu avô
 Minha avó
 Um/a conhecido/a
 Um/a colega de aula
 Meu/minha professor/a
 Meu/minha colega
 Meu/minha subordinado/a
 Meu/minha chefe
 Meu/minha amigo/a
 Meu/minha namorado/a
 Uma figura no meu sonho
 Uma personalidade da TV
 Um personagem em um livro
 Uma figura na música
 Alguém que está morto
 Alguém na minha imaginação
 Alguém que eu admiro
 Alguém que eu amo
 Uma pessoa problemática
 Meu/minha ex-companheiro/a
 Alguém com quem pratico algum esporte
 Meu/minha adversário/a
 Meu animal de estimação
 Um grupo ao qual eu pertença
 Um grupo ao qual eu não pertença
 Um grupo ao qual eu pertenci no passado
 Um outro grupo cultural
 Meu/minha terapeuta
 Um ser sobrenatural
 Minha casa
 Algo na natureza

ANEXO E

Matriz de Posições Internas e Externas (Hermans, 2001b) – versão brasileira

ANEXO F

Questões para gerar valorações (Hermans, 2001) – versão brasileira

Grupo 1: O Passado

Estas perguntas pretendem guiá-lo na revisão de um ou mais aspectos da sua vida que devem ter sido de grande importância para você.

- Houve algo de maior significado no passado da sua vida que ainda continua exercendo uma forte influência em você?
- Houve no passado alguma pessoa ou pessoas, experiência ou circunstância que influenciou muito sua vida e ainda afeta consideravelmente a sua existência presente?

Grupo 2: O Presente

Mais uma vez, esse grupo consiste em duas perguntas que, após uma certa reflexão, irão guiá-lo para formular uma resposta.

- Há algo na sua existência presente que é de suma importância para você ou exerce uma grande influência em você?
- Há, na sua presente existência, alguma pessoa, pessoas ou circunstância que exerce(m) significativa influência em você?

Grupo 3: O Futuro

As perguntas a seguir irão guiá-lo para uma resposta:

- Você prevê a ocorrência de algo que vai ser de grande importância ou que vai exercer uma grande influência na sua vida futura?
- Você pressente que uma certa pessoa, pessoas ou circunstância irá exercer uma influência significativa na sua vida futura?
- Há algum objetivo ou objeto que você espera que vá exercer um papel importante na sua vida?

Fique à vontade para pensar no futuro o quão distante quiser.

ANEXO G

Lista de termos afetivos (Hermans, 2001b) – versão brasileira

alegriaP – falta de forçaN – auto-estimaS – ansiedadeN – felicidadeP – preocupaçãoN –
forçaS – vergonhaN – divertimentoP – solidariedadeP – auto-confidênciaS – solidãoN –
entusiasmoP – confiançaP – inferioridadeN – intimidadeO – segurançaP – raivaN –
orgulhoS – energiaP – decepçãoN – calma interiorP - liberdadeP

S = Sentimento de auto-afirmação;

O = Sentimentos que se referem ao contato e união com o outro;

P = Sentimentos positivos;

N = Sentimentos negativos.

ANEXO H

Matrizes de Posições Internas e Externas dos Participantes

Matriz de Posições Internas e Externas – Protocolo 01

P. Internas	P. Externas	Meu pai	Meu irmão	Minha irmã	Minha avó	Um/a colega de aula	Meu professor	Meu colega trabalho	Meu namorado	Alguém está morto	Alguém q eu admiro	Alguém que eu amo	Uma pess. problem.	Um grupo pertença	Minha casa	Amigos/amigas	Minha mãe	Total
Mulher		1	1	2	4	4	2	4	5	4	4	3	0	4	4	4	4	50
Filha dos meus pais		5	4	4	4	3	3	3	3	4	4	4	0	3	4	3	4	55
Colega de trabalho		0	0	0	0	4	4	4	0	0	0	0	0	4	0	0	0	16
Profissional		0	0	0	0	4	4	4	1	0	4	4	0	4	0	0	4	29
Membro comunidade		0	0	0	0	4	4	4	0	0	4	4	0	4	0	0	4	28
busca liberdade		4	3	3	3	3	3	3	4	2	4	4	0	4	4	3	4	51
Independente		4	4	4	3	4	4	4	4	0	4	4	0	4	4	4	4	55
Brincalhão/ona		2	3	3	4	3	3	3	4	0	3	3	0	3	3	3	3	43
busca afeto		1	3	3	2	3	2	2	4	2	4	4	0	3	4	4	4	45
Dependente		2	2	2	2	3	2	3	4	0	4	4	0	3	3	3	4	41
Sexual		0	0	0	0	0	0	0	5	0	0	0	0	0	0	0	0	5
Indeciso/a		1	1	1	1	1	1	1	3	0	2	2	0	2	2	2	2	22
Lutador/a		4	4	4	0	4	4	4	4	0	4	4	0	4	4	4	4	48
Compreensivo/a		1	4	4	4	4	4	4	4	0	4	4	4	4	4	4	4	57
Aventureiro/a		1	1	1	1	1	1	1	3	0	1	1	0	3	1	3	1	20
Dominador/a		3	3	3	0	2	2	2	3	0	3	3	1	2	3	2	2	34
busca superar limites		4	4	4	0	4	4	4	4	0	4	4	4	4	4	4	4	52
busca reconhecimento		4	4	4	4	4	4	4	4	0	4	4	4	4	4	4	4	60
Exigente		4	4	4	4	4	4	4	4	0	4	4	4	4	4	4	4	60
Ciumento/a		1	3	3	1	3	3	3	4	2	3	3	0	2	3	3	3	40
Perfeccionista		4	4	4	1	3	3	4	4	0	4	4	0	4	4	4	4	51
Otimista		3	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	62
Vulnerável		1	3	3	1	3	3	3	4	0	4	4	0	3	3	3	4	42
Minha consciência		3	3	3	2	3	3	3	4	2	3	3	3	3	3	3	3	47
aproveita a vida		2	4	4	2	3	3	3	4	0	3	3	0	4	4	4	3	46
Meu lado masculino		3	3	3	1	3	3	3	3	0	3	3	3	3	3	3	3	43
Meu lado feminino		3	4	4	4	4	4	4	5	0	4	4	4	4	4	4	4	60
A criança em mim		2	3	3	3	3	2	2	4	0	3	3	0	3	3	3	3	40
Temeroso/a		3	4	4	2	2	2	2	4	0	4	4	1	3	4	3	4	46
Materialista		3	3	3	3	3	3	3	3	0	3	3	3	3	3	3	3	45
Alguém estável		4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	64
O ponto forte do corpo		4	4	4	2	2	2	2	4	0	4	4	2	3	4	3	4	48
Eu sou em público		3	3	3	3	3	3	3	3	0	3	3	3	3	3	3	3	45
Eu sou comigo mesmo/a		4	4	4	4	4	4	4	4	0	4	4	4	4	4	4	4	60
Total		85	98	87	72	106	97	101	121	244	114	113	443	113	105	102	113	

Matriz de Posições Internas e Externas – Protocolo 02

P. Internas	Meu pai	Meu sogro	Minha sogra	Minha irmã	Meu/minha primo/a	Meu avô	Um/a colega de aula	Meu professor	Meu/minha chefe	Minha namorada	Alguém q eu admiro	Alguém que eu amo	Um grupo pertenceo	Um grupo n pertenceo	Um grupo pertenci	Meu terapeuta	Minha casa
Eu como... homem	5	4	4	4	4	4	3	0	3	5	4	5	3	3	3	3	1
Filho/filha	5	1	2	5	5	5	0	0	0	5	5	5	0	3	0	5	5
Colega trabalho	3	0	0	0	0	0	5	5	5	0	4	0	3	3	3	4	0
Profissional	5	0	0	0	3	0	5	5	5	3	5	3	5	5	0	5	0
Membro com. busca liberdade	5	0	0	2	2	0	5	2	0	5	0	5	5	5	5	3	2
Vítima	5	0	3	2	3	0	4	4	4	5	5	5	5	5	5	4	2
Idealista	3	0	3	0	0	0	5	5	2	5	0	5	3	3	3	5	0
Independente	5	0	2	0	3	0	5	3	5	5	3	5	4	4	0	4	0
Brincalhão/ona	3	2	2	3	3	0	5	0	0	2	0	3	3	3	3	1	5
busca afeto	3	1	2	3	5	0	5	3	0	3	0	3	3	3	3	1	0
Dependente	5	0	0	0	0	0	0	3	0	5	5	5	0	0	0	2	0
Sexual	4	2	2	2	4	0	2	3	5	5	0	5	3	3	0	5	5
Indeciso/a	3	5	5	0	5	0	2	3	0	5	0	5	5	5	5	5	0
Lutador/a	4	0	0	0	3	0	5	3	0	5	0	5	5	5	5	5	0
Compreensivo/a	5	5	5	5	5	0	4	3	3	3	3	3	3	3	4	3	0
Aventureiro/a	5	3	3	2	4	0	5	3	5	5	2	5	3	3	3	3	0
Dominador/a	5	2	2	2	4	0	5	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
busca sup. Lim.	3	1	1	2	3	0	1	3	0	1	0	3	0	0	0	0	0
busca reconhec.	5	4	4	3	5	0	5	3	5	5	4	4	5	5	5	5	0
Exigente	5	4	4	4	3	0	3	3	5	5	0	5	5	5	5	5	5
Ciumento/a	5	4	4	4	3	0	3	3	5	5	0	5	5	5	5	5	5
Perfeccionista	3	1	1	4	0	0	0	3	0	5	0	5	0	0	0	4	0
Culpado/a	5	0	0	5	4	0	4	3	0	3	0	5	5	5	5	5	3
Otimista	3	0	0	3	0	0	4	3	0	2	0	2	2	2	2	5	0
Vulnerável	5	0	0	1	4	0	3	3	5	3	0	3	3	3	3	3	3
Minha consc. aproveita a vida	4	2	0	2	1	0	3	3	0	5	0	5	2	2	2	5	0
Sonhador/a	4	5	5	2	5	3	5	3	4	5	5	5	5	5	5	5	5
Meu lado masc.	4	2	2	3	5	0	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
A criança mim	5	4	4	3	5	0	5	3	0	5	1	5	3	3	3	5	0
Temeroso/a	5	5	5	3	5	3	5	3	0	5	0	5	5	5	5	5	0
Materialista	4	0	2	4	5	0	3	3	0	3	0	3	3	3	3	0	0
Alguém estável em público	3	0	2	0	3	0	5	3	4	5	0	5	2	2	2	5	0
Comigo mesmo	2	0	0	2	3	0	4	3	0	2	0	1	1	1	1	3	3
Total	3	3	3	3	3	0	3	3	4	2	2	3	3	3	3	1	0
	3	0	1	4	5	0	5	3	0	5	0	5	4	4	4	5	0
	4	0	1	4	5	0	5	3	3	5	2	5	4	4	4	5	0
	14	60	74	85	122	19	127	105	75	140	57	14	113	11	91	13	45
	8											3	6		3		

Matriz de Posições Internas e Externas – Protocolo 04

P. Internas	P. Externas	Meu pai	Meus filhos	Meu irmão	Minha irmã	Meu/minha primo/a	Um/a colega de aula	Alguém q eu admiro	Alguém que eu amo	Uma p. problemática	Um grupo pertença	Minha casa	Minha mãe	Total
Mulher		5	5	5	3	4	5	4	5	5	4	5	5	54
Filha dos meus pais		5	5	5	3	4	5	4	5	0	4	5	5	50
Esposa		4	5	1	1	1	0	5	5	0	0	3	5	30
Profissional		4	3	0	0	0	0	2	2	0	4	4	5	24
busca liberdade		5	5	5	2	0	0	0	4	0	0	5	5	31
Independente		5	5	5	2	0	0	5	4	0	5	5	5	41
Brincalhão/ona		2	5	5	5	4	5	0	5	0	5	4	4	41
busca afeto		5	5	5	5	2	5	0	5	5	2	5	5	49
Sexual		0	5	0	0	3	0	0	5	0	0	0	0	13
Indeciso/a		4	5	5	0	4	4	0	4	3	5	5	5	45
Compreensivo/a		3	5	5	3	0	5	0	5	3	5	5	5	44
busca superar limites		5	4	5	5	4	5	5	5	4	5	5	5	57
busca reconhecimento		5	5	0	5	0	4	5	5	0	4	4	5	42
Exigente		5	5	5	0	0	5	3	3	0	4	5	5	40
Otimista		5	5	5	5	5	5	5	5	0	4	5	5	54
Desiludido/a		5	0	0	4	0	0	0	0	2	1	0	0	12
Sonhador/a		0	5	0	0	0	3	5	2	0	0	5	5	25
Meu lado feminino		5	5	0	4	0	4	4	5	0	4	4	5	40
Temeroso/a		4	5	5	5	0	5	1	4	5	4	5	5	48
O ponto fraco do corpo		3	5	0	0	0	3	0	0	0	3	5	5	24
Eu sou em público		5	5	0	0	0	0	4	4	0	5	4	5	32
Eu sou comigo mesma		5	5	3	3	1	5	5	5	3	4	5	5	49
Total		88	97	59	62	32	68	57	87	30	72	93	99	

Matriz de Posições Internas e Externas – Protocolo 06

P. Internas	P. Externas	Meu marido/companheiro	Minha sogra	Meu irmão	Meu/minha primo/a	Meu avô	Minha avó	Uma figura no meu sonho	Alguém que eu admiro	Meu/minha terapeuta	Minhas amigas	Minha mãe	Total
Eu como... homem		3	1	0	4	5	3	5	3	5	0	4	33
Mulher		5	5	2	3	3	5	5	4	5	5	5	47
Mãe		5	4	5	4	4	2	3	3	2	4	0	36
Filho/filha dos meus pais		5	3	2	2	5	5	0	4	5	3	5	39
Profissional		0	2	0	4	5	5	5	5	3	3	4	36
Membro de uma comunidade		3	4	0	5	4	5	5	5	3	5	5	44
Alguém que busca liberdade		5	5	2	5	5	5	5	5	5	5	5	52
Idealista		5	4	5	5	5	5	3	5	3	5	5	50
Independente		2	0	0	0	0	0	0	5	0	1	0	8
Brincalhão/ona		5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	55
Místico(a)/ espiritual		2	3	0	5	5	5	3	0	5	4	5	37
Alguém que busca afeto		5	5	5	5	5	5	0	5	0	5	5	45
Sexual		5	0	0	0	0	0	5	0	0	0	0	10
Lutador/a		0	3	5	4	5	4	5	5	0	5	5	41
Compreensivo/a		4	4	1	5	5	5	2	0	3	4	5	38
Aventureiro/a		5	0	2	5	1	1	5	3	4	5	5	36
Dominador/a		5	1	0	5	2	3	0	2	3	4	0	25
Alguém que busca superar limites		4	5	0	5	5	5	5	5	5	5	5	49
Alguém que busca reconhecimento		2	4	0	3	5	5	5	5	4	4	5	42
Otimista		5	5	3	5	5	5	5	5	2	4	5	49
Sonhador/a		5	4	2	5	5	5	5	5	5	5	5	51
A criança em mim		5	0	5	5	5	5	5	5	5	5	5	50
Eu como...ser criativo		5	4	0	5	5	5	5	5	2	5	5	46
Total		90	71	44	94	94	93	86	89	79	91	93	

Matriz de Posições Internas e Externas – Protocolo 07

	Meu pai	Meu irmão	Minha irmã	Meu avô	Minha avó	Um/a colega de aula	Meu professor/a	Meu namorado	Um person. em livro	Uma person.música	Alguém morp	Alguém eu admiro	Alguém que eu amo	Um grupo pertença	Um grupo q pertenci	Minha casa	Algo na natureza	Amigas	Minha mãe	Total
Mulher	4	2	2	1	2	1	1	5	4	0	0	2	5	2	0	1	0	2	2	35
Mãe	4	1	1	0	0	1	0	3	0	0	0	0	5	3	0	0	0	3	3	25
Filho/filha dos meus pais	5	5	5	5	5	2	1	3	0	0	0	5	5	0	0	5	0	1	5	50
Esposa	2	1	0	0	0	0	0	4	0	0	0	3	5	0	0	0	0	0	0	15
Colega de trabalho	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	6
Profissional	4	3	0	0	0	4	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	18
Vítima	2	4	2	0	0	0	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	12
Dependente	5	3	3	0	0	0	0	2	0	0	0	4	5	3	3	4	0	4	5	41
Compreensivo/a	5	2	3	0	0	0	0	4	0	0	0	0	5	4	1	4	0	4	2	34
Alguém que busca reconhecimento	5	4	3	3	3	4	5	5	0	0	0	0	5	4	4	5	0	4	5	59
Vingativo/a	3	4	4	2	0	2	3	4	0	0	0	0	5	4	3	3	0	1	3	38
Perfeccionista	5	2	3	0	0	4	5	4	0	0	0	5	5	4	3	3	0	4	4	51
Culpado/a	2	5	4	0	0	3	2	0	0	0	0	0	0	2	3	3	0	3	5	32
A criança em mim	4	3	4	0	0	3	0	3	0	0	0	0	0	3	4	4	0	4	5	37
Total	50	39	35	11	10	29	21	41	4	0	0	19	45	29	21	32	0	30	45	

Matriz de Posições Internas e Externas – Protocolo 08

P. Internas	P. Externas							Total
	Meu pai	Minha avó	Um/a conhecido/a	Alguém que eu admiro	Alguém que eu amo	Uma pessoa problemática	Minha mãe	
Mulher	0	0	0	4	5	0	0	9
Mãe	1	0	4	0	3	4	5	17
Profissional	5	4	3	5	5	2	5	29
Alguém que busca liberdade	5	5	5	5	5	5	5	35
Idealista	5	5	5	5	5	5	5	35
Independente	4	4	3	3	5	5	5	29
Brincalhão/ona	3	5	5	5	5	5	3	31
Místico(a)/ espiritual	5	5	5	5	5	5	5	35
Alguém que busca afeto	2	3	2	4	4	2	3	20
Sacrificado/a	5	5	3	3	3	3	3	25
Lutador/a	5	5	5	5	5	5	5	35
Compreensivo/a	4	4	5	4	4	4	3	28
Dominador/a	2	2	3	2	4	2	3	18
Alguém que busca superar limites	5	5	5	5	5	5	5	35
Alguém que busca reconhecimento	5	5	5	5	5	5	5	35
Exigente	5	5	4	4	4	2	4	28
Perfeccionista	3	3	3	5	5	3	3	25
Otimista	5	5	5	5	5	5	4	34
Minha consciência	3	3	3	3	3	3	4	22
Alguém que aproveita a vida	4	4	4	4	4	4	4	28
Sonhadora	3	3	4	4	4	3	3	24
Meu lado feminino	3	3	4	5	5	2	3	25
Materialista	5	5	5	5	5	5	5	35
Eu sou em público	4	4	4	4	4	4	4	28
Eu sou comigo mesmo/a	4	4	4	4	4	4	4	28
Total	95	96	98	103	111	92	98	

Matriz de Posições Internas e Externas – Protocolo 09

P. Internas	Meu marido/comp.	Um/a conhecido/a	Meu namorado	Uma person. TV	Um person. de livro	Alguém q está morto	Alguém na imagin.	Alguém que admiro	Alguém que eu amo	Uma pessoa problem.	Meu animal estim.	Um grupo pertenci	Minha casa	Algo na natureza	Minha mãe	Total
Mulher	4	1	4	1	4	1	4	3	4	2	0	1	3	1	2	27
Filha dos pais	0	0	3	0	0	0	3	2	4	3	2	0	5	0	5	27
Esposa	4	0	5	3	3	0	4	3	0	3	0	0	4	0	4	33
Profissional	4	0	4	2	4	1	4	4	3	0	0	0	0	0	0	26
Membro comum.	0	3	0	0	2	0	3	3	0	0	0	0	3	0	0	14
busca liberdade	4	3	4	0	4	0	4	4	4	3	0	3	4	4	4	45
Vítima	4	2	4	0	0	3	1	1	4	5	0	0	4	0	4	32
Idealista	1	1	1	0	4	4	0	3	4	3	0	4	0	3	0	28
Independente	4	5	4	3	4	2	0	5	5	4	0	3	5	5	5	54
Brincalhona	4	3	4	0	2	1	4	4	4	0	5	4	3	3	2	43
busca afeto	5	4	5	0	0	0	5	5	5	5	4	4	4	4	4	54
Dependente	4	3	4	0	0	0	4	4	4	5	4	4	4	4	4	48
Sexual	4	1	4	0	4	0	5	4	5	1	0	0	0	3	3	34
Indeciso/a	4	4	4	0	0	0	4	4	4	4	1	4	4	0	3	40
Lutador/a	3	2	3	4	5	0	5	4	4	1	1	2	3	3	4	44
Compreensiva	4	4	4	0	5	0	4	5	4	3	5	1	4	5	4	52
Aventureira	0	3	0	5	5	5	5	5	5	0	5	5	0	5	3	51
Traidor/a	0	3	0	4	0	0	3	0	0	5	0	4	0	0	0	19
busca reconhecim.	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	5	4	2	0	0	51
Exigente	3	3	3	0	0	0	3	3	3	5	1	3	3	4	5	35
Ciumento/a	3	3	3	0	0	0	3	3	3	5	4	3	0	0	3	33
Perfeccionista	2	2	2	0	0	0	2	2	2	5	0	0	2	0	0	19
Culpado/a	0	4	0	0	0	0	3	3	0	5	0	0	0	0	0	15
Vulnerável	3	3	3	3	3	3	3	3	3	5	3	3	3	3	3	42
Desiludido/a	3	3	3	3	3	3	3	3	3	5	0	0	4	0	3	39
Minha consciência	5	5	5	3	5	2	4	4	5	3	4	4	4	5	4	62
Sonhador/a	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	3	4	4	4	4	58
Meu lado feminino	4	4	4	3	4	2	5	4	4	4	4	4	4	4	4	58
A criança em mim	4	3	4	2	2	1	5	4	4	0	5	5	5	5	5	58
Pessimista	3	3	3	3	3	3	2	3	3	5	0	0	3	0	1	35
Temeroso/a	5	3	5	3	3	3	4	3	5	5	0	0	3	0	3	24
Materialista	4	4	4	4	3	4	3	3	4	5	0	3	4	0	3	48
O ponto fraco corpo	4	0	4	0	0	0	1	0	4	3	0	0	3	3	3	25
Eu sou em público	3	4	3	3	3	0	3	3	3	4	0	5	4	4	3	45
Eu sou comigo mesma	5	5	5	3	5	3	3	4	5	5	5	4	5	5	4	66
Total	112	99	116	60	88	49	117	116	122	118	61	81	103	77	99	

Matriz de Posições Internas e Externas – Protocolo 10

P. Internas	P. Externas	Meu pai	Meu irmão	Meu/minha primo/a	Um/a conhecido/a	Um/a colega de aula	Meu professor	Alguém morto	Alguém que eu amo	Um grupo pertença	Um ser sobrenatural	Minha casa	Algo na natureza	Meus sobrinhos	Minha mãe	Total
Filha dos meus pais		5	5	4	0	1	3	4	5	3	1	5	0	5	5	46
Colega de trabalho		1	0	0	3	4	3	0	0	3	0	4	4	4	4	30
Alguém que busca liberdade		4	5	4	2	4	3	0	3	4	0	5	3	5	4	46
Idealista		5	5	4	2	4	5	4	4	4	0	5	4	5	4	35
Brincalhão/ona		5	5	3	1	3	0	1	3	0	0	5	0	5	5	39
Místico(a)/ espiritual		5	3	4	3	3	0	5	4	5	4	5	5	3	5	54
Alguém que busca afeto		5	5	4	3	4	4	1	5	4	0	5	4	5	5	54
Dependente		5	4	3	1	2	3	0	3	3	0	5	0	3	5	37
Lutador/a		5	3	5	3	4	5	3	4	5	0	3	3	5	5	53
Compreensivo/a		5	3	5	3	4	3	3	3	3	0	3	0	4	5	44
Aventureiro/a		5	5	5	1	3	3	3	3	0	0	4	5	4	2	43
Alguém que busca superar limites		5	4	5	3	3	4	4	4	5	0	5	5	5	5	57
Ciumento/a		5	5	3	1	1	3	2	5	0	0	1	0	4	5	35
Otimista		5	2	5	3	3	3	3	5	5	0	3	5	5	5	52
Vulnerável		3	0	0	2	2	3	0	3	2	0	4	4	3	2	28
Desiludido/a		0	3	0	2	0	0	0	3	0	0	3	4	0	0	15
Minha consciência		5	4	4	3	3	3	2	4	4	0	4	3	5	5	49
Sonhador/a		4	2	4	2	3	1	3	4	4	0	5	4	5	5	46
Meu lado feminino		3	0	0	2	3	3	3	4	3	0	4	4	5	5	39
A criança em mim		5	5	5	4	4	1	4	5	4	0	5	5	5	5	57
Pessimista		0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	3
Temeroso/a		3	3	4	3	3	1	1	0	0	0	1	3	2	2	26
Eu sou em público		4	2	0	4	4	5	0	4	5	0	2	3	4	5	42
Eu sou comigo mesmo/a		4	4	4	3	3	3	0	4	4	0	5	5	5	5	49
Total		96	78	76	54	68	63	46	82	72	5	92	73	96	98	

Matriz de Posições Internas e Externas – Protocolo 11

P. Internas	P. Externas	Minha esposa	Meu pai	Meu irmão	Minha irmã	Minha avó	colega de aula	Minha namorada	personalidade TV	Alguém q admiro	Alguém q eu amo	Alguém esporte	Um gr. pertença	Minha casa	Algo na natureza	Minha mãe	Total
Homem		5	4	0	1	3	3	5	2	3	5	2	3	5	2	5	48
Pai		5	4	1	2	1	0	4	0	1	5	0	1	4	1	5	34
Filho/filha dos meus pais		4	5	3	4	3	0	4	0	1	4	0	2	4	2	5	41
Marido		5	4	2	2	3	0	4	1	3	5	0	1	5	4	5	41
Colega de trabalho		4	2	1	1	0	3	3	0	1	2	1	4	3	0	4	29
Profissional		4	5	4	5	4	4	4	3	4	4	2	3	3	1	5	55
Alguém que busca liberdade		5	2	2	0	3	3	5	3	4	5	1	3	4	0	5	45
Independente		5	3	2	2	1	3	5	2	3	5	1	2	5	1	5	45
Sexual		5	3	3	2	1	5	5	3	4	5	1	4	3	2	4	50
Indeciso/a		5	5	4	5	1	2	5	0	3	5	1	3	3	0	4	41
Compreensivo/a		5	5	2	4	3	3	5	0	2	5	2	4	4	0	5	44
Alguém que busca superar limites		4	4	3	2	1	4	5	3	3	5	4	4	5	1	5	51
Alguém que busca reconhecimento		4	3	2	2	0	3	4	0	3	5	3	5	5	2	5	46
Otimista		4	3	3	1	5	2	4	3	3	4	3	3	5	3	5	51
Minha consciência		5	4	3	5	3	3	4	3	3	5	2	3	5	2	5	50
Alguém que aproveita a vida		5	2	2	1	2	4	5	2	2	4	2	4	3	2	4	44
Sonhador/a		5	2	1	0	0	3	5	4	3	4	2	2	3	4	5	43
Meu lado masculino		5	3	4	3	1	3	5	3	3	5	3	4	3	3	5	53
A criança em mim		3	1	0	2	4	3	4	2	3	4	0	3	4	3	5	37
Alguém estável		3	3	2	1	4	3	4	3	3	5	1	4	4	2	5	47
O ponto fraco do meu corpo		3	4	2	0	1	1	3	1	0	3	2	2	3	0	4	29
Eu sou comigo mesmo/a		5	5	3	2	5	3	5	3	4	5	3	4	5	4	5	61
Total		98	76	49	47	49	58	106	41	55	99	36	68	88	36	105	

Matriz de Posições Internas e Externas – Protocolo 12

P. Internas	P. Externas										
	Meu pai	Minha mãe	Uma person. música	Alguém morto	Alguém imaginação	Alguém q. eu admiro	Meu adversário	Um gr. pertença	Um gr.não pertença	Um gr.pertenci	Total
Homem	5	5	5	5	5	5	5	3	0	5	43
Mulher	0	0	0	0	0	5	0	0	5	3	13
Pai	0	0	0	0	0	5	0	0	5	3	13
Mãe	0	0	0	0	0	5	0	0	5	3	13
Filho dos meus pais	5	5	3	0	3	3	0	5	0	0	24
Colega de trabalho	5	5	3	5	3	5	5	5	5	5	46
Vítima	0	0	0	0	0	0	0	5	5	5	15
Idealista	5	5	5	5	5	5	5	0	5	5	45
Independente	5	5	2	5	2	2	5	3	5	3	37
Brincalhão	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	50
Místico/espiritual	4	4	5	4	0	5	0	2	5	2	31
Alguém que busca afeto	5	5	2	5	5	2	0	0	0	0	24
Sacrificado	0	0	0	0	0		0	5	5	5	15
Indeciso	2	2	5	2	5	5	5	5	5	5	36
Lutador	5	5	5	5	5	5	5	3	5	5	48
Aventureiro	5	5	5	5	5	5	5	3	5	5	48
busca superar limites	5	5	5	5	5	5	5	3	5	5	48
Traidor	5	0	5	0	0	5	0	0	5	5	25
busca reconhecimento	5	5	5	5	5	5	5	3	5	5	48
Vingativo	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	50
Exigente	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	50
Ciumento	5	5	3	5	3	3	0	3	0	5	32
Perfeccionista	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	50
Otimista	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	50
Minha consciência	5	5	5	5	5	5	5	3	3	3	44
aproveita a vida	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	50
Sonhador	5	5	5	5	5	5	5	3	5	5	48
Meu lado masculino	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	50
Meu lado feminino	0	0	5	5	5	5	0	0	0	0	20
A criança em mim	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	50
Materialista	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	50
Alguém estável	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	50
O ponto fraco do meu corpo	0	5	5	5	5	5	0	0	5	5	35
Como eu sou em público	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	50
Como eu sou comigo	5	5	5	5	5	5	5	3	5	5	48
	136	136	135	136	12	15	115	107	14	14	
					6	5			8	7	

Matriz de Posições Internas e Externas – Protocolo 13

P. Internas	P. Externas	Minha mãe	Minha irmã	Minha prima	Minha avó	Uma colega de aula	Uma person. música	Alguém q. morto	Alguém q. admiro	Uma p. problemática	Um grupo pertenci	Um outro grupo	Minha casa	Total
Filha dos meus pais	5	5	4	4	0	0	5	0	3	4	4	5	39	
Alguém que busca liberdade	5	2	0	0	0	0	0	3	0	1	3	5	19	
Brincalhona	0	0	3	0	5	0	0	3	3	0	4	3	21	
Místico/espiritual	2	0	0	5	0	0	2	0	0	1	2	0	12	
Dependente	5	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	12	
Indecisa	0	1	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	3	
Lutadora	4	0	0	0	2	0	0	3	0	0	0	4	13	
Compreensiva	2	0	1	0	4	0	0	0	3	0	0	2	12	
Alguém que busca superar limites	2	3	0	0	0	0	0	3	2	0	3	3	16	
Alguém que busca reconhecimento	3	0	0	0	0	0	0	2	0	0	3	5	13	
Exigente	3	1	0	0	0	0	0	0	0	0	3	5	12	
Culpada	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	6	
Otimista	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Alguém que aproveita a vida	0	0	0	0	0	0	0	3	0	2	3	0	8	
A criança em mim	2	0	4	0	3	0	0	3	0	0	0	2	14	
Como eu sou em público	3	3	0	0	2	0	0	3	0	0	3	0	14	
Como eu sou comigo	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2	5	15	
Total	21	12	9	18	0	7	23	11	8	30	48	40		

Matriz de Posições Internas e Externas – Protocolo 14

P. Internas	P. Externas	Minha esposa	Um conhecido	Um personagem em um livro	Alguém que está morto	Alguém que eu admiro	Alguém que eu amo	Meu animal de estimação	Minha casa	Algo na natureza	Total
Homem		5	3	1	3	3	5	4	1	3	28
Marido		4	0	1	0	1	4	3	4	1	18
Profissional		5	2	0	0	0	5	3	5	2	22
Alguém que busca liberdade		5	2	1	0	3	4	3	4	2	24
Idealista		3	1	1	0	3	3	0	2	3	16
Independente		3	1	0	1	2	3	3	2	1	16
Brincalhão		3	2	0	0	0	3	3	1	2	12
Alguém que busca afeto		3	2	1	1	0	3	3	1	1	15
Indeciso		4	2	1	0	2	4	0	2	1	16
Compreensivo		3	3	2	4	3	5	3	2	5	30
Aventureiro		2	1	2	2	3	4	3	2	5	23
Exigente		3	1	2	2	3	2	3	2	0	18
Perfeccionista		2	2	2	1	2	3	0	2	1	15
Otimista		4	3	3	0	3	4	2	2	1	22
Sonhador		2	2	1	0	2	4	2	3	2	18
Meu lado masculino		2	2	0	0	0	1	0	1	0	6
A criança em mim		2	1	0	0	0	2	3	0	1	9
Alguém estável		3	3	0	0	2	2	2	0	1	13
Como eu sou em público		3	1	0	1	2	3	3	1	2	16
Como eu sou comigo		3	2	2	0	2	3	3	2	3	20
Amigo		4	3	1	0	3	5	3	1	3	23
Cristão		3	3	2	3	3	3	4	2	3	26
Ser humano		3	3	4	4	3	4	3	2	4	31
		74	45	27	22	45	79	56	44	46	

Matriz de Posições Internas e Externas – Protocolo 15

P. Internas	P. Externas														Total
	Meu pai	Minha irmã	Meu avó	Minha avó	Uma person. TV	Um person. livro	Alguém q. eu admiro	Alguém que eu amo	Meu ex-companheiro	Meu animal estim.	Minha casa	Minha mãe	Minha tia	Amigos	
Mulher	5	0	0	4	3	5	4	5	5	0	2	3	4	2	42
busca liberdade	5	0	0	3	1	4	5	5	0	1	5	5	5	3	42
Vítima	5	5	5	5	0	0	0	0	5	0	0	5	5	2	37
Idealista	5	3	5	5	5	5	5	5	0	0	5	5	5	5	58
Brincalhona	0	5	5	5	0	0	2	1	5	4	3	3	0	5	38
Mística/espiritual	0	2	3	5	0	0	3	3	5	0	5	5	5	5	41
Alguém que busca afeto	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	0	5	5	5	65
Dependente	0	2	2	5	2	4	3	5	5	3	2	5	3	5	41
Sexual	0	0	0	0	0	0	0	5	5	0	0	0	0	4	14
Lutadora	5	3	5	5	0	0	3	5	5	0	3	5	5	5	49
Compreensiva	0	3	4	5	1	4	4	5	5	0	0	5	5	5	46
Aventureira	0	1	0	0	5	5	3	5	5	0	0	3	0	5	32
busca superar limites	5	5	5	5	0	0	5	5	5	0	5	5	5	5	55
busca reconhecimento	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	70
Vingativa	5	1	0	0	0	2	1	5	5	0	0	5	5	1	25
Ciumenta	5	5	5	5	0	5	2	5	5	5	5	5	2	5	59
Otimista	1	3	1	2	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	57
Vulnerável	5	1	5	5	0	3	5	5	5	5	5	5	5	5	59
Desiludida	5	3	3	3	0	0	3	5	5	1	5	4	5	4	46
Minha consciência	5	5	5	5	0	5	3	3	5	3	5	5	5	5	59
aproveita a vida	0	1	0	0	0	0	1	5	5	0	3	3	1	5	24
Sonhadora	4	5	5	5	1	5	5	5	5	5	5	5	5	5	65
Meu lado feminino	0	3	0	3	3	4	2	5	5	0	3	4	4	5	41
A criança em mim	0	4	4	4	0	5	0	3	3	4	3	5	0	5	36
Como eu sou em público	5	3	4	4	0	3	5	2	0	0	0	5	5	5	41
Como eu sou comigo	5	5	5	5	3	4	3	5	5	4	5	5	5	5	64
Amiga	0	3	3	4	0	0	2	5	0	5	5	5	5	5	42
Total	80	81	84	102	39	75	84	114	113	55	84	12	10	12	
												0	4	1	

Matriz de Posições Internas e Externas – 16G2 – 1ª. parte

P. Internas	P. Externas	Meu companheiro	Meu pai	Minha mãe	Minha sogra	Meus filhos	Meu irmão	Minha irmã	Meu primo	Minha avó	Um conhecido	Uma colega de aula
		Mulher	5	2	5	4	5	3	4	0	0	2
Mãe	5	4	5	5	5	3	3	0	1	4	4	
Filha dos pais	4	5	5	4	5	4	4	3	3	3	4	
Esposa	5	4	5	5	5	1	1	0	0	3	1	
Profissional	5	5	5	4	5	3	3	0	2	4	4	
busca liberdade	5	5	5	1	4	1	1	0	0	0	0	
Idealista	5	5	5	2	5	3	3	0	1	5	5	
Independente	5	5	5	5	4	3	3	0	0	3	3	
Brincalhona	5	5	5	5	5	5	3	4	3	5	5	
busca afeto	5	5	5	4	5	5	5	4	4	3	4	
Sacrificada	3	4	4	4	4	0	0	0	1	0	0	
Sexual	5	3	4	2	5	1	4	1	0	0	3	
Lutadora	5	5	5	5	5	4	4	3	3	4	5	
busca reconhecimento	5	5	5	5	5	5	5	4	4	4	5	
Exigente	5	5	5	5	5	4	4	3	3	1	3	
Ciumenta	5	5	5	1	5	4	4	3	1	0	4	
Perfeccionista	5	4	5	1	4	2	3	0	2	0	4	
Vulnerável	4	4	4	2	3	2	2	0	0	0	2	
Desiludida	0	0	2	0	0	0	0	1	2	0	2	
aproveita a vida	5	5	5	5	5	5	5	4	3	3	4	
A criança em mim	5	5	5	4	5	5	5	4	4	4	5	
Pessimista	1	3	3	0	0	1	1	0	0	0	2	
Temerosa	2	2	2	1	3	0	0	0	0	0	0	
Ponto forte corpo	5	1	4	2	2	2	2	2	2	4	5	
Ponto fraco corpo	5	0	2	2	0	2	2	2	3	3	2	
Como eu sou em público	3	3	3	3	0	0	3	3	0	3	3	
Como eu sou comigo	4	4	5	1	3	3	3	2	0	2	3	
Amiga	5	5	5	4	5	5	3	2	4	2	5	
Total	114	103	118	82	102	72	76	35	41	59	84	

Matriz de Posições Internas e Externas – 16G2 – 2ª. parte

P. Internas	P. Externas Minha chefe	Meu namorado	Uma figura...	Uma person. música	Alguém q/ está morto	Alguém q. eu admiro	Alguém que eu amo	Pessoa problemática	Meu ex-companheiro	Meu animal estim.	Um grupo ao q. pert.	Um outro grupo cult.	Minha terapeuta	Minha casa	Total
Mulher	4	5	0	0	0	0	0	3	5	0	3	1	4	1	60
Mãe	0	5	0	0	0	2	5	3	0	0	4	1	5	5	69
Filha dos pais	2	3	0	0	3	4	5	3	3	3	4	0	5	4	83
Esposa	0	4	0	0	0	5	5	0	0	0	4	1	5	5	59
Profissional	5	4	5	0	0	3	5	0	5	1	5	3	5	4	85
Alg. busca liberdade	5	5	4	0	0	3	5	0	0	0	4	0	5	5	58
Idealista	5	5	4	4	3	5	5	4	5	0	5	1	5	5	94
Independente	5	5	0	0	0	4	5	0	0	2	3	0	5	5	70
Brincalhona	3	5	0	0	4	5	5	5	5	3	5	3	5	5	103
Alg. que busca afeto	4	5	3	2	4	5	4	4	5	5	3	4	5	5	102
Sacrificada	5	3	0	0	0	3	4	4	2	2	3	4	0	4	54
Sexual	0	5	3	0	0	4	5	0	4	0	2	0	4	4	59
Lutadora	5	5	4	3	4	5	5	4	4	0	5	3	5	5	98
Alguém que busca reconhecimento	5	0	0	5	5	5	5	3	5	0	5	3	5	5	100
Exigente	5	5	0	3	0	5	5	0	1	0	3	0	5	5	80
Ciumenta	0	5	4	0	0	5	5	4	3	3	4	0	0	4	74
Perfeccionista	5	5	0	0	0	5	3	0	5	3	5	0	2	5	68
Vulnerável	2	3	0	0	0	2	4	0	1	2	3	0	4	3	44
Desiludida	2	2	0	0	0	0	4	0	4	1	0	0	0	0	12
Alg. aproveita a vida	3	4	0	5	4	5	3	1	2	5	3	5	3	5	89
A criança em mim	3	4	4	3	4	4	5	5	5	5	2	4	5	5	104
Pessimista	0	1	0	0	0	0	3	1	1	0	2	0	0	0	19
Temerosa	2	2	3	0	0	0	1	1	0	1	0	0	0	1	21
Ponto forte corpo	3	5	3	0	0	0	3	0	5	0	4	3	3	0	63
Ponto fraco corpo	2	5	0	0	0	0	0	0	3	0	3	3	3	0	39
Como eu sou em público	4	3	0	0	0	0	3	0	3	0	3	3	3	0	46
Como eu sou comigo	2	3	0	0	0	2	3	0	3	0	3	0	5	5	56
Amiga	3	5	2	0	2	5	5	5	4	5	5	2	5	5	99
Total	82	103	39	20	22	82	91	44	76	37	93	34	86	96	

Matriz de Posições Internas e Externas – Protocolo 17

P. Internas	P. Externas	Meu marido	Meu pai	Minha sogra	Minha irmã	Minha avó	Um/a conhecido/a	Um/a colega de aula	Meu professor	Um person. livro	Alguém morto	Alguém eu admiro	Alguém que eu amo	Meu animal estim.	Um grupo pertença	Um grupo não pert.	Um outro grupo	Minha mãe	Total
Mulher		5	3	3	4	5	1	3	1	3	4	5	2	0	4	2	2	5	52
Filho/filha dos meus pais		4	4	4	4	5	2	3	1	3	4	4	4	0	3	2	1	5	53
Esposa		5	3	4	3	4	2	4	1	3	3	4	2	0	4	2	2	4	50
Colega de trabalho		3	2	1	3	3	3	5	3	2	2	3	3	0	3	1	1	3	41
Profissional		4	2	1	3	4	2	4	5	3	3	4	3	0	4	4	3	5	54
Membro comu		4	2	3	2	4	4	4	4	2	2	4	2	0	4	2	3	4	50
Alg. busca líber		3	4	4	4	3	3	4	3	3	2	3	4	0	3	3	1	2	45
Idealista		5	5	3	3	3	3	4	4	4	2	4	2	0	4	3	2	4	55
Independente		5	2	5	3	4	3	3	3	2	4	3	5	2	3	2	2	3	54
Busca afeto		5	5	3	4	5	4	4	2	2	4	2	4	5	3	2	2	4	60
Dependente		5	4	1	1	4	3	3	2	2	1	2	2	4	4	2	2	4	46
Sexual		5	2	1	3	4	3	3	2	2	2	3	1	0	3	2	2	3	41
Indeciso/a		3	3	3	3	2	3	4	3	2	2	2	2	0	4	2	2	3	44
Lutador/a		4	4	5	3	4	4	4	4	4	4	4	4	0	3	2	2	4	59
Compreensivo		5	2	2	5	5	4	4	2	3	4	4	2	3	3	2	2	5	57
Superar limites		4	4	4	5	5	3	3	4	4	3	4	3	0	4	3	3	5	56
Busca reconhecimento		3	5	3	4	4	3	3	4	3	3	3	3	3	4	4	4	4	60
Exigente		5	3	3	4	3	3	4	4	3	4	3	4	2	3	2	2	3	52
Perfeccionista		3	3	3	3	4	3	3	4	3	3	3	4	0	4	3	2	5	48
Otimista		4	2	2	4	4	3	4	3	3	3	3	3	1	4	2	2	5	52
Vulnerável		5	5	2	3	5	3	3	2	2	2	2	3	2	2	2	2	3	52
Minha consciência		4	3	3	3	5	3	3	3	3	3	4	2	2	4	2	2	5	52
Sonhador/a		4	3	2	4	4	3	3	3	4	3	3	2	0	3	3	3	5	47
Meu lado masculino		4	2	2	2	3	3	3	2	3	2	3	2	0	4	2	2	2	41
Meu lado feminino		5	2	2	4	5	3	3	2	3	3	3	2	0	3	3	2	4	49
A criança mim		4	4	1	3	5	2	3	2	3	3	3	2	5	3	2	2	4	51
Pessimista		3	4	4	2	4	3	4	3	3	2	2	2	0	3	3	3	3	48
Temeroso/a		4	5	4	2	3	3	3	2	2	2	2	3	0	3	1	1	4	59
Materialista		3	4	5	4	3	2	3	3	2	2	4	4	0	5	2	1	4	51
Eu sou em público		2	5	2	3	5	4	4	2	3	2	4	3	2	5	4	2	5	52
Eu sou comigo mesmo/a		5	4	2	3	3	3	4	2	3	3	4	4	2	4	2	1	5	54
Total		12	100	87	10	12	91	10	85	94	8	10	84	33	11	73	63	12	
		7			1	8		9			3	6			4			4	

Matriz de Posições Internas e Externas – Protocolo 18

P. Internas	P. Externas													
	Meu pai	Meu sogro	Minha sogra	Meu irmão	Minha avó	Meu professor	Meu colega trabalho	Minha namorada	Alguém q. está morto	Alguém que eu amo	Meu animal	Minha casa	Minha mãe	Total
Eu como... homem	2	2	3	1	1	1	2	5	0	5	0	0	4	26
Mulher	0	0	1	0	1	1	1	5	0	5	1	0	0	15
Pai	0	0	0	0	1	0	0	5	0	5	3	2	1	17
Filho/filha dos meus pais	3	0	1	2	5	0	0	3	1	3	2	2	5	27
Colega de trabalho	1	0	0	0	0	2	4	1	0	1	0	0	1	10
Profissional	3	0	1	0	0	4	5	1	0	1	0	0	1	16
Alguém que busca afeto	2	0	2	0	4	1	1	5	1	5	4	1	4	30
Sexual	0	0	1	0	0	0	0	5	0	5	0	3	0	14
Compreensivo/a	1	3	4	1	3	0	0	5	4	5	2	1	4	33
Exigente	4	0	0	3	0	0	1	5	0	5	4	3	3	28
Ciumento/a	1	0	2	0	0	0	0	5	0	5	1	2	3	19
Minha consciência	5	0	0	2	3	0	0	5	4	5	2	3	5	34
Meu lado masculino	4	0	0	0	4	0	0	5	0	5	1	3	5	27
Meu lado feminino	0	0	1	0	0	0	0	5	0	5	3	1	3	18
Materialista	4	0	0	0	2	0	0	2	0	2	0	5	0	15
Eu sou em público	2	0	4	0	2	3	3	4	0	4	4	0	3	29
Eu sou comigo mesmo/a	3	0	5	1	4	3	4	5	0	5	5	5	5	45
Total	35	5	25	10	32	15	21	73	10	71	3	29	47	

Matriz de Posições Internas e Externas – Protocolo 19 – 1ª. parte

P. Internas	P. Externas esposa /companheira	Meu pai	Meus filhos	Meu irmão	Minha avó	Um/a conhecido/a	Um/a colega de aula	Meu/minha prof.or/a	colega de trabalho	Meu/minha chefe	1 figura no meu sonho	1 personalidade mús.	1 personalidade (tv)	Alguém na minha	Alguém que eu admi	Uma pes. problemát.
Eu como... homem	5	5	5	5	3	1	4	2	2	3	3	3	4	4	5	3
Pai	5	5	5	5	3	2	4	4	4	4	3	3	4	4	5	3
Filho/filha dos meus pais	4	5	5	5	2	2	4	4	2	4	3	3	4	4	5	3
Marido	5	5	5	5	2	2	2	2	4	4	3	3	5	4	5	3
Esposa	3	2	5	2	3	3	0	0	0	0	1	4	4	2	3	2
Profissional	5	5	5	5	2	5	3	2	4	4	3	4	4	4	5	4
Alguém que busca liberdade	4	1	1	1	0	1	1	1	0	0	4	5	5	5	5	4
Vítima	3	3	1	1	4	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	5
Independente	5	5	5	3	3	2	2	2	2	2	5	3	5	5	5	2
Místico(a)/ espiritual	3	3	3	3	1	3	1	1	1	1	5	3	3	5	5	3
Alguém que busca afeto Sexual	5	5	5	5	3	4	2	2	2	1	5	5	4	5	5	1
Sexual	5	0	0	0	0	3	3	3	0	0	5	5	3	5	5	2
Indeciso/a	4	4	3	2	1	2	1	3	3	3	4	4	4	5	5	3
Compreensivo/a	4	5	4	3	3	3	2	2	2	2	3	2	2	3	3	4
Alguém que busca superar limites	1	3	3	0	0	3	3	3	0	1	4	3	3	5	5	4
Alguém que busca reconhecimento	4	5	5	4	1	4	4	3	0	4	5	5	5	5	5	4
Vingativo/a	2	3	1	1	3	4	4	2	0	3	3	2	2	3	3	5
Exigente	4	5	4	4	3	2	3	4	1	4	5	5	5	5	5	4
Perfeccionista	3	5	5	3	5	4	4	3	1	3	5	5	5	5	5	4
Culpado/a	3	5	3	3	4	2	4	1	0	4	2	3	3	2	4	5
Vulnerável	4	5	3	3	4	5	4	1	0	4	4	3	3	4	4	5
Minha consciência	4	5	4	3	3	3	5	2	0	4	5	3	4	5	4	5
Sonhador/a	4	5	4	2	3	3	5	4	0	3	5	5	5	5	5	4
Meu lado masculino	5	5	4	2	2	2	3	2	0	3	5	3	3	4	4	1
A criança em mim	4	5	4	5	2	3	2	2	0	4	4	3	3	4	3	2
Pessimista	4	4	3	2	4	3	4	2	0	4	4	4	4	3	5	4
Temeroso/a	4	5	4	3	4	4	4	1	0	4	4	5	5	4	5	4
O ponto fraco do meu corpo	4	3	4	3	1	4	4	0	0	3	4	4	4	4	3	4
Eu sou em público	4	4	4	3	3	5	4	1	0	4	3	5	5	4	5	3
Eu sou comigo mesmo/a	4	5	3	4	2	4	4	2	0	4	4	5	5	4	5	5
Eu como... o passado	4	4	2	4	1	2	4	2	0	3	4	4	4	5	3	1
Eu como... rancoroso	3	4	3	3	4	5	5	0	0	3	2	2	3	3	2	4
Eu como... poético	4	2	3	2	2	1	0	0	0	2	4	4	4	5	3	2
Eu como... abdicar o presidente	3	4	4	3	4	2	4	1	0	4	3	4	4	4	4	4
Total	12	13	12	96	81	99	63	64	28	96	12	12	13	13	14	11
	7	9	2								6	4	0	8	3	6

Matriz de Posições Internas e Externas – Protocolo 19 – 2ª parte

P. Internas	P. Externas	Adversário/a	Meu animal de estim.	1 gr. ao qual pertence	1 gr. ao qual não pertence	1 gr. ao qual pertence	Um outro gr. cultural	Meu/minha terapeuta	Um ser sobrenatural	Minha casa	Algo na natureza	Minha mãe	Dinheiro	Violência combatida	Pessoas capacitadas	Total
Eu como... homem	5	3	4	4	4	4	4	3	2	4	3	5	4	3	4	109
Pai	4	3	2	2	2	4	4	3	2	4	3	5	5	3	4	109
Filho/filha dos meus pais	5	3	4	4	4	4	4	3	2	4	3	5	5	3	4	112
Marido	2	4	3	3	1	4	2	0	4	4	4	5	5	4	5	104
Esposa	2	4	3	3	1	4	0	0	5	3	3	5	5	5	5	77
Profissional	5	3	4	4	4	5	4	0	4	2	5	5	4	5	5	118
Alguém que busca liberdade	5	3	2	2	4	4	5	0	3	3	1	4	1	4	4	79
Vítima	5	0	3	3	3	4	5	2	0	0	1	4	4	4	4	57
Independente	3	0	5	5	5	5	2	0	0	1	4	4	4	1	5	96
Místico(a)/ espiritual	0	0	2	2	2	4	5	1	3	3	2	1	1	2	2	71
Alguém que busca afeto	3	5	4	4	3	5	4	1	1	3	4	4	4	3	4	107
Sexual	1	0	2	3	1	3	1	3	0	0	0	0	0	0	4	57
Indeciso/a	4	1	4	4	3	4	4	0	2	2	4	4	4	2	4	93
Compreensivo/a	4	3	3	3	2	5	5	2	0	1	3	3	3	1	1	83
Alguém que busca superar limites	5	1	4	4	4	4	4	2	0	4	2	4	4	1	5	85
Alguém que busca reconhecimento	5	1	4	4	4	3	3	2	3	4	4	4	5	2	5	108
Vingativo/a	5	1	4	4	5	4	4	3	0	2	3	4	4	2	3	85
Exigente	5	1	4	4	5	5	2	3	0	2	4	4	4	1	5	108
Perfeccionista	4	1	4	4	4	4	3	2	0	3	4	4	4	2	5	109
Culpado/a	4	0	4	4	3	5	3	2	3	3	4	4	4	1	4	92
Vulnerável	5	2	4	4	3	5	3	1	2	2	4	4	4	5	3	103
Minha consciência	3	3	1	4	3	5	5	1	4	4	4	4	4	4	5	109
Sonhador/a	5	3	1	4	2	5	5	1	5	5	4	4	4	4	5	113
Meu lado masculino	3	1	1	3	2	5	4	0	0	1	4	4	4	4	5	85
A criança em mim	2	4	1	3	3	4	4	0	1	3	4	2	4	4	5	90
Pessimista	4	1	4	3	4	5	5	1	1	3	5	4	4	4	5	103
Temeroso/a	4	1	4	2	4	5	5	0	1	3	5	5	5	5	5	109
O ponto fraco do meu corpo	4	1	4	4	4	5	5	0	0	0	3	1	5	5	5	90
Eu sou em público	4	0	4	2	4	5	5	0	0	0	4	5	5	5	5	121
Eu sou comigo mesmo/a	5	3	4	4	5	5	5	1	1	1	4	3	5	5	5	106
Eu como... o passado	3	1	2	3	0	5	5	0	2	4	4	2	3	5	5	86
Eu como... rancoroso	5	0	4	3	5	5	5	0	1	3	5	4	3	5	5	94
Eu como... poético	1	0	2	2	1	2	4	0	3	4	4	0	1	3	3	65
Eu como... abdicar o presente	2	0	4	3	4	4	4	0	3	4	4	4	4	2	5	48
Total	12	57	10	11	10	14	12	34	64	80	12	12	98	14	7	8
		7	8	4	8	9	9				6	4		8		

ANEXO I

Matrizes de Valorações e Afetos dos Participantes

Protocolo 01

	Alegria	impotência	auto-estima	ansiedade	felicidade	preocupação	força	vergonha	divertimento	solidariedade	autoconfiança	solidão	entusiasmo	confiança	inferioridade	intimidade	segurança	raiva	orgulho	energia	decepção	calma interior	liberdade
Posição A – Criador																							
Valoração no.																							
1 Crescer rápido	3	4	4	3	3	3	4	0	3	4	4	1	3	4	0	0	4	1	4	4	1	3	5
2 Independente	3	3	4	3	3	4	4	0	3	3	4	2	4	4	0	3	4	0	4	4	1	3	3
3 Transição est.-> prof.	3	3	4	4	3	4	4	0	2	2	4	2	4	4	0	0	4	0	4	4	0	3	3
Sentimento geral	3	3	4	3	3	4	4	0	2	3	4	2	4	4	0	3	4	0	4	4	1	3	3
Sentimento ideal	5	0	5	0	5	0	5	0	5	5	5	0	5	5	0	3	5	0	5	5	0	5	5
Posição B – Sonhador																							
Valoração no.																							
1 Busca de estab. afetiva	3	3	4	4	3	4	4	0	3	0	4	3	3	3	1	4	3	3	4	4	3	3	3
2 “Ilhada”	3	3	4	3	3	3	4	0	3	0	4	3	3	3	0	4	0	1	4	3	2	3	3
3 Busca de um norteador	3	3	4	3	3	3	4	0	3	0	4	2	3	3	0	0	3	0	4	4	0	3	3
4 Busca de estab. profiss.	3	3	4	3	3	3	4	0	3	0	4	2	4	4	0	0	3	0	4	4	1	3	3
Sentimento geral	3	3	4	3	3	3	4	0	3	0	4	2	4	4	0	0	4	1	4	4	2	3	3
Sentimento ideal	5	0	5	0	5	0	5	0	5	0	5	0	5	5	0	0	5	0	5	5	0	5	5

Protocolo 02

	Alegria	impotência	auto-estima	ansiedade	felicidade	preocupação	força	vergonha	divertimento	solidariedade	autoconfiança	solidão	entusiasmo	confiança	inferioridade	intimidade	segurança	raiva	orgulho	energia	decepção	calma interior	liberdade
Posição A – Alguém busca reconhecimento																							
Valoração no.																							
1 Seleção gaúcha	4	2	5	5	4	5	5	0	4	3	3	4	5	5	0	0	3	4	5	5	3	0	0
2 Treinador	4	2	3	5	0	5	5	1	0	1	4	4	3	5	4	3	4	4	5	5	4	1	0
3 Faculdade – curso	3	5	4	5	3	5	4	0	1	3	4	4	4	3	4	0	5	4	5	4	2	1	0
4 Pai - exemplo	0	0	4	1	0	4	5	2	0	5	4	0	5	5	4	5	5	0	5	4	2	3	0
5 Profissão – médico	4	3	4	4	4	5	3	0	0	3	4	3	5	5	0	5	4	1	3	3	4	0	0
6 Professores	4	3	5	5	4	4	4	0	2	5	4	0	5	5	1	4	4	0	5	5	3	0	0
7 Residência	1	4	0	5	3	5	4	4	0	0	4	0	3	4	3	0	5	4	1	4	4	0	1
Sentimento geral	3	4	2	5	3	5	4	0	0	4	2	3	2	3	3	0	4	3	4	2	1	0	0
Sentimento ideal	5	0	5	1	5	2	5	2	2	4	3	0	5	5	0	0	4	0	5	5	0	0	0
Posição B – Liberdade																							
Valoração no.																							
1 Morar em Poá	4	2	4	3	4	5	5	0	4	4	5	4	4	4	0	4	2	0	3	3	0	0	5
2 AGAPOA	5	0	4	0	5	0	3	3	5	5	5	3	5	5	0	3	5	1	3	4	0	0	5
3 Faculdade	5	1	5	5	5	5	4	0	5	5	4	0	5	4	0	0	5	0	5	4	1	0	5
4 'G' – psiquiatra	4	2	5	5	5	5	1	3	0	4	4	4	4	0	1	3	4	4	1	0	3	4	5
5 Carro	4	0	4	1	4	4	5	0	5	5	1	1	0	1	3	0	0	0	4	2	0	0	5
6 Viagem p/ Europa	4	0	4	1	4	4	5	0	5	5	1	1	0	1	3	0	0	0	4	2	0	0	5
7 'Se achar' na profissão	4	0	4	5	4	5	4	0	0	0	0	0	5	5	0	0	4	0	4	5	0	0	5
Sentimento geral	3	4	2	5	3	5	4	0	0	4	2	3	2	3	3	0	4	3	4	2	1	0	4
Sentimento ideal	5	0	5	1	5	4	5	0	5	0	5	1	5	5	0	0	4	0	5	5	0	0	5

Protocolo 04

	Alegria	impotência	auto-estima	ansiedade	felicidade	preocupação	força	vergonha	divertimento	solidariedade	autoconfiança	solidão	entusiasmo	confiança	inferioridade	intimidade	segurança	raiva	orgulho	energia	decepção	calma interior	liberdade
Posição A – Meu pai																							
Valoração no.																							
1 Puta, que merda!	0	5	1	5	0	5	3	5	0	2	0	5	0	0	2	5	0	5	0	5	5	0	1
2 É triste porque me magoa	0	5	0	5	0	2	0	5	0	5	0	5	0	0	5	5	0	5	0	5	5	0	4
3 Ele não pára	5	0	5	0	5	0	5	0	5	5	5	5	5	5	4	3	5	4	5	5	4	4	0
4 Decepção total	0	5	3	5	0	5	0	5	0	4	0	5	0	0	0	3	0	5	0	5	5	0	0
5 Decepção total	0	5	3	5	0	5	0	5	0	4	0	5	0	0	0	3	0	5	0	5	5	0	0
6 Eu queria q fosse diferente	0	5	0	5	0	5	0	5	0	0	0	3	0	0	0	4	0	5	0	5	5	0	0
7 O meu sonho	5	5	5	5	5	5	3	4	5	0	1	3	5	4	0	5	5	0	5	5	3	5	5
Sentimento geral	3	0	5	1	3	5	4	4	2	5	5	0	5	5	0	5	5	5	5	5	5	0	5
Sentimento ideal	3	0	5	0	5	0	5	0	5	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5	5	0	5

Protocolo 06

	Alegria	impotência	auto-estima	ansiedade	felicidade	preocupação	força	vergonha	divertimento	solidariedade	autoconfiança	solidão	entusiasmo	confiança	inferioridade	intimidade	segurança	raiva	orgulho	energia	decepção	calma interior	liberdade
Posição A – Minhas amigas																							
Valoração no.																							
1 E o mundo tem fim	0	5	0	5	0	4	0	0	0	5	0	2	0	0	3	5	0	5	0	0	5	0	0
2 O começo	4	1	5	0	5	2	5	0	5	5	3	1	5	5	0	5	4	0	5	5	0	2	1
3 Nem tudo é perfeito	0	5	2	2	0	5	3	1	0	4	3	2	0	4	0	0	0	5	0	0	5	2	0
4 Éramos seis	4	5	2	5	4	5	5	1	0	2	0	5	2	1	0	5	2	3	0	1	3	0	0
5 Festa de casamento	5	0	5	0	5	0	5	0	5	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5
6 Ei, cadê você	3	4	3	3	3	3	3	0	3	0	3	3	3	3	0	1	3	0	2	4	0	0	0
7 O futuro p/ quem sonha	5	0	5	0	5	0	5	0	5	5	5	0	5	5	0	4	2	0	5	5	0	4	5
Sentimento geral	3	3	2	4	4	5	5	0	4	5	3	0	5	4	0	3	4	1	3	2	3	4	5
Sentimento ideal	5	0	5	0	5	5	5	0	5	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5
Posição B – Brincalhonas																							
Valoração no.																							
1 Eu e eu mesma	3	3	5	4	4	4	5	3	4	5	4	2	4	5	1	0	5	3	5	3	0	2	5
2 Mutante	5	0	5	0	5	5	5	0	5	5	5	0	5	5	0	4	5	5	5	5	0	5	5
3 F de festa	5	0	5	5	5	5	5	1	3	0	5	0	5	5	0	0	5	2	5	2	1	0	5
4 Criança feliz	5	3	5	5	5	5	5	1	5	5	5	1	5	5	0	5	5	5	5	5	1	3	5
5 Será?	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
6 Não sei																							
7 Erro em Matrix	5	0	5	5	5	5	5	1	5	0	5	0	5	5	0	0	5	5	5	5	0	0	0
Sentimento geral	4	2	5	5	5	4	4	1	5	3	4	2	5	4	0	2	5	4	5	4	1	2	4

Protocolo 07

	Alegria	impotência	auto-estima	ansiedade	felicidade	preocupação	força	vergonha	divertimento	solidariedade	autoconfiança	solidão	entusiasmo	confiança	inferioridade	intimidade	segurança	raiva	orgulho	energia	decepção	calma interior	liberdade
Posição A – Filha dos meus pais																							
Valoração no.																							
1 Consegui andar de bicicleta	5	0	5	0	5	0	4	0	4	0	5	0	4	5	0	0	5	0	4	4	0	0	5
2 A grande família muda-se	5	0	0	4	5	0	2	0	3	0	0	0	5	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0
3 Porto seguro	4	0	4	0	5	4	4	3	0	0	3	4	0	5	3	4	5	0	3	0	3	4	0
4 Meus pais, meu apoio	4	0	4	0	5	4	4	3	0	0	3	4	0	5	3	4	5	0	3	0	3	4	0
5 Separações	0	0	3	0	0	4	5	0	0	0	0	5	0	0	0	0	5	0	0	5	0	5	0
6 Família como base	4	4	0	0	3	4	5	3	0	0	3	4	0	5	0	4	5	0	0	0	3	5	0
7 A casa q construírei	5	4	5	5	5	5	4	3	4	0	5	3	5	5	3	0	5	0	5	4	5	0	0

Protocolo 08

	Alegria	impotência	auto-estima	ansiedade	felicidade	preocupação	força	vergonha	divertimento	solidariedade	autoconfiança	solidão	entusiasmo	confiança	inferioridade	intimidade	segurança	raiva	orgulho	energia	decepção	calma interior	liberdade
Superar limites																							
Valoração no.																							
1 Momentos difíceis	1	3	1	5	2	5	3	3	2	3	2	3	2	3	3	3	2	3	1	3	2	2	2
2 Pais/ ex-namorado	3	3	3	3	3	4	3	1	3	4	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3	3	3	3
3 Trabalho/dinheiro	5	1	5	3	4	4	4	1	4	4	4	3	4	4	3	3	4	2	4	4	1	3	4
4 Público que cobra	3	3	3	5	3	5	4	0	3	3	3	3	4	3	3	3	3	2	3	4	2	3	4
5 Estab.profissional	5	1	5	4	5	5	5	1	5	5	5	1	5	5	1	5	5	1	5	5	1	5	5
6 Eu mesma	4	3	3	5	3	5	5	2	3	4	4	2	4	4	1	1	3	2	2	3	3	3	3
7 Sucesso prof.	5	1	5	4	5	5	4	1	4	4	4	1	4	4	1	2	4	1	2	4	1	4	4
Sentimento geral	4	3	3	4	4	5	4	1	3	4	3	2	4	4	2	2	2	1	4	4	1	2	3
Sentimento ideal	5	0	5	2	5	2	5	0	5	5	5	0	5	5	0	4	4	0	4	5	1	5	5
Materialista																							
Valoração no.																							
1 Não era material.	4	1	3	3	4	2	3	1	3	4	3	2	3	3	2	2	2	1	2	3	1	3	4
2 Ex-namorado	1	4	1	5	2	5	4	1	5	4	2	3	3	3	3	3	3	3	1	3	5	1	3
3 Trabalho/dinheiro	4	1	4	4	4	4	4	1	3	4	3	2	3	3	1	2	3	1	3	3	1	3	4
4 Busca perfeição	5	1	5	5	5	5	5	1	3	5	5	2	4	4	1	2	4	1	5	4	1	4	5
5 Evitar instabilidade	4	1	5	4	5	5	5	1	3	5	5	1	5	5	1	2	5	1	5	4	1	3	5
6 Eu mesma	4	3	3	5	3	5	4	1	3	4	3	3	4	3	1	2	3	1	3	3	1	3	3
7 Auxiliar pessoas	5	1	5	5	5	2	4	1	3	5	4	3	4	4	1	2	1	4	4	4	1	4	4
Sentimento geral	3	3	3	5	3	5	4	2	3	4	3	2	3	3	1	2	3	1	3	4	2	2	3
Sentimento ideal	5	0	5	0	5	1	5	0	4	5	5	0	5	5	0	4	5	0	5	5	0	5	5

Protocolo 09

	Alegria	impotência	auto-estima	ansiedade	felicidade	preocupação	força	vergonha	divertimento	solidariedade	autoconfiança	solidão	entusiasmo	confiança	inferioridade	intimidade	segurança	raiva	orgulho	energia	decepção	calma interior	liberdade
Independente																							
Valoração no.																							
1 Via p/independência	5	5	5	5	5	5	5	1	1	1	5	1	4	4	3	1	4	4	4	3	2	1	5
2 Os pais e a família	0	5	0	5	0	5	0	5	0	1	1	1	0	0	5	0	3	3	0	0	4	0	0
3 Liberdade e dinheiro	5	0	5	3	5	5	5	2	5	5	5	1	5	5	0	1	5	0	5	5	0	5	5
4 Trabalho	4	1	5	2	5	1	5	0	4	4	5	3	5	5	0	3	5	0	5	5	0	5	5
5 Ampliar liberdade	5	4	5	5	5	5	5	2	4	4	5	1	5	5	1	5	5	4	5	5	0	5	5
6 Constituir família	5	4	4	4	5	4	5	2	4	4	4	4	4	4	1	5	5	2	4	4	3	4	4
7 Não consigo ver	5	4	5	5	4	5	4	0	5	5	5	0	5	5	0	5	5	3	5	5	0	5	5
Sentimento geral	4	0	5	2	5	3	5	0	5	5	5	2	5	5	0	5	5	3	5	5	0	5	5
Sentimento ideal	5	0	5	2	5	3	5	0	5	5	5	2	5	5	0	5	5	3	5	5	0	5	5
Pessoa problemática																							
Valoração no.																							
1 Decepções /traumas	0	5	0	5	0	5	2	5	0	1	0	5	2	0	5	3	0	5	0	0	5	0	0
2 Atos de pessoas	2	5	0	5	0	5	2	5	0	3	0	5	2	0	5	2	0	4	2	0	5	0	0
3 Preocup. com futuro	3	5	0	5	4	5	3	3	3	4	3	5	2	3	3	3	3	5	4	2	4	0	4
4 Pessoas/circunst.	2	5	2	5	2	5	2	3	0	3	2	4	1	2	3	3	3	3	3	3	4	2	2
5 Algo novo e bom	4	4	5	5	4	5	4	2	4	4	4	2	4	4	2	4	5	2	3	3	2	1	5
6 Namorado/trabalho	4	4	4	4	4	5	3	0	4	3	4	3	3	4	1	4	4	2	3	3	1	2	5
7 Vida profissional	5	3	5	5	5	5	5	0	4	5	5	2	5	5	0	5	5	2	5	5	2	4	5
Sentimento geral	0	5	0	5	0	5	3	3	3	3	3	5	2	3	3	3	2	4	2	2	3	0	2
Sentimento ideal	5	0	5	0	5	0	5	0	5	5	5	2	5	5	0	5	5	3	4	5	2	5	5

Protocolo 10

	Alegria	impotência	auto-estima	ansiedade	felicidade	preocupação	força	vergonha	divertimento	solidariedade	autoconfiança	solidão	entusiasmo	confiança	inferioridade	Intimidade	segurança	raiva	orgulho	energia	decepção	calma interior	liberdade
A criança em mim																							
Valoração no.																							
1 Hora da historinha	5	0	5	0	5	0	5	0	5	5	4	0	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	3
2 Pais/ professores	4	0	5	0	5	1	5	0	5	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5
3 Cheia de energia	5	0	5	4	5	1	5	3	5	5	5	0	5	5	0	5	5	1	5	5	1	4	3
4 Sobrinhos e crianças	5	0	5	5	5	2	5	0	5	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5	0	4	5
5 Tornar-se mãe/prof.	5	0	5	5	5	3	5	0	5	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5
6 Situações desafiad.	3	1	5	5	4	3	5	0	4	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5
7 Ser mãe e profiss.	5	0	5	3	5	0	5	0	5	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5
Superar limites																							
Valoração no.																							
1 Enfrentar o medo	5	1	5	4	5	4	5	3	2	5	5	0	5	5	0	5	5	1	5	5	0	5	5
2 Mãe como exemplo	5	0	5	3	5	0	5	0	5	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5
3 Profissão	5	1	5	4	5	2	5	0	1	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5	1	5	5
4 Pai e primo	5	0	5	0	5	0	5	0	5	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5
5 Conseguir trabalho	5	1	5	4	5	3	5	0	1	5	5	0	5	5	0	4	4	1	5	5	1	5	5
6 Pai	5	0	5	0	5	0	5	0	5	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5
7 Curso de turismo	5	0	5	4	5	0	5	0	5	0	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5

Protocolo – 11

	Alegria	impotência	auto-estima	ansiedade	felicidade	preocupação	força	vergonha	divertimento	solidariedade	autoconfiança	solidão	entusiasmo	confiança	inferioridade	intimidade	segurança	raiva	orgulho	energia	decepção	calma interior	liberdade
Independente																							
Valoração no.																							
1 'Pegação no pé'	4	4	5	4	4	3	1	4	2	0	5	1	3	5	4	2	3	4	4	3	4	4	5
2 Mãe	5	1	3	3	5	5	4	1	1	2	4	4	3	5	2	1	3	2	4	1	3	5	4
3 Entrar na faculdade	5	0	4	3	5	5	3	2	4	2	4	1	3	3	1	4	2	0	1	3	4	3	3
4 Minha namorada	5	0	3	2	5	4	2	0	5	1	4	0	4	5	0	5	3	2	2	2	1	4	5
5 Saída de casa	5	1	3	4	5	3	2	0	4	0	2	3	4	2	0	2	1	1	3	3	0	4	5
6 Amigos	5	0	3	1	5	2	2	0	5	4	3	1	3	5	1	3	2	1	3	2	2	3	4
7 Diploma	5	1	3	4	5	5	3	1	1	2	4	2	3	4	3	1	1	2	4	3	2	2	4
Sentimento geral	4	4	3	5	4	5	2	1	2	2	5	3	2	3	3	2	4	3	2	2	3	4	4
Sentimento ideal	5	1	5	1	5	1	5	0	3	3	5	0	5	5	0	3	5	1	3	2	0	5	5
Indeciso																							
Valoração no.																							
1 Escolha profissional	5	4	4	4	3	5	3	2	1	3	5	1	5	5	1	0	5	2	5	5	2	5	5
2 Dificuldade de escolha	5	4	2	4	5	5	2	1	0	1	5	0	5	4	1	0	3	3	3	2	1	4	5
3 Disciplinas atraentes	5	5	3	4	2	5	1	2	0	1	2	2	1	1	4	1	4	3	2	5	4	1	2
4 Colegas	2	1	3	0	5	2	2	0	5	4	4	1	5	5	0	3	3	1	4	3	1	5	5
5 'Te achar' (profissão)	5	3	4	5	5	5	3	2	1	3	4	2	3	4	2	0	2	3	4	4	3	5	5
6 Conhecer melhor	5	1	5	1	5	3	3	2	3	2	5	1	5	5	1	3	3	2	4	2	0	5	5
7 Certeza	5	4	4	5	5	1	3	0	4	3	5	0	3	5	1	4	5	3	5	5	0	5	5

Protocolo 12

	alegria	impotência	auto-estima	ansiedade	felicidade	preocupação	força	vergonha	divertimento	solidariedade	autoconfiança	solidão	entusiasmo	confiança	inferioridade	intimidade	segurança	raiva	orgulho	energia	decepção	calma interior	liberdade
Posição A – Sonhador																							
Valoração																							
no.																							
1 Infância (criação)	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
2 Mãe	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
3 Arte	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
4 Exemplos de vida	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
5 Ajudar os outros	5	3	5	3	5	5	5	3	5	5	5	0	5	5	3	5	5	5	5	5	0	5	5
6 Eu como exemplo	5	3	5	3	5	5	5	3	5	5	5	0	5	5	3	5	5	5	5	5	0	5	5
7 Ser independente	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Sentimento geral	0	5	0	3	0	5	3	5	0	5	0	5	5	5	0	5	5	5	5	5	5	0	0
Sentimento ideal	5	0	5	0	5	0	5	0	5	5	5	0	5	5	0	5	5	5	5	5	0	5	5

Protocolo 13

	alegria	impotência	auto-estima	ansiedade	felicidade	preocupação	força	vergonha	divertimento	solidariedade	autoconfiança	solidão	entusiasmo	confiança	inferioridade	intimidade	segurança	raiva	orgulho	energia	decepção	calma interior	liberdade
Filha dos pais																							
Valoração no.																							
1 A minha vontade	5	5	4	4	5	3	5	0	1	1	4	0	4	4	0	0	4	4	5	4	0	1	4
2 Mãe meu lado	5	3	3	5	5	4	5	1	2	2	5	5	4	5	0	3	5	2	0	4	0	4	4
3 Meu lado artíst.	5	2	4	2	5	3	2	4	5	4	3	0	5	5	0	3	3	0	3	3	0	4	3
4 Influência irmã	3	2	1	5	4	3	2	0	0	0	0	0	2	0	4	3	0	5	1	2	3	0	3
5 Minha independ.	4	2	4	5	5	5	4	0	3	0	4	0	4	4	3	3	4	3	0	3	3	4	5
6 Coisas mudam	3	2	1	2	4	3	2	0	3	2	3	1	3	0	0	3	4	0	0	0	2	0	5
7 Meu trabalho	5	4	3	4	5	3	2	0	3	4	4	0	4	4	0	0	3	0	0	0	0	4	4
Sentimento geral	5	3	4	5	5	5	4	0	3	5	3	3	3	2	4	5	3	3	3	3	2	3	4
Sentimento ideal	5	4	5	2	5	3	4	0	5	5	5	3	3	4	2	5	4	1	3	4	2	4	5
Sonhadora																							
Valoração no.																							
1 ser desenhista	3	0	0	0	3	0	0	0	4	0	0	3	3	0	0	2	0	0	0	1	0	3	2
2 Sonhar pés chão	3	3	3	3	3	2	2	0	3	0	3	0	3	1	0	0	3	0	1	0	1	0	2
3 Por que não?	3	4	4	4	3	3	4	1	2	2	4	0	4	5	2	0	3	0	2	3	0	0	4
4 Realizar sonhos	4	4	3	4	5	4	4	2	2	3	4	0	4	5	2	3	3	3	0	4	3	4	5
5 Sair de casa	4	4	3	2	4	0	2	0	3	0	5	0	3	4	0	2	4	1	1	3	0	2	4
6 Mãe auxiliando	5	3	2	3	3	4	5	0	0	2	3	3	2	5	0	1	4	2	0	2	0	3	3
7 Eu professora	5	0	3	2	4	2	2	0	3	2	4	0	5	4	0	0	3	0	0	3	0	0	2
Sentimento geral	4	3	5	5	5	5	3	0	5	4	3	2	5	5	0	5	3	3	3	4	1	4	4
Sentimento ideal	5	3	5	2	4	3	5	0	5	5	5	2	4	5	0	5	5	0	3	5	1	4	4

Protocolo 14

	alegria	impotência	auto-estima	ansiedade	felicidade	preocupação	força	vergonha	divertimento	solidariedade	autoconfiança	solidão	entusiasmo	confiança	inferioridade	intimidade	segurança	raiva	orgulho	energia	decepção	calma interior	liberdade
Eu em público																							
Valoração no.																							
1 Falei s/ pensar	3	2	4	2	4	3	2	3	4	4	4	2	3	4	1	3	3	1	2	2	1	4	5
2 Colegas trab.	3	3	4	2	3	2	3	2	4	5	3	1	3	4	1	1	3	1	3	2	1	3	4
3 Meu valor	3	1	3	1	3	2	4	2	1	3	4	0	2	4	0	0	4	2	3	4	0	3	4
4 Família	3	1	3	2	3	2	3	1	2	3	4	1	3	5	1	2	4	0	4	3	1	2	3
5 Definir carreir	5	2	3	2	4	3	4	1	3	3	4	2	4	4	1	2	4	1	4	5	1	3	5
6 Eu mesmo	3	1	3	2	4	3	5	2	3	3	4	1	4	4	0	3	4	0	3	4	0	3	4
7 Definir profis.	5	1	3	3	4	3	4	1	3	3	4	1	3	4	1	3	4	1	3	4	2	3	4
Sentimento geral	3	2	3	4	3	5	2	3	1	1	3	2	2	3	3	3	3	0	3	2	2	3	1
Sentimento ideal	3	0	3	3	3	3	4	0	3	5	4	0	4	4	0	0	5	1	3	4	1	3	5
Minha casa																							
Valoração no.																							
1 Casa própria	2	2	3	3	3	4	2	3	3	3	3	2	1	3	2	3	3	0	3	2	3	3	3
2 Noiva/mãe	3	5	3	2	2	4	2	3	3	3	2	0	2	2	3	3	2	1	2	2	3	3	3
3 Quero casa	5	3	3	4	5	3	2	4	1	2	2	1	3	2	0	1	2	0	2	2	3	3	1
4 Minha noiva	5	3	3	3	5	4	3	0	2	4	3	0	3	3	0	3	3	0	3	2	0	4	3
5 Trabalhar	5	1	4	3	4	3	4	0	3	3	3	1	3	4	0	1	4	0	3	4	0	3	3
6 Eu mesmo	4	2	3	3	3	3	4	3	3	3	2	4	4	4	1	3	4	1	3	4	2	3	3
7 Estabilidade	4	2	4	3	5	4	4	0	3	3	4	2	3	4	1	4	3	2	4	3	1	3	4
Sentimento geral	3	4	3	3	2	4	2	3	1	3	3	0	3	0	2	2	2	0	3	3	0	3	2
Sentimento ideal	4	0	3	3	5	3	4	0	3	5	4	0	3	4	0	3	5	0	3	4	0	3	5

Protocolo 15

	alegria	impotência	auto-estima	ansiedade	felicidade	preocupação	força	vergonha	divertimento	solidariedade	autoconfiança	solidão	entusiasmo	confiança	inferioridade	intimidade	segurança	raiva	orgulho	energia	decepção	calma interior	liberdade
Minha mãe																							
Valoração no.																							
1 Mudança da mãe	0	3	0	5	0	5	4	5	0	0	0	5	0	0	5	2	0	5	1	2	5	0	5
2 Namorado/mãe	0	0	3	5	0	5	1	5	0	0	0	2	0	0	3	5	3	2	5	4	5	0	0
3 Vestibular	0	5	2	5	0	5	1	4	0	0	2	3	3	0	1	3	2	4	5	2	5	0	0
4 Mãe/tia	0	5	0	5	0	5	2	3	0	4	2	2	0	0	3	2	1	5	1	3	5	2	0
5 Medicina	5	0	5	5	5	5	5	0	5	5	5	0	5	5	0	5	5	2	5	5	0	5	5
6 Eu mesma	4	3	2	5	4	5	3	3	5	5	2	2	5	5	2	5	4	2	5	5	0	5	5
7 Ser humilde	5	0	5	0	0	0	0	0	5	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5
Sentimento geral	3	4	2	5	3	5	0	3	3	4	2	5	2	4	4	5	3	2	3	4	3	3	4
Sentimento ideal	5	0	0	0	5	3	5	0	5	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5
Minha consciência																							
Valoração no.																							
1 Fingi que não vi	0	5	0	5	0	5	0	5	0	3	0	5	0	0	5	0	0	5	0	0	5	0	0
2 Namorado/mãe	0	5	0	5	0	5	0	5	0	3	0	3	0	4	4	5	5	5	5	1	5	3	0
3 Gastos cursinho	0	5	1	5	0	5	0	4	0	0	3	3	3	2	3	3	2	3	0	2	5	3	0
4 Tia/mãe e fam.pai	0	5	3	5	4	5	2	5	0	2	3	3	3	1	4	4	3	2	4	4	2	3	1
5 Medicina	5	3	5	5	5	5	0	5	5	4	1	5	5	0	5	5	1	5	5	1	1	5	5
6 Namorado/pai	5	2	3	5	4	5	3	4	5	4	3	4	3	0	3	3	1	3	5	2	5	0	0
7 Ajudar os outros	5	4	5	5	5	5	5	5	5	5	5	0	5	5	0	4	5	2	5	5	1	4	5
Sentimento geral	4	4	3	5	3	5	3	3	4	3	2	2	2	2	4	3	1	4	3	2	4	3	3
Sentimento ideal	5	5	5	3	5	3	5	0	5	5	5	1	5	5	0	5	5	1	5	5	0	5	5

Protocolo 16

	alegria	impotência	auto-estima	ansiedade	felicidade	preocupação	força	vergonha	divertimento	solidariedade	autoconfiança	solidão	entusiasmo	confiança	inferioridade	intimidade	segurança	raiva	orgulho	energia	decepção	calma interior	liberdade	
Posição A – Alguém que busca reconhecimento																								
Valoração no.																								
1 Ficou em recuperação	3	4	2	5	3	5	3	5	3	1	2	3	2	2	5	4	2	5	3	3	5	2	0	
2 Pai e professora	3	4	1	5	3	5	3	5	1	1	3	2	2	3	3	3	4	2	3	4	1	3	3	
3 Passar no vestibular	5	2	5	5	5	4	5	0	4	3	1	3	4	4	1	3	2	0	5	4	0	5	5	
4 Pai, mãe e amigos	3	4	3	5	3	5	3	4	3	3	2	3	4	3	3	4	3	0	5	4	3	4	3	
5 Realização profissional	5	1	5	5	5	4	4	1	5	3	4	1	5	4	0	3	4	0	5	5	3	5	5	
6 Família, amigos, colegas de trabalho	5	1	5	5	5	4	4	0	5	5	4	0	5	5	0	4	4	0	5	5	2	5	5	
7 Ter reconhecimento	5	1	5	5	5	3	5	0	5	5	4	1	5	4	0	4	4	0	5	5	2	5	5	
Sentimento geral	3	4	3	5	3	5	2	4	3	3	2	3	3	3	4	5	3	3	2	3	3	2	2	
Sentimento ideal	5	0	5	2	5	0	5	0	5	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5	0	5	5	

Protocolo 17

	Alegria	impotência	auto-estima	ansiedade	felicidade	preocupação	força	vergonha	divertimento	solidariedade	autoconfiança	solidão	entusiasmo	confiança	inferioridade	intimidade	segurança	raiva	orgulho	energia	decepção	calma interior	liberdade
Posição A – Alguém que busca reconhecimento																							
Valoração no.																							
1 Valor de família	4	1	3	2	4	3	4	2	3	4	4	1	4	4	1	3	3	2	4	4	1	3	2
2 Família	4	1	3	2	4	3	4	2	3	4	4	1	4	4	1	3	3	2	4	4	1	3	2
3 Profissional	3	2	4	4	4	4	3	1	2	3	4	1	4	3	2	2	2	1	3	4	1	2	3
4 Família e namorado	4	2	4	2	3	3	2	1	4	4	3	1	2	3	1	4	3	2	3	2	1	3	2
5 Trabalho	4	3	4	3	4	3	3	2	3	3	4	1	3	3	2	3	4	2	4	4	1	3	4
6 Amigos	3	2	3	2	3	2	4	1	3	4	3	1	3	3	2	4	3	1	2	4	2	3	3
7 Objetivo = posição	4	2	4	3	4	3	4	2	3	3	4	2	4	4	2	3	4	2	3	4	1	3	3
Sentimento geral	3	2	3	3	3	4	3	1	2	3	3	1	4	3	2	3	3	2	3	4	2	1	2
Sentimento ideal	4	1	4	3	4	2	4	1	4	4	5	1	5	4	1	4	5	1	4	5	1	4	4

Protocolo 18

	Alegria	impotência	auto-estima	ansiedade	felicidade	preocupação	força	vergonha	divertimento	solidariedade	autoconfiança	solidão	entusiasmo	confiança	inferioridade	intimidade	segurança	raiva	orgulho	energia	decepção	calma interior	liberdade
Minha namorada																							
Valoração no.																							
1 Primeira namorada	4	4	3	5	4	4	3	0	4	2	3	1	5	4	1	5	3	5	1	1	4	1	5
2 Muito influenciado	5	4	4	4	5	2	4	1	5	4	5	2	4	5	0	3	4	1	4	3	2	4	5
3 Vida íntima	5	4	5	3	5	3	4	2	5	3	4	3	3	3	1	4	5	0	4	2	2	3	5
4 Várias pessoas	5	4	4	3	4	3	5	1	4	3	5	4	2	2	0	4	4	0	4	4	4	5	5
5 Sim, vou ter	3	3	3	2	3	2	1	3	2	4	3	1	0	3	2	3	1	3	2	4	3	1	4
6 Amigos e amigas	5	1	5	0	4	0	4	0	4	4	4	1	4	5	0	5	4	3	4	3	3	4	5
7 Nada palpável	5	0	3	4	4	1	4	0	3	4	5	1	5	1	3	4	3	4	4	5	1	4	5
Sentimento geral	4	3	4	5	3	2	5	0	3	4	3	2	3	3	4	5	3	4	5	3	1	4	5
Sentimento ideal	5	0	4	4	5	3	5	0	4	4	4	0	2	4	2	5	3	4	5	5	0	4	5
Exigente																							
Valoração no.																							
1 Vários fatores	3	3	4	4	2	1	5	1	3	4	3	5	1	4	3	2	4	3	5	1	5	2	3
2 Pessoas e circunst	4	3	3	3	2	1	4	3	1	3	2	4	4	3	3	2	4	3	5	2	3	3	3
3 Facul, pais, namor	2	2	3	2	3	2	3	4	2	4	3	4	3	2	2	2	2	3	2	3	4	3	3
4 Estereótipos	3	3	4	3	3	3	4	4	2	4	3	3	2	5	3	4	4	4	4	3	2	2	3
5 Não!	4	4	2	1	1	3	2	2	1	4	2	2	1	0	0	2	3	2	4	2	3	3	2
6 Grau da relação	3	3	4	3	5	2	3	4	2	3	5	3	4	1	2	3	5	4	4	4	3	3	4
7 Realiz. pessoal	2	3	4	2	3	5	4	3	1	4	3	2	4	4	3	5	2	3	3	3	5	3	3
Sentimento geral	3	3	4	3	2	3	3	2	1	4	4	2	4	3	3	4	3	4	4	3	2	4	4
Sentimento ideal	4	3	1	4	3	3	3	0	4	4	5	3	5	3	0	4	3	4	4	3	2	4	4